UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E
URBANISMO

GUSTAVO GARCIA DO AMARAL

O estádio contemporâneo: uma arquitetura
regeneradora de seu tecido urbano

São Paulo

2013

GUSTAVO GARCIA DO AMARAL

O estádio contemporâneo: arquitetura regeneradora de seu
tecido urbano

Dissertação apresentada à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de
mestre em arquitetura e urbanismo

Área de concentração: Projeto de
Arquitetura

Orientador: Prof. Dr. Paulo Júlio Valentino
Bruna

São Paulo

2013

Nome: AMARAL, Gustavo Garcia do

Título: O estádio contemporâneo: uma arquitetura regeneradora de seu tecido urbano

Dissertação apresentada à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de
mestre em arquitetura e urbanismo

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Inúmeras pessoas contribuíram para que este trabalho pudesse ser realizado, portanto, agradeço toda a ajuda e auxílio que me foram prestados. Porém, desejo especialmente manifestar minha gratidão àqueles que foram determinantes na concretização deste trabalho.

Ao meu orientador, professor Paulo Júlio Valentino Bruna, a quem dirijo meu respeito e reconhecimento e com quem divido os resultados obtidos neste trabalho pelas discussões, apoio e motivação que me levaram a alcançar objetivos que pareciam distantes.

À professora Elane Ribeiro Peixoto, que me acolheu no estudo da cidade contemporânea, sugerindo e indicando caminhos que jamais serão esquecidos.

À professora Deusa Maria Rodrigues Boaventura, pelos válidos conselhos.

À Aline Valverde, pela sua confiança, pelo seu apoio incondicional, pela compreensão e pela sua presença nos momentos de prova.

E, com grande importância, à senhora Elza Garcia do Amaral, minha mãe, e ao senhor José Cassiano do Amaral, meu pai. A sua simples presença ao meu lado sempre foi o alento necessário para que eu superasse todos os percalços encontrados ao longo do caminho.

*And wherever you've gone, and wherever we might go,
It doesn't seem fair; it seems too light in here
Your lights are reflected now, reflected from a far
We were but stones; your light made us stars*

Dedico este trabalho com todo meu amor à memória de meu pai, que, dentre outras coisas, me ensinou a ser rubro-negro e apreciador do esporte nas suas mais variadas manifestações.

RESUMO

AMARAL, G.G. *O estádio contemporâneo: uma arquitetura regeneradora de seu tecido urbano*. 2013. 188 f. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

A partir da segunda metade do século XX, o futebol consolidou-se como um importante ramo da indústria do entretenimento no Brasil e assim sendo, deflagrou a necessidade de se projetar novos estádios, mais eficientes especialmente no que tange os processos de requalificação do seu entorno construído. O crescimento desordenado das cidades brasileiras a partir das décadas de 1960 e 1970, conjugado ao desenvolvimento da indústria do futebol expuseram a incapacidade dos grandes estádios brasileiros, construídos na sua maioria em concreto armado durante o regime militar, de se tornarem peças centrais em processos de regeneração urbana e nem mesmo de acomodar com qualidade seus espectadores. Portanto, o presente trabalho visa reavaliar o arquétipo do estádio de futebol contemporâneo verificando a presença de estratégias projetuais que permitam a estes edifícios tornarem-se qualificadores do espaço construído, especialmente neste momento em que o país será sede de mega eventos esportivos, como a Copa do Mundo e os jogos olímpicos. Além disto, a organização destas competições, juntamente com a consolidação da indústria esportiva nacional, deve ser compreendida como uma possibilidade de desenvolvimento de sistemas de infraestrutura urbana e políticas sociais que contribuam para a regeneração de áreas urbanas subutilizadas. Sendo assim, o presente resumo sintetiza os resultados obtidos com a dissertação de mestrado intitulada: *O estádio contemporâneo: uma arquitetura regeneradora do seu tecido urbano*. Inicialmente, o trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica em periódicos internacionais, como: *European Urban Studies*, *Urban Environment*, *Built Environment*, *Town Planning Review*, *Annals of Regional Science*, *Economic Development Quarterly*, *Urban Studies*, *Tourism Management*, *Journal of Sport Management*, *Leisure Studies*, *World Leisure and Recreation Studies*, *Journal of Urban Affairs*, *Sb Magazine*. Posteriormente, a metodologia aplicada a pesquisa utilizou-se da análise de estudos de caso, que apontaram os aspectos arquitetônicos que contribuíram para que os edifícios analisados tornassem-se regeneradores, e não desagregadores de seu contexto urbano. Portanto, o estudo concentrou-se na análise dos estádios de futebol contemporâneos, construídos como sedes de competições internacionais, a partir da compreensão das estratégias projetuais presentes nestes edifícios propostos como requalificadores de seu contexto urbano. Os resultados obtidos pelo estudo indicaram que as tendências arquitetônicas apresentadas pelos estádios contemporâneos são consequências de transformações morfológicas ocorridas durante o século XX que incorporaram ao edifício novas tecnologias e sistemas construtivos que reafirmam a sua função enquanto regeneradores de tecidos degradados. A necessária ligação ente o estádio e o seu contexto urbano demanda que estes sejam concebidos conjugadamente com sistemas de infraestrutura, possibilitado ao edifício estar inserido na malha consolidada de grandes cidades, uma condição fundamental para que estes equipamentos consolidem-se enquanto pontos focais de sua estrutura espacial. Desta forma, o estudo dos estádios contemporâneos, sedes de grandes eventos esportivos, possibilitou identificar as diretrizes de projeto e planejamento que possibilitam repensar esta tipologia arquitetônica, propondo uma integração coerente com a malha consolidada de sua cidade, permitindo assim que o mesmo seja parte integrante de processos de regeneração urbana.

Palavras-chave: regeneração urbana, estádios, mega eventos, projeto de arquitetura.

ABSTRACT

AMARAL, G.G. *The contemporary stadium: an urban regeneration architecture*. 2013. 188 f. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Brazil, has been well known worldwide for its deep relation with soccer as its national sport. Through the last century this sport modality has become a strong branch of the entertainment industry and it has brought with it the need of more efficient stadia specially regarding the urban regeneration aspect. The massive growth of Brazilian cities during the 60's and 70's and the development of soccer industry in the last decades have exposed the incapability of Brazilian's huge concrete bowls built for soccer practice during the military regime to function as catalysts of urban change nor to accommodate fans. Clearly there is a great need of reviewing the archetypal of Brazilian stadia since the country will be the next host of the two greatest contemporary mega-events: the World Cup and the Summer Olympics. Furthermore, hosting this mega-events and the settlement of its sports industry can be understood as a possibility to develop urban infrastructure systems and social policies contributing for the regeneration of underdeveloped urban areas. Therefore, this abstract summarizes the results obtained with the dissertation entitled: *The contemporary stadium: an urban regeneration architecture*. Initially, the work was developed from a bibliographical research in international journals such as: *European Urban Studies*, *Urban Environment*, *Built Environment*, *Town Planning Review*, *Annals of Regional Science*, *Economic Development Quarterly*, *Urban Studies*, *Tourism Management*, *Journal of Sport Management*, *Leisure Studies*, *World Leisure and Recreation Studies*, *Journal of Urban Affairs*, *Sb Magazine*. This research focus on the analysis of the contemporary stadia built for mega-events starting from the comprehension of the design strategies proposed by these buildings which expect to become the centerpieces of a process of urban renewal. The research understands that the design trends proposed by contemporary stadia is a consequence of a set of architectural morphological transformations occurred during the 20th century, which incorporated new technologies and building systems to its conception, confirming a new function to this typology of building also responsible for the urban regeneration of parts of the city. The connection between the stadium and its surroundings suggests that this buildings must be designed together with infrastructure systems, which allow these great sports buildings to be placed near the city centre, a fundamental condition for these facilities to achieve the status of architectonic monument. Therefore, the systems of mass transportation are a key element on the stadia proposal, especially in the cases where these building will be venues of important sports events such as the summer Olympics or the World Cup. A critical analysis of contemporary stadia will identify the relation between this buildings and its host cities, using the mass transportation systems planned for mega-events since Atlanta 1996 as an object of the study as well as the architectonic aspects that contribute for the stadium to boost the regeneration process instead of becoming a burden to the host city.

Key words: urban regeneration, stadium, mega events, architecture design.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O jogo e a nova aldeia global.....	09
------------------------------------	----

CAPÍTULO 1

O século XX e as cinco versões de estádios

1.1 Estádio de futebol moderno e a indústria do entretenimento.....	23
1.2 Os Estádios tornaram-se símbolos de uma cultura de massa.....	27
1.3 Cinco versões de estádios.....	35
1.3.1 Os estádios como puderam ser	37
1.3.2 O edifício esportivo segundo o aparelho televisor.....	44
1.3.3 O edifício esportivo segundo o parque temático.....	52
1.3.4 O edifício esportivo segundo o poder do capital.....	58
1.3.5 O edifício esportivo como evento arquitetônico.....	63

CAPÍTULO 2

A imagem, os estádios, e os eventos esportivos

2.1 Megaeventos esportivos: possibilidades de redesenho das cidades-sedes.....	72
2.2 A Copa do Mundo de Futebol: possíveis transformações urbanas em escala nacional.....	75
2.3 A definição de legado? O que regenerar e para quem?.....	81
2.4 Estádios contemporâneos: variáveis em amplos processos de transformação urbana.....	85
2.5 O estádio contemporâneo e a sua relação com os sistemas de mobilidade urbana.....	88
2.5.1 Os Jogos Olímpicos de Atlanta, 1996.....	92
2.5.2 Os Jogos Olímpicos de Sidney, 2000.....	95
2.5.3 Os Jogos Olímpicos de Atenas, 2004.....	98
2.5.4 Os Jogos Olímpicos de Pequim, 2008.....	102
2.5.5 A Copa do Mundo da África do Sul.....	104
2.5.6 Os Jogos Olímpicos de Londres.....	111

CAPÍTULO 3

Os estádios de futebol de última geração

3.1 O impacto econômico decorrente da construção de estádios de futebol.....	114
3.2 A forma como estratégia de sobrevivência: o estádio de futebol, um monumento da metrópole contemporânea.....	129
3.3 O estádio olímpico de Londres.....	136

CAPÍTULO 4

Estádios de futebol: edifícios qualificadores do espaço público

4.1 Stade de France – Saint Denis, Paris, 1998.....	147
4.2 Sangam Stadium – Seul, Coreia do Sul, 2002.....	157
4.3 Olimpiastadion, – Berlim, Alemanha, 2006.....	167
4.4 Moses Mabida Stadium – Durban, África do Sul, 2010.....	174

CONCLUSÃO

O estádio regenerador do espaço urbano.....	183
--	------------

REFERÊNCIAS.....	189
-------------------------	------------

INTRODUÇÃO

O jogo e a nova aldeia global

Representar os valores de uma cultura através da arquitetura não é um privilégio do mundo contemporâneo. Desde os tempos mais remotos, desenhos e gravuras registrados em paredes de cavernas retratavam passagens de seu comportamento, comprovando que esta ação esteve presente na história humana por inúmeras gerações. Com o passar dos séculos, o cotidiano deixou de ser representado apenas por pinturas rudimentares, passando a inspirar a construção de edifícios monumentais que se tornaram símbolos das culturas e das cidades que os abrigavam.

Assim, a construção de edifícios monumentais estabeleceu-se como uma prática comum entre os povos. Desde a antiguidade, civilizações de origens culturais diversas elegeram ícones que eram capazes de identificar seu próprio povo, suas próprias crenças e tradições. Além disso, esses símbolos representavam também uma legítima demonstração de poderio militar, econômico e político.

Ao examinarmos a história do mundo ocidental, encontraremos edifícios que foram construídos em diferentes momentos com a função de representar determinadas características culturais. Dentre esses, podemos citar o Coliseu Romano, onde os ideais de competição e conquista da cultura romana eram exaltados por árduas disputas, trazendo aos olhos dos espectadores um simulacro dos campos de batalha em forma de entretenimento. Ainda as catedrais góticas, que, além de exaltar a espiritualidade local, representavam também o centro cívico e cultural de suas cidades. Os edifícios e as igrejas renascentistas, concebidos com base em teorias e técnicas, que expressavam o pensamento humanista são outros exemplos que podem ser citados.

Ao tratar da arquitetura cívica no conjunto acadêmico, não se deve perder de vista uma das mais importantes realizações da arquitetura tradicional: a inserção do mais grandioso monumento na malha urbana mais convencional, de modo que esta reconhecesse a supremacia do primeiro, e aquele contribuísse para a dignidade desta última. (PALAZZO, 2006, p. 16).

Assim sendo, apesar da distância cronológica e cultural existente entre cada uma das edificações e eventos mencionados anteriormente, é possível identificar uma semelhança entre os mesmos: o seu valor simbólico perante a cultura na qual estão inseridos.

Contemporaneamente, a construção de edifícios e espaços urbanos renovados passou a ser interpretada como uma espécie de estratégia utilizada por países, regiões, estados e cidades para se tornarem um porto atraente para o capital privado. A construção de grandes edifícios e de espaços globalizados tornou-se uma prática disseminada entre cidades de países desenvolvidos e em desenvolvimento que buscavam chamar a atenção do mundo financeiro para o seu potencial como metrópole global. O mundo contemporâneo, portanto, elegeu ícones arquitetônicos, baseados nas suas tendências globais, que credenciam uma cidade qualquer a se candidatar à posição de centro global. Uma dessas tendências do mundo contemporâneo é a eleição de monumentos arquitetônicos baseados na sua natureza formal, em outras palavras, é o aspecto físico do edifício que lhe confere distinção na malha urbana onde este está inserido. Com isso, não são os fatos aos quais os edifícios se relacionam, ou ao passado que eles nos relembram, mas sim a sua condição atual, pois, segundo Palazzo (2006, p. 39), “trata-se de uma monumentalização fundamentada simplesmente na sua natureza, ou seja, naquilo que o edifício é”.

No contexto urbano contemporâneo, determinado pela lógica capitalista, o esporte também assumiu a sua parcela de comercialização. Dessa forma, enquanto as sociedades desenvolviam-se em um mundo industrializado e dominado pelo poder do capital, o esporte encontrou seu caminho dentro dessa nova realidade, deixando de ser apenas uma prática armadora, desenvolvida em meio às classes de trabalhadores das sociedades industriais, para tornar-se uma atividade profissional, na qual os atletas passaram a ser remunerados pelo clube o qual defendiam. Essa mudança acarretou profundas alterações na organização esportiva mundial, que, a partir da segunda metade do século XX, passou a estruturar-se aos moldes dos empreendimentos comerciais e industriais. Com sua difusão mundial, o esporte consolidou-se como uma das principais atividades de lazer das massas a partir da segunda metade do século passado.

À medida que os meios de comunicação proporcionavam condições para que as grandes distâncias fossem vencidas, permitindo que espectadores acompanhassem os eventos mesmo não estando presentes *in loco*, as competições esportivas ganharam cada vez mais adeptos e fãs, despertando o interesse de grandes corporações.

Três fatores foram determinantes para crescimento do interesse de grandes empresas sobre o esporte, durante a segunda metade do século XX: o advento do aparelho televisor, a revolução digital e a internet. Com a invenção da TV o esporte passou a ser entendido como fonte de lucratividade por grandes corporações ligadas ao ramo das telecomunicações. Assim, grandes cifras passaram a ser investidas em infraestrutura capaz de transmitir os principais jogos. Não satisfeitas apenas com a transmissão dos eventos, as grandes corporações investiram em times e campeonatos, transformando o esporte, como um todo, em um mercado milionário, aos moldes do cinema hollywoodiano, de modo que os jogadores não obtinham sucesso apenas em virtude do papel de atleta, mas também em razão de sua capacidade de promover as marcas que patrocinam seus times.

Dentro desse contexto de explosão e afirmação do esporte, o futebol tornou-se uma manifestação cultural global, praticado em várias partes do mundo. Sendo assim, o processo de globalização, questionado por aniquilar preexistências culturais, passou a ganhar legitimidade quando aliado à prática esportiva. Hoje, a realização de uma Copa do Mundo em um determinado país não dependeria de nenhuma tradição futebolística anterior, mas sim da capacidade dessa nação de prover a infraestrutura necessária para atender à competição e a todo o sistema de geração de imagens que é vendido e transmitido para todos os cantos do planeta.

Portanto, pode-se afirmar que o futebol tornou-se um importante elemento da nova cultura global, fenômeno atribuído à capacidade esportiva de renovar-se e de reinventar-se. Esse cenário de mudanças e de um desenfreado crescimento da popularidade desse esporte, como entretenimento de massa, acarretou alterações profundas nos edifícios que abrigavam tais competições. Os estádios e complexos esportivos, que em um primeiro momento tinham a função de atender a um programa específico e limitado, transformaram-se em *pools* de serviços e comércios, na medida em que a atividade esportiva deixou de ser a função exclusiva dessas edificações. O processo de transformação que determinou novos programas de necessidades para aeroportos, museus, estações de trens e monumentos históricos restaurados, dando-os características comuns aos *shoppings centers*, a partir das últimas décadas do século XX, passa também a nortear a concepção dos estádios contemporâneos.

Os estádios de futebol absorveram essas mudanças em seu programa a partir de várias inovações: arquibancadas cada vez mais verticalizadas e capazes de inserir esses edifícios em uma malha urbana consolidada; coberturas retráteis que imunizam o jogo de qualquer possível

intervenção climática; telas de cristal líquido que animam a plateia no intervalo da partida e expõem informações sobre os times e seus jogadores; redes de transporte de massa e vias de grande fluxo, que possibilitam o acesso rápido a esse equipamento e sua locação em áreas adensadas; inovações tecnológicas que permitem que o gramado, assim como as arquibancadas, movimentem-se aumentando e diminuindo o espaço interno do estádio, possibilitando o seu uso para outras finalidades que não sejam esportivas. As dependências do estádio contemporâneo não têm mais apenas a finalidade de abrigar milhares de pessoas que acompanham o jogo de corpo presente, mas de também possibilitar a instalação de dezenas de câmeras e quilômetros de cabos ópticos que transmitem a partida para bilhões de telespectadores espalhados ao redor do mundo.

Os estádios de futebol passaram a incorporar soluções arquitetônicas que os transformavam não apenas em edifícios, mas em símbolos das cidades que os abrigavam. Incorporados à lógica de constante competição entre cidades que aspiram ao título de metrópoles mundiais, esses estádios libertaram-se da necessidade da existência de vínculos a um determinado time ou campeonato, da mesma forma que outras estruturas genéricas¹ pertencentes à lógica da cidade global, que se encontram livres de qualquer ligação com o centro ou com qualquer preexistência local. No entanto, apesar dessa aproximação com essas estruturas genéricas, a legitimidade do esporte colocou a nova tipologia dos edifícios esportivos à parte das incongruências, incoerências e ironias dos ícones arquitetônicos do século XXI.

Assim, a ascendência do esporte como cultura mundial determinou um novo papel para o edifício esportivo no contexto urbano. Os estádios contemporâneos, quando aliados a um amplo planejamento de desenvolvimento urbano, possuem um importante papel financeiro e político em relação às cidades que os abrigam, transformando-se em um evento arquitetônico de projeção internacional, capaz de reafirmar a condição global de grandes metrópoles como Madri, Barcelona, Milão e mesmo de outras cidades como Tóquio, Pequim

¹ O arquiteto holandês Rem Koolhaas (KOOLHASS; CHUNG ; INABA; LEONG, 2001) estabeleceu a ideia de “cidade genérica” a partir de uma série de estudos sobre fenômenos comuns às metrópoles mundiais. Com forte apelo visual em virtude do bombardeio de imagens e cores, a cidade genérica é uma estrutura fragmentada, conectada mediante um amalgama de redes de comunicação, transmissão e locomoção. O constante estado de construção é uma de suas características. À medida que novos pontos da cidade demonstram potencial para se tornarem genéricos, a cidade preexistente é substituída dando lugar a um tecido monitorado, com forte poder de indução de imagens, estabelecendo o palco para a atuação das principais estruturas espaciais da cidade genérica, os hipermercados, *shoppings*, condomínios horizontais fechados e intervenções arquitetônicas públicas de visibilidade internacional.

ou Seul, que apesar de não terem o futebol como um esporte popular possuem um grande número de estádios de última geração.

Com a chegada do século XXI, os edifícios esportivos assumiram um novo papel dentro do contexto urbano contemporâneo. Essa nova atribuição dos estádios contemporâneos tem a habilidade de impulsionar a reconfiguração de áreas degradadas de cidades antigas, por conta de sua capacidade de proporcionar o surgimento de elementos capazes de transformar a vida urbana de uma região. Dentre esses elementos, destaca-se a capacidade que as estruturas esportivas têm de aglutinar um grande número de eixos de mobilidade urbana, especialmente aqueles dedicados ao transporte público.

Nesse sentido, a implantação de um edifício esportivo contemporâneo pode fomentar o surgimento de novas áreas residenciais, zonas comerciais especificamente ligadas à prática esportiva e áreas de lazer conectadas, assim como meios de transporte de massa, ao passo que podem inserir uma localidade dentro de uma rede mundial de cidades atendidas por todos estes elementos que acompanham a prática esportiva, como afirma Rod Sheard (2004, p. 116) em *The Stadium*.

Assim, a característica determinante para a concepção de estádios no século XXI será o seu potencial enquanto ferramenta regeneradora de tecido urbano e o seu papel iconográfico dentro do contexto global que tem como objetivo inserir cidades contemporâneas dentro de um *continuum* global. Dessa forma, os estádios contemporâneos última geração são obras arquitetônicas menos legíveis que as gerações anteriores de estádios, podendo ser classificados e identificados pela sua importância dentro do cenário global e pelo seu potencial de regeneração regional. (Tradução nossa).

Nesse contexto, estádios como Amsterdã Arena, idealizado como ponto principal da candidatura de Amsterdã aos jogos Olímpicos de 1992, o Stade de France, projetado para Copa do Mundo da França em 1998, o Sapporo Dome, projetado em 2001 para a Copa do Mundo realizada no Japão em 2002, o Emirates Stadium, sede do Arsenal F.C., concluído em 2007, são exemplos de estádios propostos como peças principais de planos de “regeneração urbana”² do tecido periférico das cidades onde se inserem.

² The most basic notion of urban revitalization is simply the idea that a neighborhood, once alive with economic and social activity, will recover and again become a thriving community (COATES; HUMPHREYS, p.66, 2006).

Além do uso esportivo, os estádios contemporâneos tornaram-se equipamentos multifuncionais, passando a abrigar espetáculos musicais, teatrais, convenções, hotéis, restaurantes, museus, complexos de escritórios e uma infinidade de atividades comerciais, esportivas ou não, que dialogam com o entorno urbano desses edifícios não apenas em dias de jogos. Para tanto, esses edifícios buscam estabelecer uma relação direta com zonas consolidadas da malha urbana das cidades que os abrigam e por meio de linhas de transporte de massa que os conectam com as demais áreas da cidade. Essa talvez seja a condição determinante para o sucesso dos grandes complexos esportivos concebidos como regeneradores de tecidos urbanos degradados e subutilizados.

Com isso, a construção de avançados complexos esportivos permite que grandes cidades renovem trechos de seu tecido urbano, assim como seus sistemas de infraestrutura, e assim estejam credenciadas a sediar grandes competições esportivas como os jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol. Essas grandes competições podem acelerar o processo de regeneração urbana propostas inicialmente pelos projetos dos estádios contemporâneos em virtude da grande publicidade gerada por tais eventos, pelo grande apelo turístico dessas competições, assim como pela oportunidade de aplicação de investimentos em todos os sistemas de infraestrutura urbana.

Megaeventos esportivos, como os Jogos Olímpicos ou Copas do Mundo, têm emergido como um aspecto significativo em sociedades pós-industriais, onde a promoção de "espetáculos urbanos" tornou-se um elemento-chave da política urbana e econômica. (HARVEY, 1999, p. 98).

Portanto, o edifício esportivo contemporâneo também pode ser entendido como um equipamento urbano estratégico, capaz gerar uma nova centralidade e desencadear transformações importantes no tecido onde este se insere.

Mais que um edifício esportivo, os estádios de futebol atuais são parte integrante do contexto urbano da cidade contemporânea, conectando-a a uma série de redes de fluxos, de telecomunicações e a um espaço virtual global, tornando-se assim parte da experiência urbana e em especial metropolitana. Mais que simples edificações, os estádios de futebol representam um ícone dentro do contexto urbano de uma cidade ou de uma região.

MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

A real medida do sucesso não são os preparativos para o evento, nem mesmo o próprio evento, mas os benefícios deixados para a cidade após a realização deles. (MENDEZ, 2010, tradução nossa).

Grandes eventos de impacto internacional estiveram sempre presentes na história de todos os países. Sejam esses eventos manifestações religiosas, políticas, culturais ou de natureza competitiva, eles tornaram-se acontecimentos centrais no dia a dia de cidades ou até mesmo de nações inteiras, dominando o interesse de grandes populações, não apenas durante os dias de seu acontecimento, mas também durante os meses dedicados a sua preparação.

Durante o período de expansão industrial europeia a construção de grandes edifícios esteve, na maioria dos casos, ligada à realização de grandes eventos, tais quais as exposições e feiras internacionais, que acima de tudo tinham o objetivo de divulgar a capacidade produtiva e o avanço tecnológico das nações mais desenvolvidas. Esses eventos representavam uma oportunidade de divulgação das realizações de um determinado país e, portanto, atraíam a atenção das demais nações industrializadas em busca de oportunidades de negócios e de inovações tecnológicas. Vale lembrar, com Essex; Chalkley (1999, p.371), que a “primeira feira internacional de Londres em 1851 teve como principal objetivo não apenas apresentar os avanços da nova lógica industrial, mas ao mesmo tempo afirmar a condição britânica como potência global”.

Além do apelo cívico capaz de unir toda uma população em torno da realização de um grande evento, esses acontecimentos foram utilizados pelas cidades que os sediam como uma oportunidade para realizarem grandes transformações em seu meio ambiente construído. Como um exemplo disso, Mendez (2010) cita a Worlds Columbian Exposition³ de Chicago em 1893. Nessa ocasião, a cidade utilizou-se da grande exposição internacional para apresentar a implantação do primeiro sistema de energia elétrica à sua população e aos

³ A exposição internacional de Columbia, organizada de maio a outubro de 1893, celebrou a entrada de Columbus em um novo mundo de desenvolvimento industrial. Esse evento tornou-se um momento importante para a história de Chicago assim como de todos os Estados Unidos. Quando a exposição foi inaugurada, fazia apenas 22 anos que um imenso incêndio havia devastado a cidade, da mesma maneira que apenas 28 haviam se passado desde o final da guerra civil americana. Com isso, a exposição internacional de Columbia aproximou os líderes econômicos americanos de países europeus industrialmente desenvolvidos, redefinindo assim as diretrizes culturais e sociais de uma comunidade fragmentada pelos eventos descritos acima.

participantes do evento. Da mesma maneira a autora ainda cita a Torre Eiffel, edificada em Paris em 1889, como o exemplo mais conhecido de monumentalidade e permanência de um edifício erguido em função de grandes eventos internacionais.

Nesse sentido, durante o século XX o mundo contemporâneo observou a popularização do esporte. A partir da sua segunda metade, os avanços feitos nos sistemas de telecomunicações e a velocidade da informação transformaram a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos em grandes eventos de impacto internacional. A realização de um desses grandes eventos esportivos significa uma oportunidade de atrair a atenção global, transformando as cidades-sedes dessas competições em um portal de conexão entre a comunidade local e o mundo.

A grande atenção da mídia internacional, assim como a oportunidade de investimentos atrai um grande número de cidades e países a se candidatarem como sede das próximas Olimpíadas ou Copa do Mundo. Dessa maneira, essas cidades se comprometem com a elaboração de grandes projetos de infraestrutura urbana e principalmente com a provisão de grandes estádios, alinhados com as exigências dos eventos para os quais foram edificadas e principalmente que afirmem o *zeitgeist* de um centro urbano como metrópole global. Portanto, desde as últimas décadas do século XX os grandes eventos esportivos transformaram-se em um importante processo de globalização. Sobre essa tendência, Short (2004, p.25) afirma que “os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo se tornaram um importante processo de globalização, sendo capazes de reafirmar e consolidar o *status* de cidade global a cidade-sede” (tradução nossa).

Ainda sobre a importância de grandes eventos esportivos como a Copa do Mundo e a os Jogos Olímpicos, Kassens (2009, p. 25) afirma o que segue:

Ao longo das últimas três décadas, o número de cidades que se candidatam como sedes desses eventos cresceu exponencialmente. Nos últimos anos, mesmo cidades em desenvolvimento como Cape Town na África do Sul ou Pequim na China entraram na disputa para sediar grandes competições esportivas e ambas tiveram êxito. (Tradução nossa).

No entanto, a construção de um estádio contemporâneo não se resume apenas no edifício em si, mas na elaboração de múltiplas estratégias de planejamento que permitam a esse edifício contribuir com o desenvolvimento urbano, econômico e social de seu entorno edificado. Tais estratégias incluem o planejamento da ocupação do solo, a implementação de

sistemas de mobilidade e a elaboração de projetos que visem à exploração econômica e social de áreas subutilizadas da cidade-sede.

No caso específico do futebol, a sua difusão como esporte global levou a Fifa a ampliar o espectro de possíveis sedes. Assim sendo, países sem nenhuma tradição futebolística passaram a ser entendidos como possíveis sedes, como Japão (2002), Coreia do Sul (2002) ou África do Sul (2010). Mesmo não sendo um esporte popular nesses países, o futebol há muito já se fazia presente como evento de massa impulsionado por atletas como Ronaldos, Messi, Beckham entre outros nomes que assumem uma condição hollywoodiana a cada grande competição.

Assim como os países sem tradição futebolística, países em desenvolvimento também foram inseridos no circuito das grandes competições esportivas nos últimos anos. A maioria das edições realizadas ao longo do século XX aconteceu sempre em países desenvolvidos, que dispunham de sistemas de infraestrutura urbana capazes de absorver os impactos decorrentes da realização desses eventos e ao mesmo tempo prover os estádios necessários para os jogos.

A competição de 2010 será diferente de todas as Copas do Mundo anteriormente realizadas pela Fifa. Não apenas pelo fato de ser a primeira vez que essa entidade realiza uma de suas competições em solo africano, mas pelo fato de a África do Sul ser o país mais pobre e menos desenvolvido a sediar uma Copa do Mundo de futebol. Portanto, a África do Sul lidará com grandes desafios como país-sede. O país deve buscar equilibrar a necessidade de desenvolvimento sustentável e lucrativo com os padrões e prazos estipulados pela Fifa. (WOOD, 2008, p. 38, tradução nossa).

Em casos como o da África do Sul em 2010 ou bem como do Brasil, que sediará a Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos 2016, entidades como a Fifa ou o COI, atuam como importantes agentes de transformação urbana, uma vez que esses órgãos determinam os níveis de desempenho dos estádios e sistemas de infraestrutura necessários para o evento e por essa razão exercem grande influência sobre as intervenções e projetos urbanos e arquitetônicos, responsáveis pelo processo de regeneração. Sobre esse aspecto Kassens (2009, p. 4) define as entidades organizadoras desses grandes eventos esportivos como “atores com ideias explícitas sobre o desenvolvimento das cidades-sedes em uma posição capaz de influenciar e formular transformações urbanas futuras” (tradução nossa).

No entanto, especialmente em países em desenvolvimento, o planejamento necessário para garantir o desenvolvimento urbano econômico e social da cidade, em virtude da realização de uma Olimpíada ou Copa do Mundo, é na maioria dos casos deixado de lado. Isso levando em conta os prazos exíguos e a falta de conhecimento teórico e técnico sobre as intervenções necessárias para a realização desse tipo de evento. Essa realidade acarreta o estabelecimento de metas equivocadas, assim como a realização de intervenções que não se consolidarão como legado de desenvolvimento para cidade após o evento.

Mais importante que o prestígio e significado envolvidos na realização de um megaevento esportivo, as sedes devem elaborar planos e estratégias de planejamento que contemplem soluções para problemas urbanos atuais ao passo que estabeleçam diretrizes de desenvolvimento urbano e econômico no longo prazo. Em outras palavras, os estádios propostos por um centro urbano para a realização de um megaevento esportivo, assim como todos os sistemas de infraestrutura que o servem, devem atender às demandas do evento e principalmente serem parte integrante de intervenções futuras que visem ao desenvolvimento contínuo da cidade.

As entidades organizadoras e suas cidades-sedes tendem a se concentrar em um discurso sobre o legado edificado deixado por um grande evento esportivo. Porém, o grande legado deixado para o futuro das cidades deve ser uma nova postura sobre os projetos que visem ao desenvolvimento da cidade. As cidades-sedes devem desenvolver intervenções e projetos de infraestrutura que tragam benefícios no longo prazo. Barcelona, por exemplo, realizou em oito anos a expansão de sua infraestrutura urbana equivalente a cinquenta anos. (WOOD, 2008, p. 29, tradução nossa).

Especialmente no caso da Copa do Mundo, a elaboração de diretrizes de projeto conjugadas com estratégias de planejamento faz-se imprescindível, uma vez que para a realização desse evento é construída ou revitalizada uma grande quantidade de estádios em cidades que possuem necessidades, vocações e infraestrutura distintas.

Diferentemente dos Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo não representa um grande impacto em apenas uma cidade, mas em toda uma nação. Assim, coordenar um evento que dialoga com múltiplas escalas de planejamento, nas esferas federais, estaduais e municipais, é um desafio enorme e complexo. Da mesma maneira, os efeitos das decisões tomadas em virtude de um evento deste porte são observados em múltiplas escalas, no entanto os principais efeitos serão sentidos nas comunidades vizinhas aos grandes edifícios. Portanto, é importante considerar como

prioridade a permanência dos efeitos positivos trazidos por estes eventos, seja no seu entorno imediato ou na infraestrutura da cidade-sede como um todo. (MENDEZ, 2010, p. 32).

Entretanto, é surpreendente que mesmo com toda a tradição esportiva brasileira, com o grande número de estádios projetados por grandes nomes da arquitetura modernista e com a inserção do Brasil no circuito dos grandes eventos esportivos, o estudo dessas estruturas esportivas como projeto de arquitetura e sua interface com os centros urbanos esteve distante das pesquisas acadêmicas em arquitetura e urbanismo nos últimos anos. Essa realidade contribuiu para a falta de reflexões acerca da maneira como esses edifícios de grande escala podem ser inseridos na malha urbana consolidada de grandes cidades de maneira que possam se conectar aos sistemas de infraestrutura e, desse modo, tornarem-se indutores de desenvolvimento, ao invés de estruturas ociosas e subutilizadas implantadas nos vazios urbanos da malha urbana das grandes cidades.

Grande parte dos estudos e análises críticas desenvolvidas acerca do tema em questão baseia-se no grande número de estádios construídos nos Estados Unidos durante as décadas de 1980 e 1990. Dessa maneira, autores norte-americanos como Essex, Zimbalist, Noll, Euchner, Graton, Crompton entre outros desenvolveram, a partir da década de 1980, uma série de estudos que avaliaram de forma negativa o impacto econômico decorrente da construção de um estádio. Refere Crompton (1995, p. 14):

A maioria dos eventos esportivos e toda sua infraestrutura são subsidiadas diretamente por investimentos públicos. Entretanto, a crescente escassez de recursos levou a análises mais criteriosas e complexas sobre a viabilidade de sua implantação. Nesse sentido, houve um crescimento no número de propostas que se baseiam no impacto econômico positivo como principal justificativa para defender a construção de estádios a partir de financiamento público. No entanto a extensa maioria desses estudos é imprecisa. (Tradução nossa).

Apesar da importância dessas reflexões feitas pelos autores citados ao longo da década de 1990, Ahlfeldt e Maenning (2010, p. 630) afirmam que

[...] os impactos no longo prazo, que na maioria dos casos não são vistos de forma positiva, devem ser entendidos a partir da sua relação com um aspecto que foi frequentemente ignorado pela literatura especializada: a qualidade arquitetônica e o projeto urbano que compõem os estádios contemporâneos. (Tradução nossa).

Os autores ainda afirmam que apenas a análise da capacidade inerente a um estádio de gerar recursos e divisas para a sua cidade não representa uma análise completa do potencial de regeneração desse edifício, uma vez que

[...] exemplos de estádios construídos em várias localidades do mundo demonstram como um edifício esportivo que possui qualidade arquitetônica, sendo em alguns casos reconhecido como um ícone contemporâneo, podem contribuir para a criação de novos marcos urbanos e assim fomentar a criação de políticas de desenvolvimento local. (AHLFELDT; MAENNING, 2010, p. 632, tradução nossa).

Assim, o estudo da linguagem arquitetônica dos edifícios esportivos e da maneira como esses equipamentos devem ser inseridos no contexto urbano das cidades tornou-se um tema de grande importância mundial, especialmente com a afirmação crescente do esporte como elemento de entretenimento das massas.

A construção de um estádio adequado aos padrões internacionais tem-se configurado como uma oportunidade para que as cidades se insiram no circuito das grandes competições como Olimpíadas, Copa do Mundo e campeonatos mundiais nas mais diferentes categorias e modalidades.

Tornar-se sede de grandes competições esportivas estabelece a possibilidade de organização de planos de regeneração de áreas desvalorizadas pela dinâmica urbana das grandes cidades, além de uma grande oportunidade de captação de investimentos, organização do sistema de infraestrutura urbana e de grande exposição da cidade no cenário global.

Entretanto, a construção de um estádio de última geração em uma região pouco desenvolvida não é garantia de que os citados processos de regeneração acontecerão de forma eficaz. A construção de um estádio deve ser parte de uma ampla estratégia de planejamento pensada em longo prazo, com diretrizes claras de desenvolvimento e de reconversão do tecido urbano.

Nesse contexto, os estádios contemporâneos devem ser concebidos como ferramentas centrais inseridas em amplas estratégias de planejamento urbano, condicionando sua existência ao desenvolvimento de regiões urbanas pouco desenvolvidas. Sua implantação, o partido arquitetônico, os sistemas estruturais e de cobertura e a multifuncionalidade de seu programa são aspectos responsáveis por uma linguagem arquitetônica surpreendente que os torna capazes de conectar-se com seu contexto urbano.

Essa conexão com o seu contexto demanda que os estádios sejam pensados em conjunto com sistemas de infraestrutura urbana, capazes de permitir que grandes complexos esportivos multifuncionais estejam, cada vez mais, inseridos dentro da malha urbana consolidada das cidades que os abrigam.

Assim sendo, estabelecer uma referência com base em uma análise científica e crítica dos impactos gerados pela construção de grandes estádios torna-se pertinente, uma vez que o Brasil será sede de da Copa do Mundo de 2014 e dos jogos Olímpicos de 2016. Portanto, é de grande importância realizar uma análise crítica sobre as experiências vividas em outros países, que também foram sedes de grandes eventos esportivos, observando a relação entre os estádios e as cidades que os abrigam.

Além dos grandes eventos esportivos, é importante salientar que a construção de grandes estádios de futebol deve ser parte de uma iniciativa conjugada de consolidação da indústria esportiva nacional e de desenvolvimento urbano local. Portanto, cabe observar as experiências ocorridas em países como Inglaterra, Holanda, Itália, Espanha e Estados Unidos, observando a maneira como esses edifícios foram concebidos conjugando os interesses da indústria do entretenimento e do planejamento urbano local.

No Brasil, o futebol representa a principal modalidade esportiva, portanto o crescimento dessa prática como indústria do entretenimento acarreta a necessidade da concepção de edifícios mais eficientes, sobretudo no que diz respeito ao conforto oferecido aos espectadores e ao papel do edifício como qualificador do espaço urbano. A necessidade de reformulação e reconstrução dos estádios brasileiros é clara e poderá ser entendida como uma possibilidade de implementação de políticas de desenvolvimento das infraestruturas urbanas, dos programas de habitação e desenvolvimento social possibilitando a regeneração de regiões pouco desenvolvidas.

Dessa forma, o estudo das experiências contemporâneas na concepção e construção de grandes estádios permitirá apontar as diretrizes conceituais a serem observadas nas propostas para esse tipo de equipamento, assim como os aspectos arquitetônicos que contribuem para que esses edifícios tornem-se regeneradores, e não desagregadores de seu contexto urbano.

Observa-se a importância, para a crítica arquitetônica brasileira, de realização de estudos sobre as experiências arquitetônicas desenvolvidas em outros países como Inglaterra, Holanda, Espanha, Alemanha, Austrália e Estados Unidos, onde a construção de estádios e

equipamentos destinados à indústria esportiva já fomentou a realização de discussões científicas que estabeleceram reflexões sobre o potencial desse tipo de edifício em relação ao desenvolvimento de seu entorno.

Com isso, o foco desta dissertação será a análise dos estádios de futebol, projetados e construídos, para grandes eventos esportivos, como equipamentos capazes de redesenhar o tecido urbano onde estão implantados. Ao mesmo tempo, a pesquisa objetiva compreender as necessidades impostas por eventos esportivos como a Copa do Mundo de Futebol ou os Jogos Olímpicos, assim como a influência que estes exercem sobre o planejamento urbano dos grandes centros. Dessa forma, será possível identificar as diretrizes de projeto e planejamento que possibilitam repensar o arquétipo do estádio de futebol contemporâneo, propondo uma integração coerente com a malha consolidada de sua cidade, permitindo assim que ele seja parte integrante do processo de regeneração urbana.

CAPÍTULO 1

O século XX e as cinco versões de estádios

1.1 Estádio de Futebol Moderno e a Indústria do Entretenimento

O século XIX observou a migração desenfreada de massas populacionais do campo para as grandes cidades. Atraídos por oportunidades de empregos oferecidas pela sociedade industrial, os trabalhadores incham os principais centros urbanos que ainda possuíam uma infraestrutura medieval. Com isso, desenvolveu-se uma nova organização social, em que o proletariado enfrentava longas jornadas de trabalho e inadequadas condições habitacionais. Esses fatores tornaram-se problemas comuns às massas de trabalhadores dos principais centros mundiais. Assim, a baixa qualidade de vida da população urbana e a saúde frágil dos operários foram fatores determinantes para a idealização de planos que visavam a uma melhor qualidade de vida para toda a população.

Com o passar dos anos, as massas de trabalhadores organizaram-se em sindicatos que tinham a finalidade de pressionar o poder privado [em busca](#) de reivindicações em busca da melhoria da qualidade de vida dos operários industriais e de suas famílias. Em consequência disso, a sociedade proletária industrial alcançou resultados expressivos, como ganhos salariais, redução da jornada de trabalho, folgas semanais e férias.

Portanto, uma parcela da sociedade agora se encontrava com tempo livre, algum dinheiro no bolso e sedenta por algum tipo de atividade que os desligasse, mesmo que por algumas horas, do cotidiano urbano das cidades industriais. Como as casas de ópera, os hipódromos e os salões de belas artes eram reservados às classes abastadas, alguns empreendedores vislumbram a possibilidade de grandes lucros a partir do investimento em atividades que submetam o público a doses de emoção em troca de uma quantia acessível às massas industriais.

O resultado desse processo foi um crescimento espantoso de um novo mercado: o da diversão. A indústria do entretenimento criou a montanha-russa, em 1884, e o cinema, dez anos depois, em 1894. Em ambos os casos, a tônica é a mesma: expor o público consumidor a pequenas doses de emoção por um tempo determinado. Por outro lado, a produção cultural e artística migra para outras regiões fora do mundo europeu, permitindo que novas vanguardas fossem consolidadas longe das tradições dos grandes centros de produção cultural, como

Paris. Do encontro da produção artística do mundo europeu com o moderno mundo ocidental nasce o interesse pelos detalhes ocorridos no cotidiano das grandes cidades industriais. Retratar imagens e paisagens, dentro dos cânones da academia, com a máxima perfeição não é mais o objetivo da arte no mundo industrializado, uma vez que os novos aparatos tecnológicos permitiam que registros fossem feitos com exímia perfeição. Sendo assim, o dia a dia do homem comum transforma-se no tema preferido por artistas, representado com pinceladas rápidas que buscavam trazer para a tela a realidade das massas.

O principal exemplo da explosão do mercado do entretenimento se dá em Coney Island, uma ilha vizinha à Manhattam, no final do século XIX. Coney Island estabeleceu-se como polo de entretenimento para as massas trabalhadoras de Manhattam a partir da construção de um parque de diversões, o Steeplechase. Sobre a ilha de Coney Island, Nicolau Sevsenko (2001, p. 74) faz a seguinte afirmação:

Grandes fortunas se fizeram explorando esse anseio pelas “emoções baratas” entre as massas urbanas. Era o nascimento de um dos empreendimentos mais prósperos do século XX: a indústria do entretenimento. Em 1897 foi inaugurado em Coney Island, conexas à cidade de Nova York, o Steeplechase Park, criado por um especulador do mercado imobiliário, George Cornélius Tilyou, consolidando a idéia genial de associar em um mesmo ambiente todo um lote de diversões elétricas, vários cinemas e uma enorme montanha russa. O afluxo de público foi tão grande, os lucros tão estratosféricos, que o empreendimento não parou de mais de crescer. Em dez anos o parque de diversões se estendia por uma área de quase um quilômetro quadrado, tornando Coney Island o maior centro de entretenimento do mundo. Era o precursor das Disneylândias, dos parques temáticos e das estâncias turísticas, que mobilizaram multidões cada vez maiores e investimentos milionários, oferecendo sempre a mesma coisa em diferentes partes do mundo.

Dois instrumentos tornaram-se peças fundamentais para o registro do dia a dia das sociedades industriais, assim como para os novos caminhos tomados pela produção artística no final do século XIX: a máquina fotográfica e a imprensa. Sobre essa nova produção cultural, Hobsbawm (1994, p. 190) afirma:

Para a maioria dos talentos criativos do mundo não europeu que não estavam confinados por suas tradições nem eram simples ocidentalizadores, a tarefa principal parecia ser descobrir, erguer o véu e apresentar a realidade contemporânea de seus povos. O realismo era o movimento deles.

Sendo assim, no tocante à produção artística, o estabelecimento de uma sociedade urbana industrial em fins do século XIX sinalizava de maneira cada vez mais clara que o século XX transformar-se-ia no século do homem comum, dominado pela prevalência das artes produzidas por ele e para ele e pela consolidação de um novo veio de exploração financeira, a diversão das massas.

Esse processo de entretenimento das massas ganha força a partir do momento em que o raio de alcance da palavra e dos sons é alterado com a invenção do rádio. Logo após a sua invenção, o rádio ainda era um aparelho sofisticado e, por conta disso, figurava apenas entre as aquisições tecnológicas das famílias mais abastadas financeiramente. Porém, no fim da década de 1930, em meio à Grande Depressão, o número de aparelhos vendidos nos Estados Unidos alcançava a marca de 27 milhões. Com a produção em larga escala e com o avanço da tecnologia, o preço dos aparelhos de rádio caiu, tornando-os acessíveis à massa de desempregados. O rádio permitia estabelecer uma conexão com o mundo da informação, da música e de qualquer outra modalidade sonora. Ao contrário do cinema ou da imprensa escrita, o rádio não alterou de maneira profunda a maneira humana de perceber a realidade. Não estabeleceu novas conexões entre a percepção dos sentidos e a formação das ideias. Era um veículo para a fala, e não a mensagem. Mas a sua capacidade de alcançar a milhares de pessoas simultaneamente o transformou em uma poderosa ferramenta, fortalecendo o processo de desenvolvimento da indústria do entretenimento.

Talvez não surpreenda o fato de que a audiência do rádio duplicou nos anos da Grande Depressão quando sua taxa de crescimento foi mais rápida do que antes ou depois. Pois o rádio transformava a vida dos pobres, e sobretudo das mulheres pobres, presas ao lar, como nada fizera antes. Trazia o mundo a sua sala. Daí em diante, os mais solitários não precisavam ficar inteiramente sós. E toda a gama do que podia ser dito, cantado, tocado ou de outro modo expresso em som estava agora ao alcance deles. Surpreende, portanto, que um veículo desconhecido, quando a Primeira Guerra Mundial acabou, houvesse conquistado 10 milhões de lares nos EUA no ano da quebra da Bolsa, mais de 27 milhões em 1939 e mais de 40 milhões em 1950? (HOBSBAWM, 1994, p. 190).

Após a segunda metade do século XX, o impacto das inovações culturais e artísticas tornou menos revolucionário se comparado ao da primeira metade do século, porém a produção da indústria do entretenimento já era enorme em quantidade e impressionante em qualidade. Sobretudo nos Estados Unidos, onde, graças à consolidação de sua preponderância econômica, a produção cultural de massa tornou-se um produto de exportação aceito

globalmente. No campo da cultura de massa, o que não se engajava nos padrões do mundo americano era tido como provinciano.

A única exceção à dominação da cultura popular americana foi o esporte. Nesse setor, as modalidades esportivas americanas permaneceram restritas ao seu território. O esporte que o mundo tomou como seu foi o futebol, disseminado globalmente em forma de campeonatos de clubes. No entanto, nos princípios do século XX, mesmo com o surgimento das primeiras organizações, o futebol como esporte de massa ainda se apresentava em moldes eminentemente primitivos. Seus participantes e organizadores ainda não haviam sido absorvidos pela lógica capitalista. Os atletas ainda eram amadores, ou profissionais que ganhavam um salário não muito superior a um operário industrial qualificado.

Portanto, o mesmo processo de comercialização do entretenimento das massas percebeu no futebol a grande possibilidade de lucro, transformando o esporte no grande meio de entretenimento das sociedades industriais. A facilidade em organizar uma partida e a baixa demanda por infraestrutura contribuíram para o sucesso do futebol. O esporte afirmou-se rapidamente como uma atividade bastante praticada nas cidades europeias, já na primeira metade do século XX, tornando-se mundial com a realização da Copa do Mundo de 1930.

Em solo europeu, indústrias reuniam grupos de jogadores que se organizavam em campeonatos locais, proporcionando a diversão dos trabalhadores que se amontoavam em pé, nos arredores do incipiente campo construído em um espaço adjacente ao edifício industrial. Os jogos realizados aos finais de semana atraíam multidões em campos de treinamento sem acomodações suficientes. Dessa forma, surgiu a necessidade de se construir edifícios que respondessem a essas condições, assim, os estádios de futebol se proliferaram por várias localidades europeias no princípio do século XX, institucionalizando o esporte.

O esporte que o mundo tornou seu foi o futebol de clubes, filho da presença global britânica, que introduziu times com nomes de empresas britânicas ou compostos de expatriados britânicos do gelo polar ao Equador. Esse jogo simples e elegante, não perturbado por regras e/ou equipamentos complexos, e que podia ser praticado em qualquer espaço aberto, mais ou menos plano do tamanho exigido, abriu caminho no mundo inteiramente por seus próprios méritos, e, com o estabelecimento da Copa do Mundo em 1930 (conquistada 20 pelo Uruguai), tornou-se universal. (HOBSBAWM, 1994, p. 191).

1.2 Os Estádios tornaram-se símbolos de uma cultura de massa

A década de 1970 trouxe a política do Neoliberalismo,⁴ (Sevsenko, 2005, p. 35) que desencadeou um processo de competição entre as cidades mundiais. Deu-se início à corrida pela construção de edifícios monumentais capazes de chamar a atenção das principais corporações financeiras mundiais. Com isso, um edifício preparado para assumir o papel de ícone é um requisito indispensável a qualquer cidade que deseje ser conectada a rede de investimentos globais.

Aparentemente, a versão contemporânea da prática ancestral de construir edifícios monumentais teve início com a construção da Ópera de Sydney (1973), que possibilitou à capital australiana obter o *status* de Cidade Global, eliminando os demais concorrentes. A Ópera de Sydney tornou-se o mais conhecido cartão postal australiano e sede de inúmeros eventos de impacto internacional. O edifício fez de Sydney uma cidade conhecida mundialmente e esse aspecto contribuiu favoravelmente para a economia local e nacional. A respeito da Ópera de Sydney, Sheard (2004, p. 16) afirma:

Uma ironia, mais que um simples anacronismo deve ser observado no caso da Ópera de Sydney. Uma nação adolescente, com vários setores ainda em desenvolvimento e com princípios de igualdade entre a população, construiu fama e fortuna através de uma das mais rarefeitas e elitistas das indulgências, a ópera. (Tradução nossa)

O fenômeno desencadeado pela ópera de Sydney determinou uma nova tendência mundial, onde centros urbanos sem expressão buscavam o reconhecimento global através da construção de edifícios simbólicos. Segundo Sheard (2004), se tomarmos como exemplo qualquer cidade que almeje alcançar certo desenvolvimento econômico, será possível identificar a aplicação do “princípio da Ópera de Sydney” em algum momento de sua história. Um dos exemplos mais notáveis da aplicação do princípio da Ópera de Sydney é o Museu Guggenheim, projetado por Frank O. Gehry e concluído em Bilbao, em 1997. A cidade de Bilbao localiza-se ao norte da Espanha, em uma região que na década de 1990 apresentava-se ainda pouco desenvolvida em relação às demais áreas do país. Após a execução do projeto de Gehry, a cidade assumiu o seu lugar no mapa mundial do desenvolvimento econômico e do interesse midiático.

⁴ “Essa ideologia baseia-se no pressuposto de que a liberação do mercado otimiza o crescimento e a riqueza no mundo, e leva à melhor distribuição desse incremento. Toda tentativa de controlar e regulamentar o mercado deve, portanto, apresentar resultados negativos, pois restringem a acumulação de lucro sobre o capital e, portanto, impedem a maximização da taxa de crescimento”.

No entanto, a construção de edifícios iconográficos não é uma recorrente apenas em cidades de pequeno porte. Uma vez que o *ranking* das Cidades Globais é sempre atualizado, metrópoles conhecidas mundialmente, que aparentam não ter mais espaços e nem a necessidade de promover a sua imagem através de seus edifícios, dão sequência a esse processo de concepção e construção de uma arquitetura inovadora. Mas que tipo de arquitetura inovadora seria essa? Quais são os ícones globais contemporâneos? Que tipo de edifícios tem sido preferido como ícone de uma cidade?

Certamente, algumas publicações especializadas sobre o assunto apontam para a tipologia contemporânea dos museus, bibliotecas, galerias de arte e aeroportos como exemplos de atuais edifícios-ícones. Apesar disso, Sheard afirma que bibliotecas, galerias de arte e museus apresentam programas que, originalmente, dificultam a sua consolidação como símbolos do século XXI. Isso porque se trata de edificações cujo passado histórico secular sempre ligado à aristocracia, tornando-se espaço proibido para o cidadão comum. Mesmo assim, a lógica da cultura de massa transformou a tipologia arquitetônica dos museus, bibliotecas e galerias de arte do século XXI, na tentativa de aproximá-los da sociedade do espetáculo. Atrair cada vez mais visitantes passou a ser o principal objetivo desses edifícios, que assim tornaram-se o próprio espetáculo. No caso dos museus, a obra de arte, exposta no interior do edifício, passou a ter menos importância e divulgação que o partido arquitetônico e as soluções tecnológicas que o definem como obra de arquitetura e garantem a atenção dos meios de comunicação globais.

Apesar disso, o partido arquitetônico apresentado nessas edificações, impregnado de soluções surpreendentes, certamente possui um valor simbólico. Esse aspecto pode ser observado no caso de Bilbao. Não há como negar o *zeitgeist* de um museu construído a partir de *softwares* de modelagem tridimensional, que deram origem a um edifício composto por paredes de titânio contorcidas. Já os aeroportos são indiscutivelmente símbolos contemporâneos. Porém, é difícil afirmar que esses edifícios são reconhecidos e apreciados como ícones de uma cultura de massa, fora das páginas das revistas.

Os verdadeiros edifícios-ícones contemporâneos surgiram no final do século XIX. O sentimento de igualdade e de otimismo desencadeado a partir da Revolução Francesa e da Guerra pela independência americana apontava para a possibilidade de criação de um novo mundo. A revolução industrial proveu a tecnologia necessária para a concepção de edificações que atendessem às necessidades do mundo industrializado. Surgem os grandes pavilhões de

exposições, pontes e a possibilidade de vencer alturas cada vez maiores em edificações de pavimentos múltiplos.

A partir desse expediente, a cidade de Nova York institucionalizou o *skyscraper* como edifício símbolo da nova metrópole industrial. Com a ascensão econômica americana e o cenário mundial de dominação financeira e cultural, o *skyscraper* tornou-se presença garantida nas principais cidades americanas. Na segunda metade do século XX, com a crescente tendência de globalização, o edifício em andares múltiplos ultrapassa os limites do continente americano e começa a figurar em países periféricos, economicamente emergentes. Assim o *skyscraper* toma conta das principais cidades asiáticas: Hong Kong, Singapura, Dubai, Kuala Lumpur, Taipei, Xangai e Pequim.

No entanto, o *skyscraper* não se firmou como um ícone instantâneo da contemporaneidade no continente europeu. Na melhor das circunstâncias, o *skyscraper* produzido em solo europeu surgiu como uma característica mundial genérica, comum ao processo de globalização. Esse fato pode ser compreendido como uma tradição urbana de resistência, que tem como objetivo preservar especificidades e características locais, estabelecendo certa antipatia em relação aos ícones da cultura do “*greed is good*”⁵.

A partir da década de 1980, com a ascensão das transmissões via satélite e das redes de telecomunicações, a lógica capitalista transforma o esporte no novo símbolo da cultura contemporânea. As competições internacionais tornaram-se em eventos rentáveis, capazes de atrair a atenção de centenas de milhares de pessoas ao redor do globo.

A Copa do Mundo transformou-se no evento mais esperado e mais desejado pelas nações praticantes do esporte. E assim gigantescos estádios surgiram com inovações tecnológicas de ponta, soluções complexas e capacidade para receber grandes públicos. Esses edifícios, construídos para abrigar competições internacionais, tornavam-se o portal de conexão entre as cidades que os abrigavam e o restante do globo. Com o passar dos anos os estádios passaram a utilizar uma linguagem tecnológica capaz de transformá-los em pontos de referência de uma cidade ou região. Com o término da competição, as inovações arquitetônicas e o aporte tecnológico utilizado na concepção dos estádios possibilitavam que o

⁵ “*Greed is good*” (a ganância é um bem) – esse princípio foi utilizado pela primeira ministra britânica Margaret Thatcher para defender a implantação da nova ordem econômica neoliberal.

status trazido a uma cidade por sediar um jogo de Copa do Mundo perdurasse por vários anos por abrigar uma edificação de última geração e de impacto internacional.

O estádio do Maracanã, por exemplo, foi construído para a Copa do Mundo de 1950, apresentando o que havia de mais tecnológico dentro dos cânones modernos do concreto armado. O Maracanã foi conhecido durante muitos anos no cenário esportivo internacional por ser o maior estádio já construído no mundo. Entre os inúmeros recordes ostentados pelo gigantesco estádio está o de maior público registrado em uma Copa do Mundo, mais de 200 mil pessoas assistiram à derrota brasileira para a seleção uruguaia. Nos dias atuais o estádio do Maracanã teve sua capacidade reduzida para pouco mais de 120 mil espectadores em virtude das regulamentações e normas internacionais. Mesmo assim, esse edifício ainda é um dos mais importantes representantes dessa geração de estádios, concebida a partir dos paradigmas modernos.

No final do século XX, juntamente com as edificações esportivas, vários edifícios postulavam ao cargo de ícone do século XXI. Dentre eles os já citados museus, bibliotecas e galerias de arte, tecnologicamente avançados e com soluções arquitetônicas surpreendentes que os transformaram em edifícios-espetáculo, aproximando-os das grandes massas e os distanciando da ideia de espaços aristocráticos; os aeroportos, que relegam a sua condição de símbolo ao seu programa genérico disseminado mundialmente e ao fato de servirem ao trânsito de passageiros, uma condição básica da contemporaneidade; e o *skyscraper*, que por sua vez tornou-se símbolo do poder financeiro a partir do momento em que o livre fluxo de capitais os disseminou pelos principais centros comerciais mundiais. Porém, nenhum desses edifícios, considerados símbolos do século XXI, representavam programas arquitetônicos destinados ao uso das grandes massas. Na maior parte dos casos, a tipologia dos edifícios reconhecidos pela mídia como ícones da contemporaneidade é fruto da adequação de programas arquitetônicos, à lógica capitalista de competição entre cidades, mediante a utilização de partidos arquitetônicos altamente sofisticados.

O fato de que os demais edifícios considerados ícones contemporâneos não fossem programas originalmente destinados ao grande público talvez aproxime o edifício esportivo de uma condição mais coerente como representante da cultura de massa do século XXI. Historicamente, os edifícios esportivos, especialmente os estádios de futebol, foram espaços destinados ao entretenimento da população em geral. Desde as primeiras tipologias, surgidas no final do século XIX, a função primordial do estádio de futebol era acolher o maior número

de espectadores. Esse fato explica os registros de impressionantes públicos em partidas realizadas na década de 1890, que em muitas vezes ultrapassava-se a marca de 150 mil espectadores. Apesar da arquitetura incipiente e da falta de segurança e de conforto, esses edifícios abrigavam um espetáculo protagonizado por cidadãos comuns, ao alcance de todas as classes da população.

Obviamente, com os avanços tecnológicos e a consolidação do esporte como uma atividade lucrativa, o estádio de futebol também assumiu a sua versão altamente sofisticada, com uma linguagem de forte apelo visual e em harmonia com os condicionantes capitalistas. A partir da década de 1920, esses edifícios passaram a ser concebidos lançando mão do que existia de mais atualizado tecnologicamente. As estruturas em madeira deram lugar ao concreto armado, que passou a ser largamente utilizado na concepção dos estádios de futebol. Os edifícios esportivos passaram a ser caracterizados por grandes lances de arquibancadas, mais espaçosas, que permitiam aos espectadores assistir aos jogos sentados. Com isso, o sistema estrutural torna-se o elemento de maior importância visual do estádio, por conta de sua organização e ritmo. Em alguns casos o agenciamento do sistema estrutural permitiu que os arquitetos buscassem desenvolver a fachada do edifício, estabelecendo uma relação visual com o entorno.

A adoção de um partido arquitetônico que utilizasse o concreto armado como material construtivo além da concepção de fachadas esteticamente trabalhadas foi o reflexo desencadeado pelo desenvolvimento da imprensa escrita e da transmissão via rádio e pela invenção do aparelho televisor, na tipologia arquitetônica dos estádios de futebol. A possibilidade de tomar conhecimento dos acontecimentos esportivos sem que o espectador fosse submetido ao desconforto da primeira tipologia de edifícios esportivos fez com que o público se afastasse dos gramados. Essa situação foi agravada com a invenção do aparelho televisor, que oferecia a possibilidade de assistir às partidas sem sair do conforto de casa.

Em resposta ao estabelecimento dos meios de comunicação, surgiu uma nova tipologia de estádios de futebol, que oferecia ao espectador melhores condições de conforto e segurança, ao mesmo tempo em que apresentava soluções estéticas no agenciamento do sistema estrutural do edifício.

Até então, a vasta maioria dos estádios mundiais encontrava-se em solo inglês e não apresentava elementos que buscassem estabelecer uma relação visual com o seu entorno. A

partir da década de 1920, os principais estádios do mundo foram construídos na Itália e, pela primeira vez, essa tipologia de edifício apresentou soluções que reforçavam a sua condição como marco urbano; não apenas pelas suas dimensões, mas pela presença de elementos estruturais, que ao mesmo tempo compunham a fachada do edifício, como é o caso do estádio Artemio Franchi (1931) e do Pallazeto dello Sporte (1958).

Imagem 1: Fachadas do Estádio Artemio Franchi (1931) em Firenze, Itália. Fonte: Google Earth.

Imagem 2: Fachada e solução estrutural Palazzetto dello Sporte (1958), Roma, Itália.

Na segunda metade do século XX, o espaço interno dos estádios de futebol é pela primeira vez acrescido de outros tipos de usos e espaços que visavam complementar as atividades de entretenimento desenvolvidas no interior do edifício. Os edifícios esportivos passam a ser entendidos como um espaço destinado às atividades esportivas, mas com a possibilidade de também abrigar outros eventos voltados para a diversão e o lazer do público presente. A partir da década de 1960, surgem os primeiros estádios completamente fechados, climatizados artificialmente. Os edifícios são concebidos como centros de lazer e diversão, onde o tema central é o esporte. Nesse sentido, outros espaços são incorporados ao programa dessas edificações, com a finalidade de transformar a experiência de assistir a um evento

esportivo em entretenimento para toda família. No começo da segunda metade do século XX, o estádio conta com praças de alimentação animadas por apresentações musicais, estabelecimentos comerciais temáticos, equipamentos de diversão infantil, espaços que possibilitam a interação do público com a atividade esportiva, e equipamentos eletrônicos que se tornam parte integrante do entretenimento do público presente.

Novamente, as soluções surgidas nos edifícios esportivos a partir da década de 1960, foram uma tentativa de aproximar a prática esportiva, como atividade de lazer, dos novos padrões da indústria do entretenimento, ditados pelo surgimento de Disneyland, em 1955. O parque idealizado por Walt Disney recriava um ambiente de fantasia, voltado para a família, onde pais e filhos poderiam se divertir, com fácil acesso a restaurantes, sanitários e todo tipo de suporte e conforto.

Criar espaços e ambientes capazes de transformar o evento esportivo em uma experiência semelhante ao parque temático foi uma das principais condições para a concepção de edifícios esportivos, até o final a década de 1980. A partir de então, o desenvolvimento dos meios da transmissão via satélite e da telecomunicação fez despertar em grandes corporações o interesse pela prática esportiva, identificando-a como uma possibilidade de lucratividade.

O estádio passou a ser entendido como um equipamento comercial, que, em busca de lucros, utilizava-se das tradicionais formas de propaganda e do sucesso do esporte como atividade de entretenimento. Porém, foi na concepção de edifícios tecnologicamente arrojados que os estádios mantidos por grandes corporações encontraram o seu principal meio de divulgação. A utilização de soluções arquitetônicas surpreendentes e avançadas transformou-se em uma estratégia de *marketing*, que garantia ao edifício uma posição de destaque dentro do cenário urbano local, atraindo a atenção da mídia.

A busca pela maximização da lucratividade determinou que o edifício esportivo se transformasse em um equipamento multifuncional, capaz de incorporar ao seu programa outro tipo de atividades comerciais, como restaurantes de grande porte, hotéis e espaços para exposições e convenções, além de ambientes corporativos. A multifuncionalidade do edifício esportivo garantia aos investidores uma lucratividade regular ao longo de todo o ano e não apenas durante os dias de jogos.

O aspecto altamente tecnológico, característico dos edifícios esportivos concebidos no final do século XX, juntamente com a globalização do esporte como entretenimento de massa

garantiu aos estádios o *status* de ícones do mundo contemporâneo. Porém, o seu aspecto comercial e corporativo os aproximava das demais estruturas genéricas que eram consideradas como símbolos culturais globais, como os supracitados *shoppings centers* e *skyscrapers*, entre outros. Mesmo assim, o caráter esportivo permitiu que os estádios contemporâneos fossem poupados das críticas que apontavam as incongruências e contradições características de outros ícones do mundo globalizado.

A lógica do neoliberal, que derrubou as fronteiras econômicas nas últimas décadas do século XX e deu início ao processo de globalização, permitiu às grandes empresas investir em novos mercados. Essa busca pela diversidade de investimentos levou grandes corporações a se envolverem no mundo esportivo, determinando uma nova tipologia arquitetônica para os estádios.

No entanto, a mesma lógica global que permitiu o livre trânsito do capital financeiro também desencadeou uma competição acirrada entre as cidades mundiais, que buscavam tornar-se o destino de sedes de grandes corporações. Nesse sentido, o poder público e o planejamento urbano dessas cidades perceberam que a construção de um edifício esportivo poderia ser uma alternativa para a reconversão de regiões urbanamente degradadas. Na maior parte dos casos, essas regiões eram constituídas por zonas industriais obsoletas ou subutilizadas, regiões portuárias, ou grandes vazios urbanos adjacentes às regiões centrais.

A inserção de um edifício esportivo poderia dar início a um processo de criação de uma nova identidade para uma região específica da cidade. Em outras palavras, o mesmo caráter esportivo que exime o estádio da maior parte das críticas feitas aos demais edifícios considerados ícones contemporâneos também o torna capaz de fomentar o desenvolvimento econômico do seu entorno imediato.

Para tanto, o edifício esportivo deveria estar localizado estrategicamente dentro da malha urbana, além de ser concebido com elementos que lhe garantissem uma grande presença visual. O forte impacto visual, garantido por sistemas de cobertura inovadores, dotados de soluções plasticamente surpreendentes, desperta ou intensifica o interesse do público pelos eventos esportivos e pela ocupação da região. Esse fato faz com que o entorno do edifício esportivo seja o destino de obras de infraestrutura e de investimentos privados capazes de transformar a região em uma intervenção urbana de reconhecimento internacional.

Sendo assim, os estádios e arenas esportivas transformaram-se, ao longo do século XX, em edificações-símbolo do mundo contemporâneo, que, através do processo de globalização, transformou o esporte em uma língua global. Porém, a sobreposição dessas transformações não redefiniu o programa do edifício esportivo, mas o tornou mais abrangente.

Os estádios, no princípio do século XX, eram compreendidos como espaços destinados a acolher o maior número de espectadores, na sua maioria, trabalhadores de uma sociedade industrial; a partir da década de 1920, com a invenção do rádio e posteriormente do aparelho televisor, os estádios utilizaram-se dos princípios da arquitetura moderna para oferecer espaços mais confortáveis ao público presente; o parque temático criado por Walt Disney no final da década de 1960 determinou que o estádio não devesse apenas ser um edifício confortável ao público, mas também prover segurança e uma diversidade de entretenimentos para toda família; com a consolidação do regime neoliberal, grandes empresas exploram o poder comercial do esporte e, para tanto, transformam o edifício esportivo em um complexo comercial rentável; no final do século XX, o processo de globalização estabelece um cenário de competição entre cidades que buscam atrair investimentos para a região, assim, o estádio transforma-se em uma intervenção urbana de impacto internacional.

1.3 Cinco versões de estádios

A análise elaborada por Sheard (2004) sobre as cinco gerações de estádios foi desenvolvida a partir da análise das mudanças na concepção desse tipo de edifício ao longo dos anos. No entanto, esse estudo não é uma simples descrição cronológica desses edifícios, uma vez que grande parte dos estádios construídos nos últimos cinquenta anos ultrapassaram as barreiras do tempo. Ao mesmo tempo, é possível encontrar estádios sendo construídos atualmente com características comuns aos edifícios pertencentes à terceira, segunda ou primeira gerações, especialmente em países onde a concepção desse tipo de edificação é restringida pelo pequeno orçamento disponível, por limitações de infraestrutura, ou pela falta de tradição esportiva nas localidades onde se inserem.

Não apenas características físicas determinam se um estádio de futebol é de primeira ou de segunda geração, muito menos a época em que ele foi construído. O principal aspecto definidor das cinco gerações de estádios é a maneira como esses edifícios foram capazes de incorporar as mudanças tecnológicas e comportamentais das culturas em que foram

concebidos e construídos, assim como a sua relação com a malha urbana em que está implantado.

Assim, a primeira geração de edificações esportivas, surgidas na Europa industrial, tinha como objetivo principal abrigar o maior número de espectadores, que na sua maioria eram provenientes das classes mais baixas da sociedade industrial. Sem nenhuma preocupação com o conforto dos espectadores, o estádio concebido no final do século XIX surgiu como um equipamento anexo ao edifício industrial, tornando-se rapidamente um dos principais meios de entretenimento da classe operária.

A invenção do aparelho televisor e o desenvolvimento das emissoras determinaram mudanças profundas no edifício esportivo. Essas mudanças deram origem a uma segunda geração de estádios que incluía em seu partido arquitetônico a necessidade de oferecer elementos capazes de convencer o espectador a frequentar os estádios, ao invés de simplesmente assistir à transmissão dos jogos pela TV. Esse edifício criou soluções para a falta de conforto dos edifícios da geração anterior, pois era papel do estádio de futebol competir com as comodidades oferecidas pelo aparelho televisor, que possibilitava ao telespectador contar com *replays* e com a conveniência de se assistir a uma partida no sofá de sua própria casa.

A terceira geração de estádios sofreu influências diretas da criação do parque temático. O esporte passou a configurar-se como uma opção de lazer para toda família, e, portanto, o edifício esportivo deveria reunir serviços e equipamentos capazes de proporcionar diversão aliada ao conforto e à segurança.

A quarta geração de edificações esportivas resulta do interesse do capital corporativo e da mídia sobre esse tipo de edifícios. Com a consolidação do esporte como um entretenimento de massa mundial, grandes corporações investem na construção de um edifício multiuso, conectado a uma rede global de transmissão de imagens, capaz de se transformar em um equipamento lucrativo.

Já o estádio de quinta geração surgiu como resultado de uma lógica de competição acirrada entre centros urbanos mundiais que buscam lucratividade e destaque internacional através de grandes empreendimentos públicos ou privados. Esse cenário de disputa entre cidades e a difusão do esporte mundialmente colaboraram para que durante os últimos vinte anos um grande número de estádios fosse construído em várias localidades de diferentes

países. Esses edifícios foram construídos com a justificativa de gerar lucros mediante possíveis eventos esportivos, além de um impacto positivo que fomentasse o desenvolvimento de tecidos urbanos subutilizados. Sobre a produção de estádios, Coates e Humphreys (2011, p.234) afirmam:

Cidades da América do Norte têm experimentado um grande crescimento no número de novos estádios e arenas destinados à prática de esportes profissionais durante os últimos vinte anos. Entre 1990 até 2010, 104 novos edifícios esportivos foram construídos para times das ligas de beisebol (Major League Baseball), futebol americano (National Football League), basquete (National Basketball Association), hóquei no gelo (National Hockey League) e futebol (Major League Soccer) apenas nos Estados Unidos e Canadá, contra 128 estádios construídos de 1900 até 1990. (Tradução nossa)

Apesar da definição de cinco gerações, os estudos elaborados por Sheard (2004) não definem as características de projeto que consolidam cada uma das gerações descritas pelo autor. Nesse contexto é imperativo que, para o entendimento do potencial de regeneração urbana de um estádio de última geração, sejam analisadas criticamente todas as transformações ocorridas nesse tipo de edifício em cada uma das gerações anteriores. Isso porque essas transformações demonstram uma iniciativa clara do poder público e privado, assim como de arquitetos e urbanistas em busca da concepção de edifícios esportivos capazes de qualificar o espaço público de seu entorno e de regenerar tecidos degradados e pouco explorados economicamente.

1.3.1 Os estádios como puderam ser

A história do estádio moderno tem seu início na segunda metade do século XIX, quando surgiram as primeiras federações e confederações, que regulamentaram e codificaram as atividades esportivas. Nesse contexto, surgiu a primeira geração de estádios. Como já foi dito, essas edificações tinham como objetivo principal acomodar um amplo número de espectadores e não apresentavam uma grande preocupação com a qualidade dos edifícios ou com o conforto oferecido ao público presente.

Assim sendo, as primeiras edificações eram essencialmente grandes estruturas denominadas “*bowls*”⁶. Esses edifícios assemelhavam-se à forma de uma “tigela” e por isso receberam essa denominação. A adoção dessa forma deu-se dada a necessidade de abrigar um grande número de pessoas, que se acomodavam em pé, em arquibancadas sem cobertura. Os banheiros desses edifícios eram poucos, levando-se em conta o público a que atendiam, além disso, as instalações eram bastante rudimentares. Apenas os diretores dos times envolvidos na disputa e um pequeno número de privilegiados assistiam à partida acomodados em assentos feitos de tijolos, ferro e madeira, cobertos por uma pequena cobertura de chapas metálicas. A grande maioria dos torcedores amontoava-se nas arquibancadas descobertas, feitas de concreto, sendo obrigados a ver as partidas em pé. Levando-se em consideração que os primeiros edifícios esportivos da primeira geração surgiram em regiões de inverno rigoroso, como, Estados Unidos e Europa, podemos imaginar a situação de extremo desconforto a que o público encontrava-se exposto.

Esse tipo de edificação tornou-se o modelo de estádio concebido na Inglaterra, até a década de 1960. Mesmo com edificações incipientes, que não apresentavam o mínimo conforto, o público atraído pelo futebol tornava-se cada vez maior. Uma prova disso é o recorde europeu de público em uma partida internacional de futebol, obtido em 1937, no estádio Hampden Park na Escócia. Nesta ocasião, 149.415 pessoas assistiram à partida entre Escócia e Inglaterra.

O futebol estabeleceu-se como a principal forma de entretenimento no Reino Unido durante a primeira metade do século XX. Como consequência disso uma grande rivalidade foi consolidando-se entre clubes e regiões dentro de uma mesma cidade. Refere Sheard (2004, p. 103):

Esta forma básica de estádio passou a ser norma no Reino Unido até os anos sessenta, mas mesmo com uma estrutura básica o público atraído para os jogos de futebol era imenso. Em grande parte do Reino Unido o futebol era virtualmente a única forma de entretenimento e, assim, uma grande rivalidade desenvolveu-se entre clubes em uma mesma cidade ou região. Ainda que dimensão dos primeiros estádios fosse impressionante, esses edifícios não apresentavam qualquer qualidade distinta e nem mesmo uma linguagem arquitetônica compreensível, já que essas edificações

⁶ S. 1 Tigela, vasilhame utilizado para se colocar comida ou líquido. 2. A parte arredondada da colher. 3. A parte arredondada de um cachimbo. 4. Um estádio de futebol, *Rose Bowl* (OXFORD AMERICAN DICTIONARY, 1986, p. 97).

recebiam acréscimos de arquibancadas a cada vez que não atendiam ao público que as frequentava. A função principal desses edifícios era acomodar o maior número de pessoas possível, de modo que pouca atenção era dispensada à concepção arquitetônica do edifício como um todo. A baixa qualidade arquitetônica dos estádios ingleses de primeira geração está relacionada com o local de implantação desses edifícios, na maioria das vezes localizados em áreas privadas, comumente rodeadas por subúrbios pobres, estações ferroviárias de carga e zonas industriais. (Tradução nossa).

Porém, vários estádios construídos antes da década de 1950 romperam com a configuração básica dos edifícios de primeira geração ingleses, pela qualidade arquitetônica com que foram concebidos. Um exemplo clássico foi o Stadio Comunale, hoje conhecido como Artemio Franchi, construído em Florença (1930- 1932) e projetado por Pier Luigi Nervi.

Apesar de formalmente o estádio aproximar-se do “*bowl*” de concreto, o projeto expressava os princípios da arquitetura moderna da primeira metade do século XX, em elementos como a cobertura das arquibancadas, que figuravam como uma sequência de curvas feitas em concreto armado. O balanço da cobertura das arquibancadas nesse edifício chega a dezessete metros. A cobertura de Nervi assinalou uma tendência de evolução na concepção de estádios de futebol, uma vez que, até então, o programa desses edifícios não contava com quaisquer elementos que buscassem oferecer condições mais confortáveis para o público presente.

A ruptura com o modelo clássico é evidenciada na cobertura em balanço e no emprego da estrutura em concreto armado não apenas como função estrutural, mas também como elemento de composição da fachada. Pela primeira vez, o edifício esportivo era concebido utilizando elementos que compunham a sua fachada e estabeleciam uma relação visual entre o edifício e o seu entorno.

Anfield Road Stadium – Liverpool,⁷ Inglaterra, 1884

O estádio Anfield Road está localizado na cidade de Liverpool, Inglaterra. O edifício foi construído em 1884, nas adjacências de um edifício industrial, rodeado pelas ruas estreitas e residências vitorianas dos subúrbios de Liverpool. Apesar de ter sido construído em 1884, o

⁷ Ver Spampinato (2004, p. 14). Disponível em: <www.flickr.com> (acesso em: 27 dez. 2010); www.liverpoolfc.tv (acesso em: 10 out. 2010); www.eurostadiums.com (acesso em: 27 dez. 2010).

time de Liverpool só veio existir em 1892, após uma divergência interna. O proprietário do terreno onde o estádio foi construído decidiu fundar seu próprio time, e assim surgiu o Liverpool Football Club, que passou a utilizar o estádio Anfield Road como sede.

No projeto original do Anfield Road, apenas dois lances de arquibancadas foram construídos em madeira, sem nenhum tipo de cobertura. Ao longo dos anos, novos lances de arquibancadas foram criados em datas comemorativas, para acomodar o crescente número de torcedores que acompanhavam o time.

A imagem atual do estádio é o resultado de muitas transformações sofridas durante os cento e vinte anos de história do Anfield Road. Cada uma das quatro estruturas de arquibancadas, que atualmente acomodam 45.370 espectadores sentados, foi concebida em épocas diferentes e, portanto, possuem concepções e desenhos independentes umas das outras, porém respeitam a pequena distância das primeiras tribunas em relação ao campo de jogo.

A primeira estrutura para abrigar torcedores, nomeada The Grand Stand, foi construída no lado oeste do campo de jogo, em 1895, logo em seguida foi erguida a Anfield Road Stand, paralela à rua que dá nome ao edifício. Em 1906, o estádio recebeu a Kop Grandstand, nomeada em homenagem aos soldados ingleses mortos em combate na África do Sul. Essa estrutura poderia acomodar mais de 30 mil espectadores em pé e ostentava o título de ser, naquele momento, a maior arquibancada do mundo. A Kop Grandstand possuía uma cobertura bastante plana, sustentada por pilares que obstruíam a visão ao público, mas ao mesmo tempo funcionava como um elemento de reverberação acústica e dava ao estádio um ambiente particular.

Mesmo com toda a história e particularidades o Anfield Road passou por uma completa reformulação em suas dependências para se adequar às exigências de segurança e comodidade feitas pela confederação inglesa de futebol, durante o ano de 1994. Essas exigências foram reflexos das medidas de segurança elaboradas a partir de uma investigação sobre a qualidade dos estádios ingleses, organizado pelo Departamento de Justiça Inglês e denominado Relatório Taylor. A partir dessas exigências novas tribunas foram desenhadas, utilizando materiais mais leves e respeitando o mesmo desenho das estruturas originais, porém com 12 mil assentos, que garantiam conforto e segurança aos torcedores.

Apesar de mais de cem anos de existência, as modificações iniciadas no final da década de 1990 possibilitaram que o estádio Anfield Road pudesse adequar o seu programa à

nova realidade do esporte. Portanto, o estádio de Liverpool é um exemplo de edifício esportivo que acompanhou a evolução do futebol como entretenimento de massa e, assim sendo, adequou-se às novas atividades midiáticas e que acompanham a prática esportiva contemporânea, aproximando-se do edifício de última geração.

ANFIELD ROAD STADIUM – LIVERPOOL, 1884

Dados do edifício:

Ano de construção: 1884

Capacidade de público: 45.370

Autor do projeto: Desconhecido

Expansões: 1895, 1903, 1973, 1994

Website: www.liverpoolfc.tv

Partido Arquitetônico

Imagem 2: Estádio Anfield Road. Fonte: www.flickr.com

O estádio Anfield Road é composto por quatro lances de arquibancadas paralelas ao gramado. Cada um dessas estruturas é independente uma das outras, possuindo um acesso exclusivo. Sendo assim, o estádio apresenta uma forma retangular, determinada pelos lances de arquibancadas.

Linguagem Arquitetônica

O estádio Anfield Road não possui elementos de grande destaque visual aplicados a sua fachada. Porém, o espaço interior do estádio é fortemente caracterizado pelos assentos vermelhos, dispostos nas quatro arquibancadas independentes e bastante próximos ao campo de jogo. Esse aspecto é ressaltado pela permeabilidade de luz solar que atravessa os painéis semitransparentes da cobertura.

Implantação

O estádio foi implantado em uma região cercada por fábricas e pequenas residências, no ano de 1884, em uma região de residências operárias no final do século XIX. Nos dias atuais o estádio Anfield Road está rodeado por habitações residenciais, em um subúrbio adensado de Londres.

Com a expansão urbana de Londres o estádio foi cercado por zonas residenciais adensadas, tornando-se um edifício eminentemente urbano. Assim, a implantação do estádio Anfield Road influenciou a ocorrência de expansões, limitando as dimensões do estádio.

Sistema de cobertura

O estádio possui um sistema de cobertura fixa, apoiada sobre pilares metálicos, utilizando materiais leves e translúcidos que permitem a transposição de parte da luminosidade solar. O sistema de cobertura do estádio contempla todos os 45.870 assentos disponíveis.

Sistema estrutural

O sistema estrutural do estádio é composto por colunas em concreto, localizadas sob os lances de arquibancadas e no perímetro da edificação. As colunas situadas no perímetro do estádio permitiram a criação de um sistema de cobertura em balanço, a partir da utilização de materiais leves, eliminando a presença de pilares entre as arquibancadas.

Multifuncionalidade

Em termos de multifuncionalidade, o estádio Anfield Road não apresenta nenhum espaço que não esteja ligado à atividade esportiva. A implantação do estádio, em meio a uma zona residencial, é o principal limitador a adição de outros ambientes e usos ao estádio.

Imagem 3: Vista aérea do Estádio Anfield Road em 2012. A direita, as fachadas do edifício em relação as ruas que o circundam. Fonte: Google Earth

1.3.2 O edifício esportivo segundo o aparelho televisor

O surgimento dos meios de comunicação e, principalmente, do aparelho televisor na década de 1930, permitiu, na primeira metade do século XX, que os eventos esportivos começassem a ser transmitidos pelas redes de comunicação. Com isso, o advento da televisão, as constantes inovações dos sistemas de transmissão e a falta de conforto dos estádios de primeira geração culminaram num rápido declínio do número de espectadores presentes às partidas de futebol.

Após alcançar recordes de público durante as primeiras décadas do século XX, o número de espectadores presentes aos estádios ingleses começou a cair. As pessoas começaram a expressar uma profunda insatisfação com as estruturas que abrigavam os jogos de futebol, já que estas continuavam nos mesmos moldes dos rudimentares estádios do século XIX.

O processo de queda no número de espectadores presentes nos estádios da Inglaterra ganhou força, por conta das inovações apresentadas pelas redes de comunicação que exibiam transmissões mais sofisticadas a cada jogo. Nesse sentido, a segunda geração de estádios surgiu como uma resposta das organizações esportivas à perda de público determinada pelo surgimento dos meios de comunicação.

Os estádios ingleses adotaram intervenções que amenizavam as condições de desconforto a que eram submetidos os espectadores. Os degraus de madeira, onde antes espectadores assistiam aos jogos em pé, foram substituídos por arquibancadas em madeira, permitindo que o público se mantivesse sentado durante as partidas.

Além dos assentos, os edifícios foram acrescidos de um sistema de cobertura, composto por materiais leves como chapas metálicas. A utilização desse tipo de material se deve ao fato de que o estádio inglês possui características tipológicas exclusivas que determinavam a concepção de um sistema de cobertura que utilizasse materiais leves. A implantação do estádio inglês, normalmente cercado por subúrbios densamente habitados, impedia que o sistema de cobertura a ser implantado dependesse de grandes soluções estruturais, e, portanto, inviabilizando a utilização de materiais pesados como o concreto armado.

Apesar das intervenções sofridas pelos estádios britânicos, foram os estádios italianos concebidos no início da década de 1930 que apresentaram as transformações tipológicas mais profundas. Os edifícios esportivos de segunda geração construídos na Itália surgiram em consonância com os meios de comunicação e com as determinações das entidades que regulamentavam a prática esportiva, na primeira metade do século XX, uma vez que a Itália almejava ser a sede da Copa do Mundo de 1934.

Assim, utilizando-se dos princípios da arquitetura moderna e do uso do concreto armado, os edifícios esportivos italianos iniciaram um processo de transformação tipológica, tanto no que diz respeito ao seu programa quanto à forma da edificação.

Assim como nos adaptados estádios ingleses, o programa dos estádios italianos de segunda geração tinha como objetivo principal criar espaços que proporcionassem conforto ao espectador presente. Para tanto, os projetos desses edifícios lançaram mão de novas tecnologias que garantiam ao público a possibilidade de assistirem aos jogos sentados em arquibancadas feitas de concreto. Esse tipo de solução estabelecia edifícios mais seguros que os da primeira geração de estádios, eliminando o uso de degraus de madeira, onde o público permanecia em pé durante os jogos. Além disso, o programa de necessidades dessas novas edificações agregou ao edifício esportivo estruturas que aliavam a experiência esportiva ao consumo de bebidas. Surgiram bares anexos às arquibancadas e vendedores ambulantes que ofereciam guloseimas e bebidas aos moldes dos recém-criados *shoppings centers*.

As características estruturais do concreto armado possibilitaram a concepção de coberturas em balanço. Nos edifícios de segunda geração, o sistema cobertura não contemplava apenas uma parte do público presente, mas todo o lance de arquibancadas.

A adição de um sistema de iluminação artificial permitiu que o evento esportivo se adaptasse aos horários de trabalho do público em geral, assim, grande parte dos jogos passou a ser realizada durante a noite. A utilização de um sistema de iluminação artificial representou um grande passo na união entre as redes de telecomunicação e os clubes de futebol, uma vez que o horário dos jogos tornou-se mais flexível à programação das redes de telecomunicação. Sobre as transformações tipológicas ocorridas nos estádios de segunda geração Sheard (2004, p. 103) afirma:

A segunda geração de estádios britânicos objetivou atrair os espectadores de volta aos eventos esportivos proporcionando um maior conforto com a criação de assentos

aprimorados e com a agregação do comércio de bebidas e comida ao evento. Uma arquibancada completamente coberta por uma marquise foi concluída em Sheffield Wednesday's Ground em Hillsborough utilizando novos materiais construtivos [...] Esse edifício representou um rompimento brilhante com o passado uma arquibancada para acomodar todos os espectadores sentados sem um *paddock* a sua frente para espectadores de pé sendo o único estádio mencionado no Guia de Edifícios da Inglaterra, escrito por Nicholas Pevsner. (Tradução nossa).

Quanto ao aspecto formal, os edifícios esportivos de segunda geração apresentaram uma tendência ao desenho elíptico, com cantos arredondados, ao invés do tradicional modelo britânico, que basicamente era composto por quatro lances de arquibancadas paralelas ao gramado. Essa tendência, observada anteriormente nas experiências de Pier Luigi Nervi na Itália, pode ser atribuída à utilização do concreto armado, uma vez que, por causa de suas propriedades plásticas, este material possibilitava o desenho de linhas arredondadas e a disposição de anéis de arquibancadas que circundavam o campo de jogo.

Além do aparelho televisor, o automóvel também foi responsável pela metamorfose ocorrida nos estádios de segunda geração. A popularização do automóvel determinou uma nova condição de locomoção do público, que não se importava de se dirigir a um estádio localizado fora da cidade, desde que ele fosse servido de espaços para estacionamento e grandes vias de acesso. A inclusão de estacionamentos no programa de necessidades dos edifícios esportivos foi o aspecto mais evidente na segunda geração de estádios norte-americanos. Em concordância com as características urbanas das cidades americanas, os estádios foram implantados em regiões pouco adensadas nos arredores das grandes cidades, com isso o automóvel se configurava como a principal forma de acesso. Portanto, o estádio de segunda geração americano encontrava-se às margens de vias de grande fluxo e servido por espaços adjacentes ao corpo do edifício, destinados ao estacionamento de veículos.

Com o passar dos anos e a evolução do esporte como entretenimento de massa, os estádios de segunda geração não se mantiveram rígidos em relação às características tipológicas em que foram concebidos. Intervenções, ampliações e reformas foram executadas, a fim de manter esses edifícios atualizados tipologicamente e em concordância com as principais regulamentações mundiais.

Esse processo de constante atualização do edifício esportivo foi um aspecto comum a todas as gerações de edifícios esportivos. Os estádios ingleses, na sua maioria, concebidos e construídos dentro dos paradigmas da primeira geração, transformaram-se em edifícios de

segunda geração pela adição de assentos em madeira e de um sistema leve de coberturas e, dessa forma, continuaram essa tendência de atualização ao longo de todo século XX.

Porém, os edifícios italianos apresentaram mudanças mais significativas que as ocorridas nos estádios ingleses. Com a afirmação do futebol como esporte global, e a consolidação do edifício esportivo como ícone contemporâneo, os estádios italianos, construídos para a copa de 1934, delinearam um processo de transformação tipológica através de expansões e adições de sistemas tecnológicos que mantiveram a mesma linguagem arquitetônica do projeto original e lhe permitiram sediar outra copa do mundo, em 1990.

Estádio San Siro – Milão, Itália, 1926

O principal estádio da cidade de Milão foi construído em 1926 e projetado originalmente aos moldes dos estádios ingleses, com quatro lances de arquibancadas independentes erguidas nas laterais do campo de jogo. Porém, em sua configuração original, o estádio apresentava inovações para a época como assentos e cobertura para a maioria dos espectadores presentes. O edifício poderia abrigar um público de 35 mil espectadores, dentre esses, 20 mil sentados e protegidos por uma cobertura em aço, sustentada por pequenas colunas. Formalmente, o estádio apresentava um desenho retangular, proporcionado pelos lances de arquibancadas paralelos ao gramado.

Em 1935, o edifício sofreu sua primeira ampliação, com a decisão de reconstruir as arquibancadas do estádio, porém dessa vez lançando mão de uma estrutura única, em concreto armado, que ligasse as arquibancadas principais, circundando o campo de jogo. O exterior do estádio, em concreto, foi detalhado com frisos diagonais que davam a sua fachada um aspecto helicoidal.

Seguindo as experiências desenvolvidas por Nervi na concepção estádio Comunale em Firenze em 1931, o estádio San Siro apresentou elementos externos, aplicados à fachada, que estabeleciam um diálogo visual com seu entorno. Assim, em 1939 esse primeiro anel de arquibancadas foi concluído, dando ao estádio a capacidade de acolher a 55 mil espectadores.

No entanto, ao contrário do estádio Comunale de Firenze, o San Siro continuou um processo de expansão e atualização, que o mantinha entre um dos principais edifícios esportivos mundiais.

Em 1955, outra intervenção foi feita e outro anel de arquibancadas foi concebido. Essa nova estrutura, de concreto armado, está parcialmente sobreposta em relação ao primeiro anel de arquibancadas e é completamente independente do sistema estrutural do anel anterior. O sistema estrutural do anel superior foi construído no exterior do edifício, de forma a não interferir na visibilidade dos espectadores. Porém, os elementos estruturais que sustentam o anel superior também assumem a função de acesso ao edifício, mediante rampas que circulam os imensos pilares, dispostas na mesma inclinação que os frisos diagonais que circundam todo o perímetro externo do edifício. A composição da fachada resulta da sobreposição entre essas estruturas oblíquas e as rampas de acesso.

Imagem 4: Tomada aérea do estádio San Siro, 1970. Fonte: Spampinato, 2004, p. 65.

Após a construção do anel superior o estádio contava com uma capacidade de 90 mil espectadores, tornando-se um dos estádios mais importantes da Europa, nas décadas de 1960 e 1970.

No final dos anos oitenta, o estádio de Milão sofreu outra importante atualização, para atender às exigências da Fifa e sediar a Copa do Mundo de 1990. Foram construídos um terceiro anel de arquibancadas e um sistema de cobertura. Essa intervenção seguiu a mesma linguagem adotada na proposta executada em 1955 e, assim, as estruturas do terceiro anel de arquibancadas reproduzem os elementos estruturais do anel inferior, estando sustentado por pilares independentes.

O terceiro anel de arquibancadas está estruturado em onze grandes torres cilíndricas, construídas em concreto armado e também rodeadas por uma série de rampas helicoidais, assim como a intervenção anterior. A atual imagem arquitetônica do edifício é marcada pela

sensação de movimento proporcionada pela alternância entre a fachada construída na década de 1950 e as colunas rodeadas por rampas helicoidais, construídas na década de 1990.

Por entre os pilares do último anel, que atingem 30 metros de altura, surgem as estruturas das arquibancadas, dando origem a uma grande e elegante marquise, marcada pela repetição dos pilares e vigas que sustentam a estrutura superior.

Dentre as onze torres que sustentam o anel superior do estádio, as quatro que estão localizadas em cada um dos cantos do edifício estendem-se a uma altura de cinquenta e um metros e servem de apoio para as vigas que sustentam a cobertura de polycarbonato. As quatro vigas principais da cobertura percorrem todo o perímetro do estádio, cruzando-se exatamente sobre as torres mais altas, localizadas nos cantos do edifício e prolongando-se em balanço até o exterior. As principais vigas metálicas que sustentam a cobertura possuem nove metros e meio de altura e a elas está ligado o vigamento secundário que sustenta os componentes metálicos da cobertura de polycarbonato.

Assim, mesmo passando por grandes intervenções, que o colocaram entre os principais estádios do mundo, o estádio Giuseppe Meazza manteve uma coerência de linguagem em todas as propostas incorporadas ao edifício. Segundo a análise do estádio feita por Spampinato (2004), a atmosfera interna resultante é bastante intensa, acolhedora e imponente. Com os três anéis de arquibancadas o estádio pode acolher atualmente mais de 85 mil espectadores, todos protegidos pela cobertura e acomodados em assentos.

O estádio San Siro foi originalmente concebido como um edifício esportivo de segunda geração, porém a absorção de elementos ao longo dos anos fez com que esse edifício se transformasse em um dos principais símbolos não apenas da cidade de Milão, mas do esporte mundial como um todo.

A linguagem adotada, de forte apelo visual, determinada pela sobreposição de elementos oblíquos, pelos imensos pilares e pelo vigamento metálico pintado de vermelho, é compensada pelo desenho horizontal da cobertura do edifício. Assim, o estádio estabelece uma relação harmônica com a escala urbana das construções antigas de Milão.

As transformações tipológicas ocorridas no estádio San Siro permitiram que o edifício transitasse entre gerações, assumindo características comuns ao edifício esportivo de quinta geração. Apesar de não ter sido estrategicamente concebido para atuar como ferramenta de

regeneração urbana, é inegável que a forte linguagem arquitetônica do edifício exerce uma grande influência em seu entorno. Essa influência fomentou ao longo dos anos o surgimento de usos correlatos à atividade esportiva, ou interessados em se beneficiar da mídia atraída pelo estádio.

ESTÁDIO SAN SIRO⁸ – MILÃO, ITÁLIA, 1926

Dados do edifício:

Ano de construção: 1926

Capacidade de público: 85.700

Autor do projeto: Ulisse Stacchini,
Alberto Cugini

Expansões: 1935, 1955, 1980

Website: www.sansiro.net

Partido Arquitetônico:

Imagem 5 - Sistema estrutural da cobertura e dos elementos oblíquos que compõem a fachada do edifício. Fonte: www.flickr.com. Acesso em: 17/11/2012.

As arquibancadas são paralelas ao campo de jogo, ditando a forma retangular do estádio, porém com cantos arredondados interligando as arquibancadas e estabelecendo três anéis que formam o edifício.

A fachada do volume principal do edifício é composta por elementos oblíquos lineares paralelos. Esses elementos são repetidos nos pilares pela disposição de rampas helicoidais, que repetem a linguagem da fachada principal do estádio.

A cobertura é plana e semitranslúcida, formada por painéis acrílicos, apoiados sobre quatro vigas metálicas, estruturadas sobre outros quatro pilares helicoidais situados nos cantos do estádio.

Linguagem Arquitetônica

⁸ SPAMPINATO (2004, p. 64). Disponível em: www.sansiro.net. Acesso em: 14 out. 2011. www.worldstadiums.com. Acesso em: 9 nov. 2011.

O aspecto visual do edifício é determinado pelos elementos oblíquos presentes em todas as fachadas do volume principal do estádio, pelos pilares helicoidais e pelas grandes vigas que dão forma a cobertura plana.

O desenho da cobertura permite que o estádio não alcance grandes dimensões verticais, permitindo que seja absorvido pela escala urbana da cidade de Milão, em harmonia com seu tecido urbano histórico.

Implantação

O estádio San Siro está implantado ao norte de Milão nos arredores do hipódromo Di Trotto em uma zona mista do tecido urbano milanês, composta por edifícios residenciais e comerciais de pequeno e médio porte. Anexa ao edifício está localizada a área de estacionamento. O Estádio está conectado às principais vias de grande fluxo que cortam a cidade e Milão.

Sistema de Cobertura

O sistema de cobertura do estádio San Siro é composto por painéis semitransparentes, apoiados sobre quatro vigas metálicas. Essas vigas possuem grandes dimensões horizontais, uma vez que estão apoiadas sobre quatro pilares, localizados em cada canto do estádio. Assim, a cobertura possui um desenho retangular, sendo praticamente plana, não interferindo na linguagem visual da edificação. O sistema de cobertura permite que o estádio estabeleça uma relação harmônica com a escala urbana de Milão.

Sistema Estrutural

O sistema estrutural dos anéis superiores do estádio de San Siro é composto por doze pilares helicoidais, localizados no perímetro da edificação. Além de sua função estrutural, esses pilares funcionam como rampas de acesso aos setores de assentos correspondentes no segundo e terceiro anéis.

Dentre os doze pilares descritos anteriormente, quatro deles são responsáveis pela sustentação das quatro vigas metálicas onde se apoia a cobertura do edifício. Os quatro pilares que sustentam a cobertura estão localizados nos cantos do estádio, exatamente no ponto e cruzamento das quatro vigas metálicas.

Multifuncionalidade

Em termos de programa, o estádio de San Siro também absorveu elementos que o transformaram em um equipamento de entretenimento, aberto ao público não apenas em dias de jogos. Dessa forma, o estádio conta com museus, salas de conferência, salas de imprensa, restaurantes, áreas comerciais especializadas em materiais esportivos e todas as dependências voltadas para a preparação esportiva.

1.3.3 O edifício esportivo segundo o parque temático

O entretenimento familiar assumiu novos conceitos a partir da década de 1960, com o lançamento de Disney World. Com a criação do parque temático, Disney lançou a ideia de que as estruturas de entretenimento poderiam ser idealizadas para toda a família. A Disneylândia é a materialização de um mundo de “faz de conta”, o simulacro de uma cidade americana idealizada, com todas as estruturas comuns ao ambiente urbano: prefeitura, supermercados, polícia, semáforos, ruas e casas com cercas pintadas de branco. Mas, além disso, este é o local onde famílias inteiras poderiam passar seus dias de descanso, sabendo que estariam seguras, rodeadas por estruturas que proporcionariam conforto, segurança, restaurantes e um grande número de atividades.

De maneira contrária, durante o mesmo período os estádios de futebol eram compreendidos como estruturas destinadas praticamente ao público masculino, excluindo, assim, mulheres e famílias. Dessa forma, os arquitetos envolvidos na concepção de edifícios esportivos começaram a perceber que, para o esporte se tornar uma atividade de entretenimento capaz de competir com os parques temáticos e outras estruturas de lazer, eles teriam de se adequar a essa nova realidade oferecendo aos usuários segurança, salubridade e conforto. O novo estádio teria de responder ao desafio imposto pelos parques temáticos. Assim afirma Sheard (2004, p. 103) quando trata dos estádios de terceira geração:

A terceira geração de estádios surgiu no princípio da década de 1990, com o desenvolvimento de estruturas capazes de atender a toda família. A prática esportiva era o foco principal dos edifícios, mas não a única atração. Com isso, também mudou a principal fonte de renda dos clubes, que deixaram de lucrar com a os ingressos vendidos em dias de jogos para se beneficiarem das vendas de produtos

esportivos com suas marcas e dos direitos televisivos vendidos a companhias de telecomunicação. (Tradução nossa).⁹

Em um parque temático qualquer, as famílias iriam encontrar um grande número de banheiros limpos, restaurantes e lanchonetes, juntamente com uma rede de hotéis pronta para acomodar os visitantes e conectá-los a meios de transportes eficientes. Em outras palavras, o público-alvo era a família e, dessa forma, os edifícios esportivos deveriam oferecer estruturas similares para almejar o mesmo público. Este foi o estímulo que deu origem à terceira geração de estádios.

Com isso, profundas mudanças ocorreram dentro e fora dos estádios, que a partir desse momento reuniam uma gama de estabelecimentos e serviços que proporcionavam entretenimento para os espectadores antes e depois do jogo. Ir ao estádio passou a ser um programa para a tarde inteira e não apenas para as poucas horas de duração de uma partida.

Outro fator determinante para as inovações nos edifícios esportivos foi o aumento de incidentes violentos ligados ao comportamento agressivo dos espectadores e as más condições de segurança dos estádios. Após um grande número de incidentes e acidentes que levaram a morte de várias pessoas, em janeiro de 1990 foi publicado pela justiça inglesa o relatório *Taylor*, um documento que dava um parecer sobre as condições atuais de segurança dos estádios ingleses e determinava novas diretrizes de segurança a serem seguidas pelas edificações e a adoção de estádios onde os espectadores permanecessem sentados em assentos individuais.

O relatório elaborado pela justiça inglesa sobre as mortes ocorridas em Hillsborough, publicado em janeiro de 1990, recomendou novas regulamentações de segurança e a introdução do estádio onde todos os espectadores permanecem sentados. Em um período relativamente curto de tempo, tornou-se obrigatório que, nos principais campeonatos, todos os espectadores assistissem aos jogos sentados. Essa medida foi importante para romper a ligação entre os *hooligans*¹⁰ e um determinado clube de futebol, pelo menos no interior dos estádios. (SHEARD, 2004, p. 111, tradução nossa).

¹⁰ *Hooligan*: uma pessoa violenta e sem lei (*a violent lawless person*) (Dicionário Oxford, 1986, p. 421).

Astrodome¹¹ – Houston, EUA, 1965

A construção do estádio Astrodome foi concluída em 1966. Localizado na cidade de Houston, o edifício trazia inovações que o transformavam em um marco mundial para sua época. O estádio foi o primeiro edifício esportivo totalmente coberto da história. Em seu interior o edifício trazia poltronas acolchoadas para os espectadores e 53 camarotes exclusivos. No lugar do comum placar eletrônico o estádio possuía um telão, que, além de informar o resultado dos jogos, trazia uma série de entretenimentos para os espectadores presentes.

O edifício possui uma cobertura arredondada, composta por painéis semitransparentes, de cor clara, montados sobre uma malha metálica que cobria todas as dependências do estádio. Porém a luminosidade que atravessava os painéis tornava difícil a visualização de bolas altas. Assim os painéis da cobertura tiveram de ser pintados e o estádio passou a depender completamente da iluminação artificial. Para iluminar o campo de jogo e as dependências internas do estádio era necessária a utilização de energia suficiente para iluminar uma cidade com 10 mil habitantes

O ponto mais alto da cobertura do estádio está a uma altura equivalente a dezoito andares e a forma circular do volume principal do edifício possui mais de duzentos metros de diâmetro. O campo de jogo está situado oito metros abaixo do nível da rua. O edifício foi o primeiro a utilizar um sistema inflável que mudava as características do gramado artificial, de acordo com o tipo de jogo ou evento. Por ser hermeticamente fechado, o estádio possui um sistema de ar-condicionado central que circula cerca de oito milhões de metros cúbicos de ar por minuto. Até os dias atuais, o Astrodome ostenta o título de maior sala climaticamente condicionada do mundo. A concepção original do estádio previa a utilização de grama natural no campo de jogo, porém a grama não resistiu à alteração feita na cobertura, para conter a luminosidade, e teve de ser substituída por uma espécie de grama sintética chamada Astroturf.

Dado seu grande espaço interno, o estádio tornou-se um polo de diversão, abrigando uma infinidade de eventos e entretenimento, como rodeios, concertos musicais, shows de acrobacias e até mesmo corridas de motocicletas.

¹¹ Koolhaas (2001, p. 558); Sheard (2004, p.108). Disponível em: www.ballparks.com. Acesso em: 20 nov. 2011.

No final da década de 1980, o Astrodome passou por um processo de expansão que aumentou a sua capacidade interna, rampas foram incorporadas ao corpo circular do edifício e uma gama de telas foi instalada no interior do estádio. As telas estão conectadas a diversos meios de informação, trazendo uma variedade de notícias e entretenimento aos espectadores ao mesmo tempo em que esses assistem aos eventos.

O Astrodome é um dos principais representantes dos estádios americanos. Apesar de ter sido construído há mais de quarenta anos, o estádio determinou uma nova tipologia de edifícios esportivos em solo americano, em que o edifício é capaz de receber inúmeros tipos de atividades voltadas ao entretenimento do público presente.

De acordo com esse novo conceito, o estádio de futebol se torna um equipamento para toda a família, lançando mão de tecnologias que garantam um ambiente interno artificial, porém agradável aos espectadores¹². No caso específico do Astrodome, o estádio assumiu proporções impactantes, e números o transformaram em uma referência mundial em termos de segurança, conforto e entretenimento.

Imagem 6 - Vista aérea do Estádio Astrodome em 1974. Fonte: Google Earth.

¹² A cúpula do estádio Astrodome possui 196 m de comprimento, 63 m de altura, um sistema de carvão ativado que executa a filtragem do ar e um campo de grama sintética feito manualmente chamado Astroturf. A temperatura é constante, 23° C, com a umidade do ar em 50%. Disponível em: <www.ballparks.com>. Acesso em: 20 nov. 2011.

ASTRODOME – HOUSTON, EUA, 1965

Dados do edifício:

Ano de construção: 1965

Capacidade de público: 62.439

Autor do projeto: Roy Hofheinz

Expansões: 1866, 1970, 1980

Website: www.reliantstadium.com

Imagem 7- Vista aérea do edifício . Fonte: <http://www.flickr.com>. Acesso em 30/09/2012.

Proprietário:

Reliant Energy Home

Partido Arquitetônico

O estádio Astrodome foi concebido para abrigar não apenas partidas de beisebol ou de futebol americano, mas também outros tipos de eventos voltados para o entretenimento. Assim, o estádio é composto por um volume arredondado de duzentos metros de diâmetro e uma cobertura arredondada de altura equivalente a um edifício de 18 andares.

Linguagem Arquitetônica

Visualmente o Astrodome é marcante pela forma circular do volume único que constitui o edifício, assim como pelas linhas arredondadas da cobertura em cúpula. O volume principal do estádio também é marcado pela repetição de colunas que dão ênfase ao desenho circular do prédio.

Implantação

O estádio foi implantado em uma zona suburbana da Houston, de ocupação rarefeita, porém servida de grandes vias de acesso de veículos. Com o passar dos anos a região foi tomada por condomínios residenciais, e ocupações comerciais.

Sistema de cobertura

O edifício possui uma cobertura arredondada, composta por painéis semitransparentes, de cor clara, montados sobre uma malha metálica que cobria todas as dependências do estádio. Mais tarde, em decorrência da alta temperatura, os painéis da cobertura tiveram de ser pintados e o estádio passou a depender completamente da iluminação artificial.

Sistema Estrutural

O sistema estrutural do estádio é composto por colunas em concreto, localizadas sob os lances de arquibancadas, e no perímetro da edificação. Assim, o sistema estrutural localizado no perímetro do estádio recebe as cargas provenientes da cobertura arredondada.

Multifuncionalidade

O estádio Astrodome é constituído de um grande espaço interno possibilitado pelas soluções formais utilizadas no volume principal do edifício e na sua cobertura. Dessa forma, o estádio se configura como um grande espaço destinado a qualquer atividade voltada ao entretenimento. Por ser completamente fechado, o edifício permite a realização de quaisquer modalidades de eventos, ignorando as adversidades climáticas locais.

Imagem 8 - Vista aérea do estádio em 2011. Fonte: Google Earth

1.3.4 O edifício esportivo segundo o poder do capital

Com o passar dos anos, tornou-se claro que os estádios de futebol eram estruturas capazes de gerar grandes quantidades de recursos financeiros se o projeto, o orçamento e a administração dos clubes trabalhassem de forma integrada.

Dessa forma, a quarta geração de estádios é um resultado direto das demandas estabelecidas pelo advento da TV via satélite e do interesse de grandes corporações por times e campeonatos como forma de investimento.

No final do século XX o processo de globalização permitiu que grandes empresas explorassem outros mercados em busca de lucratividade. Mas foi no esporte, e mais especificamente no futebol, que essas empresas encontraram uma grande oportunidade de explorar um produto aceito mundialmente. A evolução dos meios de comunicação via satélite permitiu que eventos esportivos pudessem ser acompanhados pela televisão, ou pela internet, em horários compatíveis com os expedientes de trabalho da população.

No entanto, a evolução da transmissão esportiva e as alterações geradas em jogos e campeonatos, em consequência da participação de grandes corporações na organização dos times, não afastaram o público dos estádios de futebol, ao contrário, as empresas entenderam que aliar seu nome à imagem de um estádio repleto de espectadores poderia representar um benefício para os seus objetivos comerciais. Assim, o programa dos edifícios esportivos de quarta geração buscou criar o palco necessário para a transmissão do evento esportivo real, para o estádio virtual, difundido ao redor do globo pela transmissão via satélite.

Os estádios tornaram-se menores, mais acessíveis e com soluções que permitem a instalação de dezenas de câmeras e quilômetros de cabos ópticos que transmitem a partida para bilhões de telespectadores espalhados pelo mundo, como afirma Sheard (2004, p. 114), quando trata da teoria das cinco gerações de estádios:

A quarta geração de estádios é um resultado direto das demandas das TVs via satélite. A programação das empresas de televisão é montada de forma que um jogo de futebol com duração de noventa minutos ou um jogo de Rugby com duração de oitenta minutos se torna também um programa de televisão, com *replays*, comentários, análises e programas de críticas esportivas após o jogo. O jogo de *baseball* com seus *innings* e o futebol americano com o jogo dividido em quartos são perfeitamente adequados para a TV, assim como as regras do jogo também se

enquadraram às necessidades dos canais de televisão. Os “tempos técnicos” foram criados nos jogos do futebol americano apenas com fins comerciais. (Tradução nossa).

Além de estar conectado a redes de transmissão via satélite, esses edifícios passaram a agregar ao seu programa outros usos que beneficiassem a sua lucratividade como hotéis, edifícios de escritórios, restaurantes e áreas comerciais que se valiam da mídia esportiva como sua principal forma de propaganda. Com isso o edifício transformou-se em um centro comercial, que fazia do esporte o seu principal meio de divulgação.

Porém o estádio de quarta geração não se valeu apenas da ascensão do esporte como propaganda, mas do caráter tecnológico empregado aos edifícios patrocinados por grandes empresas. O impacto causado pelo avanço tecnológico de um edifício esportivo na mídia e no público em geral passou a ser uma prática comum entre as arenas esportivas. Como resultado dessa prática, surgem estádios cujo nome do edifício é o mesmo da empresa que patrocinou a sua construção.

Apesar de tecnologicamente avançados, esses edifícios na maioria dos casos não apresentavam um partido arquitetônico expressivo plasticamente, assim como não estabeleciam uma relação direta com suas cidades.

O estádio de quarta geração é um equipamento comercial, onde o poder do esporte de atrair multidões é posto a serviço do lucro. Nesse sentido, essa tipologia de estádio é característica, por apresentar espaços internos trabalhados, com soluções inovadoras que conciliam uma variedade de funções, por conta dos diferentes usos comerciais, utilizando o ambiente esportivo e suas atividades como atração.

Reebok Stadium¹³ – Bolton, Inglaterra, 1997

O Reebok Stadium foi implantado na região de Bolton a oeste de Londres, em uma área de pouco desenvolvimento urbano. O estádio apresenta soluções arquitetônicas arrojadas que permitem ao edifício destacar-se em relação ao seu entorno imediato.

Um dos objetivos do partido arquitetônico adotado foi a flexibilidade da edificação, visando permitir desenvolvimentos futuros, como ampliações ou incorporações de outros tipos de edifícios ao corpo principal do estádio sem que isso viesse a comprometer a harmonia

¹³ Sheard (2004). Disponível em: <www.bwfc.premiumtv.co.uk> (acesso em: 12 ago. 2011); www.wikipedia.com> (acesso em: 21 out. 2011); <www.worldsatdiums.com> (acesso em: 5 jul. 2011).

estética do projeto. Assim sendo, a fachada leste do Reebok Stadium foi transformada em um hotel com 125 quartos, dos quais 19 com vista para o campo.

O estacionamento do estádio foi circundado com edificações destinadas à ocupação comercial. Assim sendo, o grande número de vagas destinadas aos eventos esportivos é ocupado por consumidores das lojas ou usuários do hotel incorporados ao complexo.

Formalmente, o estádio é constituído por um volume principal circular, que não apresenta grandes inovações. A fachada sul do estádio, paralela a menor dimensão do campo de jogo é marcada pela repetição das aberturas dos quartos do hotel que faz parte do edifício. Essa fachada desprende-se do perímetro do volume circular e avança alguns metros em direção ao estacionamento. Esse movimento permite demarcar visualmente a parte do estádio destinada ao uso hoteleiro. Basicamente, o espaço destinado ao hotel foi incorporado ao volume do estádio como um edifício curvo, de volumetria horizontal aplicado à fachada do estádio.

O principal aspecto formal do Reebok Stadium é o desenho composto pela estrutura metálica que sustenta a cobertura e os refletores do edifício. Essa estrutura é constituída de quatro pilares metálicos inclinados, que são os principais apoios para cada uma das quatro treliças metálicas que sustentam os quatro planos de cobertura, paralelos às laterais do campo de jogo. As treliças, por sua vez, também foram concebidas de modo que os elementos metálicos horizontais fossem curvos, assim, ao se aproximar dos pilares metálicos, as treliças aumentam suas dimensões verticais. O movimento gerado pelos elementos metálicos curvos e pelos pilares inclinados enfatiza a condição iconográfica do estádio, implantado em uma região pouco habitada nos arredores de Londres.

A estrutura de cobertura do Reebok Stadium representa a alteração mais significativa no que diz respeito à arquitetura de estádios durante os anos noventa. Até então, raramente o sistema de cobertura havia sido concebido como um elemento de expressão visual. No caso do Reebok Stadium, o desenho do sistema estrutural da cobertura funciona como um marco comercial, transformando o estádio em um símbolo de todo complexo.

Ao referir-se à cobertura do Reebok Stadium, Sheard (2004, p.127) faz a seguinte afirmação: “seja observada como um símbolo, entendida como uma metáfora ou simplesmente admirada pela sua beleza a linguagem formal proposta para cobertura desse edifício, representa um momento de ruptura com as tipologias que antecederam”. Desde então, a concepção de coberturas surpreendentes e altamente tecnológicas tornou-se a ferramenta padrão de projeto, utilizada por arquitetos ao redor do mundo.

Imagem 9 - Imagem aérea mostrando a sua implantação ao lado de instalações comerciais. Fonte: www.flickr.com. Acesso em : 20/05/2010.

REEBOK STADIUM – BOLTON, INGLATERRA, 1997

Dados do edifício:

Ano de construção: 1997

Capacidade de público: 28 mil

Autor do projeto: HOK+S+V+E

Expansões: –

Website: www.bwfc.premiumtv.com.uk

Proprietário:

Bolton Wanderers Football Club

Imagem 10 - Vista externa do estádio a partir dos arredores de Bolton. Fonte: <http://www.rivals.net>. Acesso em: 14/12/2010.

Partido Arquitetônico

O Reebok Stadium foi concebido para se tornar um símbolo local através das soluções arquitetônicas utilizadas no edifício. Além disso, o estádio representava a volta à atividade de um dos mais antigos clubes ingleses. Assim, o estádio foi concebido como um polo de atividades comerciais, que utilizam o esporte como veículo de divulgação.

Linguagem Arquitetônica

O principal elemento de destaque visual do estádio é o sistema de cobertura estruturado sobre pilares metálicos inclinados. A fachada sudeste é composta por um volume curvo que se destaca do perímetro do estádio. Essa fachada é composta pela repetição das janelas dos 128 quartos de hotel presentes incorporados ao edifício.

Implantação

O Reebok Stadium foi implantado na região de Bolton a oeste de Londres, em uma região de pouco desenvolvimento urbano. O estádio apresenta soluções arquitetônicas arrojadas que permitem ao edifício destacar-se em relação ao seu entorno imediato.

Sistema de cobertura

A estrutura da cobertura é constituída de quatro pilares metálicos inclinados. Eles são os principais apoios para cada uma das quatro treliças metálicas que sustentam os quatro

planos de cobertura, paralelos às laterais do campo de jogo. As treliças, por sua vez, também foram concebidas, de modo que os elementos metálicos horizontais são curvos. Assim, ao se aproximar dos pilares metálicos, as treliças aumentam suas dimensões verticais.

Sistema Estrutural

O sistema estrutural do estádio é composto por colunas em concreto, localizadas sob os lances de arquibancadas, e no perímetro da edificação.

Multifuncionalidade

Um dos objetivos do partido arquitetônico adotado foi a flexibilidade da edificação, visando permitir desenvolvimentos futuros, como ampliações ou incorporações de outros tipos de edifícios ao corpo principal do estádio, sem que isso viesse a comprometer a harmonia estética do projeto. Assim sendo, a fachada leste do Reebok Stadium foi transformada em um hotel com 125 quartos.

O estacionamento do estádio foi circundado com edificações locáveis, destinadas à ocupação comercial. Assim sendo, o grande número de vagas destinadas aos eventos esportivos, são ocupadas por consumidores das lojas ou usuários do hotel incorporados ao complexo.

1.3.5 O edifício esportivo como evento arquitetônico

A cada uma das gerações descritas anteriormente soluções mais complexas e sofisticadas eram propostas, inovações tecnológicas eram adicionadas ao edifício e novas funções foram implementadas ao seu programa de necessidades.

Com a chegada do século XXI, os edifícios esportivos assumiram um novo papel dentro do contexto urbano contemporâneo. Essa nova tipologia de estádio tem a habilidade de moldar a configuração de novas cidades e de regenerar áreas degradadas de cidades antigas. A tipologia dos estádios contemporâneos tem a capacidade de proporcionar o surgimento de elementos necessários para fomentar a vida urbana de uma cidade, dentro da lógica contemporânea de globalização. Com a implantação de um edifício contemporâneo de quinta geração surgem novas áreas residenciais, zonas comerciais especificamente ligadas à prática esportiva, áreas de lazer e meios de transporte que inserem uma localidade dentro de uma rede mundial de cidades atendidas por todos esses elementos que acompanham a prática esportiva.

Os estádios chegaram a uma era onde se tornaram edifícios que podem ser usados como catalisadores do crescimento planejado e estratégico das cidades do século XXI. Os estádios tornaram-se poderosos símbolos de nossa cultura, nossas aspirações e algumas vezes de nossas falhas. Precisamos aprender como utilizá-los sabiamente e como extrair o máximo de seu potencial. (SHEARD, 2004, p. 116, tradução nossa).

A construção de estádios dentro de uma malha urbana consolidada tem sido uma prática comum nos últimos dez anos. Essa tática foi utilizada para revitalizar áreas degradadas em cidades como Baltimore, Denver, Cincinnati, Pittsburgh, Cardiff, Melbourne, Brisbane, Lisboa e São Francisco.

Assim, a característica determinante para a concepção de estádios no século XXI será o seu potencial como ferramenta regeneradora de tecido urbano e o seu papel iconográfico dentro do contexto global, que tem como objetivo inserir cidades contemporâneas dentro de um *continuum* global. Dessa forma, os estádios contemporâneos de quinta geração são obras arquitetônicas menos legíveis que as quatro gerações anteriores, podendo ser classificada e identificada pela sua importância dentro do cenário global e pelo seu potencial de regeneração regional. (SHEARD, 2004, p. 116, tradução nossa).

Apesar de Sheard (2004) apontar para uma menor legibilidade na paisagem, como uma característica do edifício esportivo de última geração, indicando a sua implantação como principal ferramenta de regeneração do tecido urbano, a análise desses edifícios demonstra a existência de características tipológicas que contrariam essa definição. Por meio do estudo dos estádios selecionados, nota-se a ocorrência de características tipológicas que também colaboram para que o estádio de quinta geração atue como regenerador de tecido urbano. Elementos como o sistema de cobertura e um partido arquitetônico evocativo são determinantes na consolidação de um edifício capaz de recaracterizar seu entorno.

Além de estabelecer uma conexão com o tecido urbano, o impacto visual causado pela edificação é um aspecto importante no processo de reconversão dos usos de determinada região. Nesse sentido, os elementos estruturais e os sistemas de cobertura têm-se configurado como as principais ferramentas de impacto visual, capazes de consolidar o estádio como ícone urbano.

Mesmo sem identificar elementos arquitetônicos que demonstrem a consolidação de uma tipologia, Rod Sheard afirma que o estádio contemporâneo representa uma complexa

ferramenta de planejamento urbano. Assim sendo, se utilizado de maneira conveniente, esse equipamento pode influenciar positivamente no crescimento de uma cidade, especialmente em áreas degradadas e subutilizadas, porém consolidadas. Dentro dessa configuração, o estudo elaborado por Sheard (2004) elege alguns estádios como exemplos da aplicação desses edifícios dentro de um tecido urbano degradado, sendo estes: o Westpac Stadium, construído na cidade de Wellington na Nova Zelândia; o Telstra Dome implantado em Melbourne, Austrália; o Estádio do Algarve, localizado nos arredores da cidade de Faro, Portugal; o Estádio da Luz, em Lisboa, Portugal; o SBC Park, na região portuária de São Francisco, na Califórnia, EUA; o Coors Field em Denver, Colorado, EUA; e o PNC Park, localizado em Pittsburgh, Pensilvânia, EUA.

Dos estádios citados pelo autor, a maioria encontra-se nos Estados Unidos, sendo que, com exceção do Reliant Stadium, construído primariamente para jogos de futebol americano, os demais edifícios foram concebidos para abrigar jogos de beisebol, que é um esporte eminentemente americano. Por isso, o presente estudo limitou-se ao estudo de apenas dois estádios construídos no Estados Unidos, que exemplificam as experiências tipológicas ocorridas em território americano, o já citado Reliant Stadium e o Astrodome Reliant, destinado à prática do beisebol.

O restante dos edifícios selecionados dedicou-se à análise das características morfológicas dos estádios edificadas em diferentes países e destinados à prática do futebol. A decisão de analisar os edifícios esportivos dedicados exclusivamente ao futebol, ou que tenha partidas de futebol como um dos usos incluídos no programa, justifica-se pela aceitação do futebol como esporte mundial, que também contribuiu para a transformação do estádio em uma intervenção urbana de impacto internacional.

As características apresentadas nesses estádios culminaram na tipologia do edifício esportivo de quinta geração, sendo concebidos e implantados em regiões pouco desenvolvidas, a fim de fomentar seu desenvolvimento econômico e urbano. Assim, os estádios escolhidos foram concebidos em diferentes países, demonstrando a maneira como esses edifícios são implantados ao redor do mundo, em contextos urbanos heterogêneos, mas, com a mesma finalidade, tornar-se um centro de desenvolvimento e de aplicação do capital privado.

Amsterdã Arena¹⁴ – Amsterdã, Holanda, 1997

O estádio de Amsterdã foi construído em 1996, com o propósito de ser um espaço inovador e multifuncional, sintonizado com as demandas do esporte contemporâneo. A partir desse expediente, o estádio buscou inovar com a concepção de um sistema de cobertura automatizado e semitranslúcido. Essa solução permitiu ao estádio o posto de primeiro edifício esportivo europeu com um sistema de cobertura móvel.

Talvez a decisão de buscar um edifício diferenciado tenha surgido após Amsterdã ter sido derrotada por Barcelona, na disputa para sediar os Jogos Olímpicos de 1992. Mesmo sem os Jogos Olímpicos, a cidade de Amsterdã manteve a decisão de construir um estádio de futebol moderno, com a possibilidade de ser completamente fechado, podendo, desse modo, acolher grandes eventos de outra natureza.

Depois de três anos de obras, o estádio foi concluído em 1996, com capacidade para 51 mil espectadores, podendo receber uma infinidade de eventos, desde os jogos de futebol, teatro, festas, reuniões, exposições e todo tipo de ocasiões onde se reúnam uma grande quantidade de pessoas.

Os assentos, destinados ao público, estão distribuídos em dois anéis que circundam o gramado. O anel superior é contínuo, projetado em forma retangular, com os cantos arredondados. Já o anel inferior é interrompido por grandes aberturas que podem ser utilizadas como saídas de emergência ou como acesso do público ao gramado, em dias em que o edifício abriga outro tipo de evento que não seja esportivo.

O principal elemento visual do projeto é a cobertura, composta por uma grande estrutura formada por dois arcos metálicos externos, dispostos no sentido da menor dimensão do campo. Esses arcos são ligados por vigas longitudinais dispostas em correspondência com a maior dimensão do gramado. Através dessas vigas correm os painéis semitransparentes que podem abrir ou fechar completamente a instalação (essa operação dura entre cinco e trinta minutos, dependendo da urgência necessária). Além dos arcos e vigas metálicos que formam o a estrutura móvel, a cobertura possui um sistema fixo, formado por estruturas espaciais metálicas. A parte fixa da cobertura também utiliza painéis translúcidos na região adjacente ao sistema móvel. À medida que a cobertura aproxima-se do perímetro do estádio, os painéis translúcidos são substituídos por chapas metálicas opacas, que contêm os raios solares assim que os assentos se elevam.

¹⁴ Spampinato (2004, p. 274). Disponível em: <www.amsterdaarena.nl>. Acesso em: 18 nov. 2011.

Todo o sistema de cobertura encontra-se apoiado sobre pilares metálicos, com desenhos semelhantes aos arcos e que se estendem além da altura máxima da cobertura curvilínea. Visualmente, o sistema de cobertura é o principal elemento que dá ao estádio um aspecto tecnológico e moderno.

Mesmo com a possibilidade de permitir que a luz solar entre no interior do edifício, o gramado natural tem passado por grandes dificuldades para crescer, por causa das dimensões da edificação (77 metros de altura). O mesmo ocorre com a possibilidade de abertura da cobertura, posto que a verticalidade desse edifício tornou-se um obstáculo para os raios solares e para a ventilação natural no interior do estádio, até mesmo quando a cobertura está completamente aberta.

O edifício parece bastante imponente desde o seu exterior, em virtude da grande verticalidade incomum aos estádios de futebol. A partir de seu exterior o estádio alcança dimensões verticais muito superiores ao seu espaço interno. Isso se dá pelo fato de o edifício estar implantado sobre uma das principais vias da cidade. Essa condição determinou a sobreposição de pisos que servem de apoio e agregam serviços e outros usos ao estádio

Além do inovador sistema de cobertura e da incomum verticalidade, o estádio de Amsterdã diferencia-se dos demais estádios pela sua implantação, pois, além de estar implantado sobre uma importante avenida, ele está vizinho ao entroncamento de duas das principais vias de fluxo rápido da cidade, responsáveis pela principal ligação entre a região central de Amsterdã e o bairro onde se encontra o edifício. Dessa forma, o principal acesso de veículos ao edifício é feito por rampas localizadas embaixo do estádio, que levam aos estacionamentos localizados no primeiro pavimento. Essa solução permite um acesso direto de jogadores, juízes e todo fluxo de serviço ao interior do estádio.

O partido adotado na concepção do Amsterdã Arena utiliza-se da verticalização do edifício, sobrepondo os setores do estádio em pavimentos. Essa solução possibilitou reduzir a área de projeção do estádio, no entanto esse tipo de implantação fez com que o projeto não pudesse contar com subsolos. Afora isso, o fato de o estádio encontrar-se em uma região urbanamente consolidada de Amsterdã determinou que o edifício tivesse limitações no tocante à área ocupada.

Desse modo, o estádio possui três pavimentos edificadas acima do nível da avenida, destinados a estruturas de apoio. Esse aspecto implicou a elevação do gramado, que se encontra a nove metros sobre o nível natural do terreno. Os demais pavimentos inferiores,

localizados sob o gramado, são ocupados pelo museu do Ajax, maior clube holandês, e por demais usos comerciais como lojas, restaurantes e espaços destinados a atividades comerciais e recreativas, que são o motor econômico do empreendimento.

Entre as lojas e espaços comerciais emergem as estruturas em concreto armado que sustentam os anéis das arquibancadas situadas logo acima. A partir do nível das arquibancadas elevam-se colunas metálicas que sustentam a cobertura retrátil e grandes colunas que abrigam as escadarias e elevadores da edificação.

A estrutura de sustentação das arquibancadas foi feita em concreto armado e disposta de forma aparente, permitindo a visualização dos pilares que circundam o edifício. Apesar de estabelecer uma competição visual com os demais elementos do edifício, a sequência de pilares enfatiza a verticalidade do edifício e estabelece certo ritmo à fachada deste. Para viabilizar a concepção de usos comerciais nos primeiros pavimentos, assim como a implantação do edifício sobre a avenida, foi criada uma grande laje, que se configura como uma praça de acesso ao edifício e os aos equipamentos localizados nos primeiros pavimentos do estádio.

Muitas lojas e atividades comerciais sofisticadas se instalaram na praça de acesso ao estádio. Porém a região adjacente ao edifício tem experimentado um processo de reconversão e de mudanças no caráter da ocupação do solo. Esse processo ganhou força nos últimos anos, a ponto de toda a área adjacente ao estádio passar a ser chamada de Arena Boulevard.

Após dez anos da inauguração do estádio, o Arena Boulevard é considerado uma nova centralidade para a Amsterdã. A região conta atualmente com cinco lojas âncoras, quatro casas de shows e entretenimento, sete restaurantes e dez hotéis, situados nas imediações do complexo.

O desenvolvimento dessa região, adjacente ao Amsterdã Arena, levou as entidades responsáveis pelo planejamento urbano local a estabelecerem novas diretrizes de ocupação para a área, assim como novos investimentos de infraestrutura para o local. Sendo assim, o Arena Boulevard irá contar, nos próximos anos, com dois edifícios multifuncionais que alcançarão 150 metros de altura. Além dos edifícios, em 2010 a região recebeu a construção de uma estação de metrô e ônibus, que conectou o Arena Boulevard a outras áreas da cidade.

As soluções adotadas no partido arquitetônico do Amsterdã tornam-no um empreendimento inovador, que lança mão de sistemas tecnológicos simples, uma vez que o estádio se resume ao *bowl* de concreto armado e uma cobertura formada por arcos curvos que lhe dão o aspecto abaulado. Essa cobertura é composta por painéis semitransparentes montados sobre um sistema móvel, que permite que os painéis centrais deslizem em direção à extremidade, para que o edifício seja aberto. No entanto, podemos afirmar que aspecto mais tecnológico do Amsterdã Arena é o processo construtivo, que possibilitou a construção de um estádio de futebol sobre uma importante via de tráfego da cidade.

A implantação desse edifício representou um marco de rompimento com as tipologias arquitetônicas praticadas nos estádios mundiais. A concepção do Amsterdã Arena não se conteve em rebuscar o edifício com sistemas tecnológicos impressionantes, ou com soluções plasticamente inovadoras. O estádio rompe com um modelo de implantação tradicional e assume a sua condição de ícone, posicionando-se sobre uma via de fluxo rápido e estabelecendo uma ligação direta com o principal meio de transporte do mundo contemporâneo.

Talvez as inovações propostas pelo Amsterdã Arena tenham sido a única maneira encontrada pela cidade de levar à frente os planos de reestruturação urbana que eram pretendidos com a possível realização das Olimpíadas de 1992. Em todo caso, a construção de um estádio com um sistema de cobertura móvel e inovador em termos de implantação possibilitou a reconfiguração urbana da região, instaurando uma nova centralidade econômica, esportiva e cultural.

Imagem 11 - Imagem de satélite do estádio Amsterdã Arena. Fonte: Google Earth

AMSTERDÃM ARENA – AMSTERDÃ, HOLANDA, 1997

Dados do edifício:

Ano de construção: 1997

Capacidade de público: 51.628

Autor do projeto: R. Schuurman &
S. Soeters

Website: www.amsterdaarena.nl

Proprietário: Ajax Amsterdam

Imagem 12 - Imagem aérea do estádio e da zona comercial adjacente ao edifício. Fonte: www.flickr.com. Acesso em: 14/03/2011.

Partido Arquitetônico

O estádio foi concebido com o propósito de ser um espaço inovador e multifuncional, sintonizado com as demandas do esporte contemporâneo. A partir desse expediente, o estádio buscou inovar com a concepção de um sistema de cobertura automatizado e semitranslúcido. Essa solução conferiu ao estádio o posto de primeiro edifício esportivo europeu com um sistema de cobertura móvel. Todo o sistema de cobertura encontra-se apoiado sobre pilares metálicos, com desenhos semelhantes aos arcos, que se estendem além da altura máxima da cobertura curvilínea.

Além disso, o sistema de cobertura o estádio de Amsterdã foi edificado em pavimentos, possibilitando que os primeiros andares fossem ocupados com equipamentos destinados a diversos tipos de usos relacionados ao entretenimento e à prática esportiva.

Linguagem Arquitetônica

O principal elemento visual do projeto é a cobertura, composta por uma grande estrutura formada por dois arcos metálicos externos, dispostos no sentido da menor dimensão do campo. Além da cobertura, a sequência de pilares externos do estádio também é elemento visual de destaque na fachada do estádio, uma vez que o edifício atinge o equivalente a cerca de seis andares de altura.

Implantação

O estádio de Amsterdã foi implantado sobre uma das vias mais importantes da cidade, tornando-se o primeiro edifício esportivo sobre uma via de tráfego. Assim, o edifício abre espaço para a construção de uma grande zona comercial, que é chamada de Arena Boulevard.

Sistema de cobertura

A cobertura é composta por uma grande estrutura formada por dois arcos metálicos externos, dispostos no sentido da menor dimensão do campo. Esses arcos são ligados por vigas longitudinais dispostas em correspondência com a maior dimensão do gramado. Através dessas vigas correm os painéis semitransparentes que podem abrir ou fechar completamente a instalação. A cobertura possui um sistema fixo, formado por estruturas espaciais metálicas. A parte fixa da cobertura também utiliza painéis translúcidos na região adjacente ao sistema móvel.

Sistema Estrutural

Basicamente, o estádio possui dois sistemas estruturais distintos. O primeiro é composto por elementos pré-moldados feitos em concreto armado que sustentam os lances de arquibancadas. Esses elementos se elevam desde o nível da esplanada que dá acesso ao estádio até o ponto mais alto do edifício. O segundo sistema estrutural é composto por elementos metálicos, distribuídos em quatro pontos do estádio, e dão suporte aos arcos metálicos que formam a cobertura móvel.

Multifuncionalidade

O programa do estádio contava com espaços e ambientes destinados a atividades lúdicas e de suporte a prática esportiva. No entanto, a implantação do estádio sobre a via favoreceu que o terreno adjacente ao edifício fosse destinado a ocupações comerciais sofisticadas. Logo a diversidade de atividades e usos está concentrada no seu entorno, ao invés de no interior do estádio. A essa área adjacente deu-se o nome de Arena Boulevard. Atualmente esse espaço conta com cinco lojas âncoras, quatro casas de shows e entretenimento, sete restaurantes e dez hotéis.

CAPÍTULO 2

A imagem, os estádios e os eventos esportivos

2.1 Megaeventos esportivos: possibilidades de redesenho das cidades-sedes

Os Jogos Olímpicos ou a Copa do mundo de Futebol transformaram-se em sinônimo da consolidação do caráter global de grandes cidades. Com base nesse princípio, a possibilidade de sediar tais eventos tornou-se a justificativa para o investimento na construção de grandes estádios e de toda a infraestrutura exigida pelas entidades organizadoras. Com isso, os últimos anos demonstram um grande crescimento no número de cidades que se candidatam como sedes destes eventos. Ao final do século XX, os megaeventos esportivos transformaram-se em um dos mais evidentes processos de globalização, entendidos como uma possibilidade clara da realização de grandes intervenções urbanas, desenvolvimento da cidade-sede, da expansão de sua infraestrutura e crescimento econômico.

Entretanto, a maioria das pesquisas e publicações sobre o impacto desses eventos junto a sua cidade-sede limita-se à análise econômica do evento. Nesse sentido, quanto ao aspecto econômico, estes textos apontam os impactos desses eventos, nos quais, dentre os positivos, destacam-se a expansão de infraestrutura, a grande exposição e publicidade em âmbito mundial da cidade-sede, que ocasionam um crescimento no setor turístico. Da mesma maneira, os potenciais impactos negativos ocasionados pela realização de grandes eventos esportivos apontam para um planejamento deficiente que propõe intervenções limitadas que não contribuem para o desenvolvimento da cidade, assim como a construção de grandes instalações superdimensionadas, que, no futuro, apenas gerarão grandes custos ligados a sua manutenção ou se transformarão em edifícios abandonados.

Contudo, as pesquisas realizadas sobre os impactos diretos e indiretos na economia de uma cidade em decorrência de grandes competições esportivas, apesar de importantes, não aferem de maneira completa a influência que a realização de um evento como a Copa do Mundo ou os Jogos Olímpicos. Outros aspectos devem ser abordados quando se trata de uma análise precisa sobre os efeitos deixados pela realização desse tipo de megaevento. Dentre eles, se destaca a influência positiva gerada por esses eventos na comunidade local, especialmente em decorrência da qualidade dos projetos arquitetônicos e urbanos. Esses aspectos foram comumente deixados de lado nas discussões acadêmicas sobre o tema, no entanto, desde a realização da Copa do Mundo de 2006, alguns autores como Gabriel Ahfeldt

e Wolfgang Maennig (2010) buscam pesquisar a relação desses eventos com os centros urbanos a partir da construção de edifícios icônicos assim como através das intervenções urbanas realizadas em decorrência dessas competições.

Estudos feitos em cidades que sediaram Copas do Mundo e Olimpíadas nas últimas décadas apontam grandes avanços realizados nos investimentos e na eficiência dos sistemas de infraestrutura urbana nos anos que antecederam tais eventos esportivos. Entretanto, o planejamento desses eventos representa um desafio tão grande quanto as suas oportunidades de desenvolvimento, uma vez que as decisões tomadas durante o processo de preparação perdurarão por décadas. Particularmente no caso de países em desenvolvimento, os custos e impactos gerados por tais eventos determinam grandes implicações na sua gestão governamental, no cotidiano das principais cidades e especialmente em seu sistema de finanças públicas.

Portanto, é fundamental que essas nações confrontem as oportunidades com os riscos inerentes à realização de um megaevento esportivo, tais como o endividamento público ou a publicidade ruim decorrente de falhas na sua organização. A necessidade de análise crítica de todas as variáveis apresentadas nos parágrafos anteriores fundamenta a seguinte questão, que continua em aberto: os benefícios decorrentes da realização de um megaevento esportivo equivalem aos seus custos?

Atualmente, a questão apontada no parágrafo anterior tornou-se mais pertinente, já que nações em desenvolvimento têm se candidatado com frequência como sedes de grandes eventos esportivos. Esse cenário de ascensão de países em desenvolvimento provocou uma mudança recente no comportamento das entidades organizadoras de grandes competições esportivas, que passaram a considerar esses países como possíveis sedes para a realização desses eventos. Especialmente no caso dos Jogos Olímpicos, ao longo do século XX, nações ocidentais industrializadas foram predominantemente as escolhidas como sedes pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Apenas os jogos de 1968, realizado na cidade do México e de 1988 realizado em Seul e do Rio de Janeiro a ser realizado em 2016 fogem a essa regra.

Diferentemente dos Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo de futebol, desde a sua primeira edição em 1930, foi realizada diversas vezes em países em desenvolvimento, especialmente em nações latino-americanas. Até a Copa de 1994, realizada nos Estados Unidos, essa competição havia sido realizada alternadamente entre países europeus e latino-americanos. Entretanto, a realização da Copa do Mundo nos Estados Unidos na década de 1990 revelou uma nova estratégia da Fifa a ser implantada na realização desse evento. Com a

popularização do futebol assim como com a consolidação da Copa do Mundo como um evento capaz de atrair a atenção global, países sem nenhuma tradição esportiva ligada ao futebol passaram a ser considerados como possíveis sedes. Esse novo momento levou a Copa do Mundo aos Estados Unidos em 1994, ao Japão e Coreia do Sul em 2002 e à África do Sul em 2010 e, após a realização da Copa do Mundo no Brasil em 2014 e na Rússia em 2018, a competição será realizada no Qatar em 2022.

Apesar de todo o prestígio que envolve a realização de um evento internacional, especialmente no caso de nações em desenvolvimento, os riscos de endividamento assim como da realização de intervenções e projetos malsucedidos são maiores. Especialmente quando esses países não possuem uma indústria esportiva consolidada, capaz de gerar a demanda necessária para que os estádios construídos para a Copa do Mundo não se tornem em equipamentos dispendiosos e ociosos. Além disso, o investimento de recursos na construção de estádio modernos pode ser objeto de longas discussões e controvérsias, já que esses países ainda possuem severos problemas sociais e necessitam de grandes investimentos. No entanto, esses países podem realizar avanços maiores que outras nações desenvolvidas, uma vez que a realização de uma copa do mundo poderá ser a razão para que essas nações invistam em sistemas de transporte de massa, determinem vetores de desenvolvimento urbano em suas cidades e invistam em redes de infraestrutura de telecomunicação que levariam anos para ser construídos.

A realização de megaeventos esportivos como a Copa do Mundo demanda grandes investimentos na construção de estádios tecnologicamente avançados, capazes de atender às necessidades da competição, assim como a construção de sistemas de infraestrutura e telecomunicações que conectem esse edifício às demais áreas da cidade e do mundo. Com isso, essas intervenções representam grandes custos que, preferencialmente, deveriam ser absorvidos por membros privados ligados à indústria esportiva. Essa realidade foi aplicada ao longo das últimas edições da Copa do Mundo, especialmente àquelas realizadas em nações desenvolvidas como na Alemanha em 2006, onde, segundo Mendez (2010), 60% dos recursos aplicados na construção dos doze estádios utilizados pelo evento foram aplicados pelos clubes ou por investidores do setor privado, os 40% restantes foram absorvidos pelo setor público, diferentemente da Copa de 1974, também realizado na Alemanha, onde 100% dos recursos aplicados vieram dos cofres públicos.

Entretanto, apesar das experiências bem-sucedidas realizadas em competições anteriores, as propostas feitas por nações em desenvolvimento apresentam o poder público

como principal agente financiador desses eventos. Apesar dos riscos de endividamento e da incerteza sobre o legado dessas competições, a cada eleição para sedes de Olimpíadas ou de Copas do Mundo, mais países emergentes apresentam projetos para a construção de estádios avançados e de grandes intervenções com a promessa de apresentarem à comunidade internacional a melhor copa ou olimpíada de todos os tempos. Essa realidade pode ser atribuída à carência de estudos críticos que avaliem, a partir de uma metodologia científica, os reais impactos advindos da realização de grandes projetos e intervenções urbanas em função de grandes eventos esportivos.

De fato, não se sabe ao certo se a realização de uma copa do mundo ou olimpíada, especialmente por nações em desenvolvimento, e a construção de toda infraestrutura demandada por esses eventos representam uma oportunidade de crescimento ou um fardo a ser carregado por décadas.

2.2 A Copa do Mundo de Futebol: possíveis transformações urbanas em escala nacional

Várias publicações feitas ao longo do século XX buscaram expressar a importância do futebol como esporte de massa. Um exemplo disso é a definição usada por Lever (1995): "Futebol: o primeiro esporte internacional". Da mesma forma, Golblatt (2006) afirma que o futebol pode ser considerado uma manifestação cultural global e, portanto, um importante elemento da história do mundo contemporâneo. Não obstante as definições feitas por esses autores, se tomarmos os centros urbanos brasileiros como exemplo, observamos que, independentemente de sua população, o estádio juntamente com o edifício religioso configuram-se como espaços aglutinadores do interesse urbano. Mendez (2010) justifica esse forte simbolismo ligado a construção de um estádio destacando o sentimento de identidade vinculado à relação entre a população de uma cidade e a equipe local. Com isso, podemos afirmar que um estádio de futebol tornou-se um equipamento de destaque na paisagem urbana, um emblema da cidade com significados políticos, sociais e históricos.

Portanto, é surpreendente que poucas publicações tenham se dedicado a analisar os resultados obtidos a partir da combinação entre o futebol, prática esportiva mais popular no mundo, e a sua manifestação como megaevento de impacto internacional. A Copa do Mundo de futebol, organizada pela Fifa¹⁵, conta com a participação das 32 melhores seleções de

¹⁵ Fifa – Fédération Internationale de Football Association: é formada por 208 países membros, dezesseis a mais que as Nações Unidas e três a mais que o Comitê Olímpico Internacional (COI) (MENDEZ, 2010)

futebol, definidas por meio de competições eliminatórias que envolvem todas as 208 nações afiliadas a ela. Portanto, Copa do Mundo de futebol, diferentemente dos Jogos Olímpicos, define-se como uma competição entre atletas profissionais que representam a elite mundial de tal esporte. A Copa do Mundo é uma competição de alto nível que envolve o esporte de maior participação popular, assim, é inegável a sua importância global (Goldblatt, 2006).

Por ser organizada em diferentes cidades de uma mesma nação, a Copa do Mundo se estrutura de maneira diferente que os Jogos Olímpicos, que ocorrem em apenas uma cidade. Com isso, os impactos decorrentes da realização de um campeonato mundial de futebol devem ser analisados não apenas na esfera local, mas em escala nacional, uma vez que esse evento demanda a construção ou renovação de pelo menos dez estádios em diferentes cidades. Por essa razão, é fundamental que exista clareza sobre os efeitos causados pela construção de um estádio em suas múltiplas escalas. É preciso identificar nas cidades-sedes o potencial para receber esse tipo de intervenção, e especialmente para incorporá-lo ao seu cotidiano após o evento.

Assim, como o edifício religioso, os estádios se tornaram espaços de congregação e, para alguns autores, espaços de adoração. Além disso, os estádios tornaram-se significantes monumentos arquitetônicos representativos de centros urbanos e suas culturas. Entretanto, naquilo que se refere à realização de uma Copa do Mundo, ainda existe uma questão perene: de que maneira essas grandes estruturas, construídas para uma única ocasião, podem ser integradas ao desenvolvimento futuro das cidades que as abrigam? As experiências desenvolvidas em cidades-sedes nas últimas duas décadas nos demonstram que a ausência de planejamento que responda ao funcionamento do edifício após o evento leva o estádio a grandes períodos de desuso, gerando altos custos de manutenção ao passo que o edifício não se torna um atrativo para a população local e nem mesmo para turistas. Com o tempo, essas grandes estruturas tornam-se áreas subutilizadas da cidade, e em alguns casos sendo literalmente abandonadas pelos governos locais, revertendo toda a lógica de requalificação do espaço urbano ao qual se propunham originalmente.

Esta situação pode ser evidenciada em vários exemplos ao redor do globo. Recentemente, o Chinese Olympic Green¹⁶, construído para os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008, ao custo de 40 bilhões de dólares para os cofres públicos, foi

definido como uma zona vazia nos arredores dos anéis centrais da cidade. (ZIMBALIST, 2010 apud MENDEZ, 2010, p.34).

De acordo com o artigo publicado no jornal *New York Times*, no ano seguinte aos Jogos Olímpicos o icônico estádio Ninho de Pássaro, com capacidade para 91 mil espectadores, recebeu um show do cantor Jackie Chan, uma partida entre times italianos, uma ópera e uma apresentação de canto chinês. Até mesmo o time de futebol local se recusa a participar de um acordo para arrendar o estádio. Os únicos inquilinos do estádio são turistas que visitam a sua loja de *souvenirs*. (WINES, 2010 apud MENDEZ, 2010, p. 34, tradução nossa).

Fica evidente que o sucesso de grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, passa diretamente pelo planejamento da utilização do estádio após o evento. Especialmente no caso da Copa do Mundo, pois, como citado anteriormente, várias cidades de uma mesma nação são escolhidas como sedes dos jogos. Essas cidades se aventuram na construção de avançados estádios em busca dos benefícios anunciados pelo evento. A escolha das sedes dos jogos nem sempre é feita com base em critérios técnicos que avaliem as características desses centros urbanos, como dados para o projeto que venham a apontar se a construção de um estádio de última geração, conjugado com a realização de um grande evento esportivo, trará como resultado um edifício que apresente as seguintes características:

[...] reforce seu símbolo como espaço público, tornando-se integralmente público e permitindo que suas dependências e arredores sejam utilizados em múltiplas funções, durante vários períodos do dia. Para tanto, a Fifa deveria exigir evidências que atestem o potencial destas cidades em receber esses edifícios, assim como um planejamento para que esses complexos estejam integrados ao cotidiano e à comunidade local após o evento. Essa medida iria reduzir significativamente o risco de que a cada quatro anos se produzam novos elefantes brancos ao redor do globo. (MENDEZ, 2010, p.35).

Durante as últimas décadas, com a solidificação da Copa do Mundo como um dos principais eventos internacionais contemporâneos, o processo de seleção dos países e cidades-sedes transformou-se em acontecimento de grandes proporções, capaz de atrair a atenção da mídia internacional não apenas para os critérios de escolha adotados pelos organizadores ou pelos projetos propostos pelas nações candidatas, mas principalmente pelas suas implicações econômicas e sociais, especialmente quando se observa que a participação de países em desenvolvimento passa a ser uma tendência na realização desse tipo de evento. Com isso, pode-se afirmar que o principal indicador de sucesso do evento não é a capacidade de

determinado país em prover a infraestrutura necessária ou a própria realização da competição, mas a capacidade de planejar intervenções que extraíam potencial das cidades-sedes por meio de projetos urbanos que agreguem desenvolvimento ao espaço público desses centros.

Os estudos realizados por Maenning (2006) demonstram que mesmo em nações desenvolvidas, como a Alemanha, sede da copa de 2006, o planejamento para a utilização dos estádios após a competição é um aspecto fundamental, uma vez que, com o final do evento, todos os estádios estão sujeitos ao desuso, especialmente em regiões com pouca tradição esportiva. Nesse aspecto a Copa do Mundo de 2010, realizada na África do Sul, representa um vasto número de casos a serem interpretados academicamente, uma vez que foram construídos nove novos estádios para a competição. Em alguns casos, esses estádios foram construídos em regiões periféricas, onde, para além de todos os problemas sociais e econômicos, o esporte como indústria da diversão não se fez presente mediante ligas e times profissionais. Com a construção de grandes estádios, algumas cidades, especialmente as pequenas, terão a oportunidade de receber grandes eventos esportivos e de entretenimento. Entretanto, a população local não poderá pagar pelos ingressos e, assim, existe uma grande chance de os estádios construídos para a Copa da África do Sul tornarem-se estruturas subutilizadas, além de haver grandes perdas para os investidores. Sobre esse cenário, Maenning (apud Wood, 2008, p.34) acrescenta:

Após a Copa do Mundo de 2010, muitos desses avançados estádios não serão utilizados com regularidade. Com tantos estádios grandiosos, não será possível utilizá-los plenamente. A África do Sul é uma nação relativamente pobre e, assim sendo, os seus cidadãos não podem pagar pelos tipos de eventos que os organizadores esperam realizar em estádios com capacidades acima de 50 mil espectadores. (Tradução nossa).

A Copa do Mundo de 2010, realizada na África do Sul, trouxe à tona questões importantes sobre a realização desses eventos e seus benefícios para os países-sedes, especialmente em nações em desenvolvimento. A partir de então, um estudo desenvolvido pelo Institute of Security Studies em maio de 2010 busca esclarecer os interesses envolvidos na realização da Copa na África do Sul, assim como os reais benefícios deixados pelo evento. Como resultado, o estudo questiona a atuação e a responsabilidade da Fifa, uma vez que a entidade estabelece prazos e medidas que visam prioritariamente à lucratividade do evento, deixando em segundo plano critérios que busquem garantir que a realização de tal evento resultará em desenvolvimento para o país-sede. Refere Mendez (2010, p. 38):

O legado criado por uma Copa do Mundo, bom ou ruim, bem-sucedido ou não, trará impactos mais duradouros que as competições propriamente ditas. Isto significa que, no longo prazo, a popularidade da Copa do Mundo dependerá da sua capacidade de gerar um legado construído positivo e permanente para as cidades-sedes. Deveria ser interesse da Fifa equilibrar a lucratividade do evento com a sua capacidade de gerar benefícios no longo prazo que serão deixados para trás ao final da competição. Portanto, para manter a sua popularidade global a Fifa deve exigir que toda infraestrutura construída para o evento busque colaborar para o alcance de metas que garantam o desenvolvimento da cidade-sede no longo prazo

São cada vez mais comuns análises e estudos que demonstram a incapacidade de um estádio de última geração, projetado para uma Copa do Mundo, consolidar-se como um equipamento lucrativo para a sua cidade após o final do evento. Portanto, a realização de uma Copa do Mundo jamais deveria ser justificada pela capacidade do evento e dos estádios propriamente ditos em gerar dividendos. Essa leitura tem levado grandes cidades, em nações desenvolvidas, a estratégias equivocadas que não se confirmaram após o evento. Por mais moderno ou avançado que seja esse edifício, a sua incapacidade em atrair eventos ou em participar do cotidiano de suas comunidades o transformará em um péssimo negócio, uma vez que os custos de manutenção são altíssimos, ao passo que não existe uma grande demanda para sua utilização. Situações assim podem ser observadas em todas as edições de Copa do Mundo realizadas nas últimas duas décadas.

O estádio Sapporo Dome é um exemplo notável dessa realidade. Construído para a Copa de 2002, o estádio foi um dos dez edifícios construídos pelos japoneses para a realização do evento. Entretanto, a Copa de 2002 foi pela primeira vez realizada em dois países vizinhos. Além do Japão, a Coreia do Sul também construiu dez estádios para o mesmo evento. Com isso, vinte edifícios estiveram disponíveis para a competição. Dentre os estádios japoneses, o Sapporo Dome é mundialmente conhecido pelo seu partido arquitetônico tecnológico e ao mesmo tempo como o maior "elefante branco"¹⁷ resultante da Copa de 2002. O estádio foi construído a um custo de 400 milhões de dólares, com um gramado completamente retrátil que custa US\$ 15 mil a cada vez que é removido do edifício. Entretanto, o edifício está implantado em uma cidade pequena, sem ligas profissionais ou organizações esportivas locais capazes de utilizar o estádio.

¹⁷ Elefantes brancos são considerados equipamentos valiosos e ao mesmo tempo dispendiosos, de forma que seus proprietários simplesmente não podem descartá-los. Seus custos de manutenção excedem em muito o seu valor total. Segundo Kassens (2012), a expressão teve origem no sudeste da Ásia. No século XIX, dar um elefante branco de presente era considerado uma bênção e ao mesmo tempo uma maldição. Uma bênção, pois o animal era considerado sagrado e assim deveria ser mantido; uma maldição, pois ele mesmo deveria ser preservado do trabalho pela sua condição sacra, não justificando o alto custo de seu sustento.

Além da aparente discrepância entre o edifício projetado para a Copa de 2002 e a cidade de Sapporo, a localização do estádio é outro aspecto marcante a ser observado. Implantado em uma região periférica da cidade, está literalmente nos limites de sua malha urbana e desconectado de redes de transporte de massa. Antes mesmo da sua conclusão os organizadores do evento listavam o Sapporo Dome entre os oito estádios que não seriam capazes de se sustentar (WOOD, 2008).

A Copa do Mundo é uma marca, vendida por uma entidade privada a uma nação, que se compromete em prover a infraestrutura necessária para realização desse evento (MAENNING, 2010). Entretanto, as sedes das competições devem estabelecer estratégias próprias, com critérios avaliativos que identifiquem as cidades capazes de receber os investimentos e de abrigarem estádios que se configurem como intervenções urbanas bem-sucedidas. A cada nova edição, fica claro que a realização de uma Copa do Mundo não representa uma oportunidade de reinventar a natureza e vocação de cidades interioranas como Sapporo no Japão, ou Nelspruit na África do Sul.

Portanto, é de grande importância que pesquisas científicas busquem entender qual o real potencial existente na construção de um edifício esportivo, sede de grandes competições. É notório que um estádio não proporciona lucros isoladamente e não concentra em si mesmo os fatores necessários para consolidar processos de requalificação urbana.

Tampouco o simples fato de se construir um estádio arquitetonicamente inovador em uma pequena cidade, distante dos grandes centros e sem uma indústria esportiva atuante, representará a possibilidade de sediar grandes competições no futuro, ou de inserir qualquer pequeno centro urbano no circuito dos grandes eventos de entretenimento.

Uma estratégia comum, especialmente entre países em desenvolvimento, é definir as sedes das competições em função de atrações turísticas naturais já existentes em uma determinada região. Essa postura busca atrair recursos para o país, especialmente com o interesse turístico gerado pela Copa do Mundo. Para isso, cidades próximas a parques naturais têm se tornado sedes de Copas do Mundo, construindo modernos estádios mesmo sem times.

Entretanto, esse raciocínio tem se mostrado equivocado, uma vez que ao final do evento o fluxo de turistas voltará aos níveis anteriores à competição e, assim, a utilização do estádio ficará resumida a eventos esparsos, realizados com pouca frequência ou à visita de turistas e à venda de *souvenirs*, atividades essas que são incompatíveis com o investimento realizado e com os custos operacionais do edifício.

Apesar da abrangência nacional envolvida na realização de uma Copa do Mundo, a simples disseminação de grandes estádios contemporâneos não é sinônimo de desenvolvimento local. Portanto, os reais benefícios atribuídos à realização desse tipo de evento devem ser mais bem entendidos pelas cidades-sedes do evento, assim como as características arquitetônicas e urbanísticas que podem transformar um estádio em uma nova centralidade em malhas urbanas já consolidadas.

2.3 A definição de legado? O que regenerar e para quem?

Muitos autores defendem a tese de que grandes competições internacionais representam grandes benefícios para suas sedes. Entretanto, em se tratando de requalificação de espaço urbano, ainda não se pode precisar qual o legado a ser esperado após a realização de uma Olimpíada ou Copa do Mundo. Mesmo para as entidades organizadoras desses eventos, como a Fifa ou o Comitê Olímpico Internacional, a preocupação com o impacto deixado pelas competições esportivas é uma questão recente nos processos de escolha dos países sedes. Apenas a escolha das sedes das competições realizadas nos últimos dez anos exigiu dos países candidatos um planejamento claro capaz de demonstrar os benefícios deixados para a cidade, assim como um plano de gestão adequado dos estádios construídos para o evento.

A ideia de que exista um legado deixado por grandes eventos esportivos ainda é uma definição prematura. Enquanto grandes centros organizam-se na expectativa de sediarem grandes competições internacionais em busca por prestígio, lucros econômicos, culturais e desenvolvimento de sua infraestrutura, textos publicados por autores como Cashman e Hughes (1999), Searle (2002), Graton (2008), Essex e Chalkley (2008) questionam a definição de legado estabelecido por entidades organizadoras desses eventos e buscam entender o verdadeiro impacto deixado pelas grandes competições esportivas internacionais.

Segundo Kassens (2012), o legado deixado por uma competição internacional é uma questão indefinida e, assim sendo, os procedimentos analíticos adotados nos últimos anos mostraram-se equivocados, incapazes de aferir a capacidade de tais eventos em alcançar as metas estabelecidas. O real legado decorrente desse tipo de evento só pode ser observado nos anos seguintes às competições, ao passo que o foco do debate passa a ser as propostas e intervenções a serem realizadas nas próximas competições, e não o real impacto deixado pelos estádios na última sede.

Entretanto, apesar das indefinições acerca dos reais impactos esperados em decorrência da realização de uma Copa do Mundo ou Olimpíada, autores contemporâneos como Mendez (2010), Kassens (2009, 2012), Ahfeldt e Maenning (2006, 2010, 2011), Wood (2008), dentre outros, definem a realização dessas competições como uma grande oportunidade de mudança para os centros urbanos designados como sedes. Em poucos anos, grandes transformações poderão ser implementadas, motivadas pela promessa de crescimento econômico, prestígio internacional, a criação de sistemas de mobilidade, e requalificação de zonas urbanas subutilizadas. Portanto, com a realização uma competição internacional, espera-se que os benefícios sejam observados nas várias esferas urbanas. De fato, o impacto de um evento global como uma Copa do Mundo abrangerá uma escala nacional. Dado o grande número de estádios e suas consequentes intervenções, estas poderão representar desenvolvimento para uma região, ou apenas mais uma evidência de propostas mal planejadas, que não consideraram as metas de desenvolvimento urbano das cidades-sedes.

O legado deixado por uma competição esportiva pode penetrar diversas esferas geográficas e pode ser positivo ou negativo, benéfico ou degradante, tangível ou intangível, visível ou invisível. Entretanto, a característica fundamental é a mesma em todas as situações. Seja qual for o legado, este permanece na cidade-sede por anos, décadas, e às vezes por séculos. (KASSENS, 2012, p. 2, tradução nossa).

Nas últimas décadas, projetos de requalificação urbana tornaram-se experimentos frequentes em grandes centros urbanos que buscam regenerar tecidos subutilizados. Dessa maneira, muitas cidades encontram na realização de grandes competições esportivas uma oportunidade para acelerar o processo de qualificação de seu espaço urbano.

Para tanto, os sistemas de mobilidade apresentam-se como uma das principais alternativas para o desenvolvimento urbano de regiões esquecidas, uma vez que o edifício esportivo pode ser entendido como um aglutinador de vetores de mobilidade urbana. Entretanto, os projetos de requalificação que envolvam sistemas de transporte público deverão alinhar as demandas do evento de curta duração com as metas de desenvolvimento a longo prazo da cidade nos anos posteriores à competição. A partir desse expediente, fica clara a importância crescente na implantação de grandes estádios no contexto urbano das grandes cidades e na sua concepção conjugada com o desenvolvimento das redes de transporte de massa que se sobreponham ao tecido consolidado.

A maioria das cidades-sedes ignora suas metas de planejamento urbano no longo prazo na expectativa de se tornarem sedes de grandes competições esportivas. Essa situação acontece por não disporem de um plano diretor efetivo ou por terem como

foco outras metas como crescimento econômico ou prestígio global, ao invés de um legado urbano edificado. (KASSENS, 2012, p. 4, tradução nossa).

Entretanto, a associação entre projetos de regeneração urbana e grandes competições esportivas não é um fenômeno recente. Ao longo dos últimos cinquenta anos, grandes cidades buscaram redesenhar áreas específicas de seu tecido urbano por meio de intervenções que tiveram nos Jogos Olímpicos ou na Copa do Mundo a sua principal justificativa. Essex e Chalkley (2003) afirmam que a realização de megaeventos esportivos ao longo dos últimos cem anos apresenta uma crescente escala de impacto urbano e complexidade organizacional, assim como maior atenção internacional. Ao mesmo tempo em que a dimensão desses eventos tem crescido, os autores identificaram que, a cada nova edição, aumenta a discrepância entre os projetos apresentados pelos países e cidades-sedes no ato de sua candidatura e as suas metas de desenvolvimento urbano em longo prazo. Como afirmam Essex e Chalkley (2008), as cidades focam no prestígio iminente e na atenção internacional sobre os jogos, assim, investem em infraestruturas extravagantes e pouco necessárias para o planejamento desses centros.

Outro ponto questionado pela literatura internacional no tocante à eficácia de megaeventos esportivos como agentes em processos de renovação urbana refere-se aos reais beneficiários do legado deixado por tais competições. Alguns autores argumentam que raramente grandes eventos esportivos geram um legado edificado que beneficie uma ampla parcela da população e que, na maioria dos casos, as intervenções são direcionadas a setores ricos da população.

Sobre a Copa do Mundo de 2010, Wood (2008) afirma que os recursos destinados inicialmente para a construção dos estádios foram insuficientes, demandando investimentos públicos e gerando questionamentos sobre a relevância desses edifícios para a população após o evento. No caso da África do Sul, a maioria dos investimentos foi destinada à construção de novos estádios ou reforma dos antigos em resposta às pressões exercidas pelas entidades organizadoras do evento. Com isso, muitos argumentos sobre a falta de investimentos em áreas carentes como habitação, sistemas de mobilidade e saneamento questionavam o planejamento feito para o evento e as promessas de que a competição traria desenvolvimento para toda sociedade. Em suma, mesmo com as afirmações de que os investimentos feitos para a Copa do Mundo iriam beneficiar todos os sul-africanos, na realidade, apenas as grandes empresas lucraram em virtude do aumento do prestígio e do investimento internacional.

Especialmente em países em desenvolvimento, a realização de um megaevento esportivo deve ter como objetivo central o legado deixado pela competição. No caso da África do Sul, os grandes investimentos foram feitos na construção de estádios e na implantação de um sistema de transporte sobre trilhos que liga zonas ricas ao norte de Johannesburgo à região sul, local onde está implantado o principal estádio do evento. Os estádios edificadas e essas intervenções pontuais permitiram a realização do evento e a sua transmissão para o resto do globo. Entretanto, as propostas realizadas para o evento não contemplaram benefícios para grandes carências sul-africanas como saneamento básico, equipamentos de saúde, habitação, sistema de energia ou um sistema de transporte público eficiente.

Em contrapartida, a cada nova edição de megaeventos esportivos fica evidente o alcance global de tais competições e, assim, grandes negócios publicitários são fechados pelos organizadores dos eventos. No caso da África do Sul, a Copa de 2010 atingiu o maior volume de negócios em toda história da competição. Segundo Wood (2008), os investimentos feitos por patrocinadores privados superaram em 40% os números da edição anterior, realizada na Alemanha em 2006.

Sobre esse cenário de investimento privado, Kassens (2010) afirma que, especialmente em países em desenvolvimento, a captação desses investimentos e a sua aplicação passam por uma atuação decisiva das entidades organizadoras do evento como a Fifa ou COI no caso dos Jogos Olímpicos. Portanto, essas organizações são importantes agentes no planejamento das intervenções propostas, influenciando diretamente o legado deixado pelas competições.

Pode-se afirmar que as agências organizadoras dessas competições podem influenciar as metas de desenvolvimento urbano das cidades-sedes, em alguns casos criando, mas em muitos outros levando as cidades a desperdiçarem valiosas oportunidades. Ao menos que os governos locais tomem atitudes proativas para garantir que as decisões tomadas sobre as intervenções urbanas e de mobilidade não sejam pensadas apenas para as breves necessidades do evento, o legado esperado pelo planejamento urbano da cidade não será alcançado. (KASSENS, 2009, p. 174, tradução nossa).

No contexto de grandes eventos esportivos como a Copa do Mundo ou os Jogos Olímpicos, o legado esperado a partir da realização desses eventos está diretamente ligado à ideia de regeneração urbana. Nesse sentido, não apenas os edifícios esportivos mas todos os sistemas de infraestrutura ao redor destes têm uma importante participação na constituição de um legado construído para a cidade-sede. Entretanto, em muitos países a construção de

grandes estádios foi adotada como uma credencial dessas nações aos grandes eventos esportivos globais, assim como equipamentos centrais em processos de requalificação urbana.

Seja como elemento central de um megaevento esportivo, ou como um equipamento independente de grandes competições, os estádios não podem ser compreendidos como edifícios regeneradores de seu entorno. Portanto, o legado deixado por grandes competições esportivas deverá ir além de grandes estádios, especialmente se estes forem financiados com recursos públicos. Apesar de se tornarem importantes emblemas de uma sociedade, apenas um grande estádio representa muito pouco diante do investimento aplicado. Nessa direção, alguns autores como Bovy (2004, 2007) e Kassens (2009, 2012) apontam para a importância dos sistemas de mobilidade urbana como o principal legado a ser deixado pela realização de grandes eventos esportivos.

Observa-se que os edifícios esportivos, especialmente os estádios de futebol, tornam-se regeneradores à medida que se consolidam como equipamentos aglutinadores de vetores de mobilidade urbana. Essa condição permite que o edifício em si – assim como toda a importância histórica, ideológica e sociológica relacionada à prática esportiva e em especial ao futebol – se conecte a diferentes partes do centro urbano.

2.4 Estádios contemporâneos: variáveis em amplos processos de transformação urbana

A escolha do local de implantação dos estádios, palcos de grandes competições, deve considerar de forma estratégica o potencial de utilização dos sistemas de transporte público existentes, a fim de garantir que os investimentos feitos para o recebimento dos jogos tenham efeitos positivos que possam ser revertidos para as metas de expansão e estruturação do sistema de transporte em funcionamento.

Nesse sentido, três cenários definem as possibilidades de implantação dos estádios de última geração, sedes de grandes competições esportivas, no tecido urbano das grandes cidades. No primeiro caso, o local de implantação do estádio acontece em áreas próximas ao centro das grandes cidades, comumente vazios fora dos horários de comerciais. Com isso, o estádio poderá se beneficiar do sistema de transporte já existente, destinando os investimentos feitos na sua construção para a expansão e aprimoramento dos serviços prestados à população. Além disso, a construção de um estádio de última geração possibilitará a regeneração de regiões centrais em decorrência da possibilidade de surgimento de novos usos ligados ao lazer e à prática esportiva, como afirma Thornley (2002, p. 821):

Dentro da lógica americana esse tipo de implantação é comumente divulgada como possibilidade de regeneração da economia em declínio do *downtown*¹⁸. A implantação do estádio pode estimular estabelecimentos como hotéis e restaurantes e contribuir para políticas de promoção do centro da cidade, como destino de conferências, ponto turístico e espaço 24 horas.

No segundo cenário o estádio é implantado em áreas afastadas da cidade, as quais Thornley chama de *edge city locations*. Nesse caso, a área de implantação do estádio situa-se fora da malha urbana já consolidada das cidades. Esse padrão de implantação dos edifícios esportivos foi muito utilizado nos Estados Unidos no final da década 1960, como no caso do Astrodome Stadium em Houston. Com o desenvolvimento do sistema viário das *expressways*, muitos estádios de grande capacidade foram construídos em regiões praticamente desertas, circundados por grandes áreas de estacionamento, sem estabelecer qualquer conexão com o sistema de transporte público local. Porém, observa-se que a relação estádio-sistemas de transporte de massa é fundamental para o funcionamento do edifício, assim como para a utilização deste como catalisador de investimentos destinados aos sistemas de infraestrutura urbana da cidade. Sobre esse modelo de implantação, Thornley (2002, p. 821) faz a seguinte afirmação:

O novo local de implantação, normalmente bem servido de vias expressas, poderá causar menores incômodos aos moradores de regiões centrais e menos congestionamentos. No entanto, essa solução poderá não se adequar às prioridades de planejamento de uma cidade que procura maior sustentabilidade e menos dependência dos carros particulares. (Tradução nossa).

Portanto, a implantação do estádio em uma área afastada do núcleo urbano das grandes cidades exerce influência direta no processo de regeneração urbana, tendo em vista que o edifício não se conecta a uma malha urbana consolidada, comprometendo assim a sua capacidade de atrair outros usos e público que possibilitem sua ocupação fora dos horários de jogos e competições.

¹⁸ S. 1 - Adv. centro da cidade, área de negócios; S. 2 - Subst. centro comercial da cidade; S. 3 - Adj. do centro da cidade, relativo ao centro comercial de uma cidade (OXFORD AMERICAN DICTIONARY, p. 260.)

Imagem 13: Multidão de espectadores e carros em um *edge city stadium* visto por Jean Jaques Sempé. THORNLEY (2002, p.817).

Outra possibilidade de implantação estádios de última geração é a escolha de áreas degradadas, porém adensadas dentro da malha urbana já consolidada das grandes cidades. Em tais casos, a inserção do edifício esportivo é feita em áreas suburbanas como parte de um processo amplo de regeneração de grandes áreas metropolitanas. Com isso, a construção de um estádio de última geração poderá estruturar o crescimento e investimento em sistemas de transporte e mobilidade urbana, especialmente onde a construção desses edifícios esteja ligada à organização de grandes eventos esportivos, possibilitando a reconversão de tecidos urbanos subutilizados ou degradados pela sua ocupação anterior, como no caso de grandes áreas industriais desocupadas. Esse tipo de implantação do estádio na cidade pode ser observado no caso do Stade de France, que foi construído para a Copa do Mundo de 1998 como parte de um amplo plano de regeneração do La Plaine-Saint-Denis. O estádio Stade de France está localizado onde antes funcionavam indústrias de gás, em uma região a um quilômetro e meio a norte da área central de Paris. Mesmo tendo sido construído para a Copa do Mundo de 1998, o edifício pode receber competições de atletismo e outros eventos pelas possibilidades de agenciamento do seu espaço interno. Próximos ao estádio foram construídos centros de convenções e estruturas de abastecimento e consumo. O estádio foi construído perto da confluência de duas vias de tráfego rápido e conectado ao sistema de transporte público de Paris por meio de estações de metrô que foram construídas no seu entorno.

2.5 O estádio contemporâneo e a sua relação com os sistemas de mobilidade urbana

Os sistemas de mobilidade urbana representam um grande capítulo no planejamento urbano das cidades que buscam receber grandes eventos esportivos. Para além da concepção de edifícios esportivos, os sistemas de transporte de massa tornam-se fundamentais para o funcionamento dos estádios, especialmente nos casos onde esses edifícios estarão inseridos no circuito das grandes competições.

Observa-se que a relação entre equipamentos esportivos e sistemas de mobilidade urbana possa ser a principal chave para o sucesso dessas intervenções. O estádio de futebol contribui para estratégias de regeneração urbana na medida em que se consolida como um equipamento aglutinador de vetores de transporte de massa.

A mobilidade urbana atua como elemento potencializador da capacidade de regeneração dos estádios contemporâneos. Além da acessibilidade, os sistemas de transporte de massa colaboram para que o edifício amplie seu raio de abrangência, aproximando-se de regiões afastadas de seu entorno imediato.

Nesse sentido pode-se observar que a lógica regeneradora que impulsiona a construção de edifícios esportivos de última geração vai ao encontro da necessidade das grandes metrópoles de estruturação de um sistema abrangente de mobilidade urbana. Os investimentos em estádios de última geração representam a possibilidade de se estabelecer eixos de mobilidade urbana que contribuam para a definição de vetores de crescimento e de regeneração no território metropolitano.

Todas as instalações públicas, dentre elas os estádios, devem estar servidos de infraestrutura apropriada. No caso dos estádios, as considerações mais importantes devem ser feitas em relação aos acessos de chegada e saída do edifício, assim investimentos no sistema viário, transporte sobre trilhos e outros meios devem ser feitos para garantir o funcionamento do sistema de transporte. (BERRY; CARSON; SMITH, 2007, p. 66 , tradução nossa).

Em uma partida importante, um grande estádio de última geração pode receber um público de aproximadamente 90 mil pessoas. Porém, essa demanda representa um pico temporário e pontual no sistema de transporte de uma grande cidade. Já no caso de grandes competições como a já citada Copa do Mundo Fifa ou os Jogos Olímpicos, tal demanda representa cerca de 600 mil pessoas durante os dias de evento, além da demanda regular cotidiana dos grandes centros urbanos. Para além, podemos afirmar que, no caso dos Jogos

Olímpicos, a pressão exercida pelo evento no sistema de transporte público torna-se maior, em virtude do grande número de competições diferentes acontecendo em várias instalações esportivas e funcionando em conjunto num período de dezessete dias, em apenas uma cidade-sede. Assim, a diversidade de fluxos gerados pelas várias modalidades esportivas transforma os Jogos Olímpicos em um evento de grande impacto sobre os sistemas de mobilidade urbana das cidades que os abrigam. Portanto, não seria incorreto afirmar que a conjugação sistemas de mobilidade urbana com os estádios de última geração é um dos aspectos de maior importância para o funcionamento dos Jogos Olímpicos.

Altos padrões de eficiência são estabelecidos como metas dos sistemas de transporte de massa para que as grandes cidades mundiais se candidatem a sedes de grandes competições esportivas. Especificamente no caso dos Jogos Olímpicos, a relação com os sistemas de mobilidade urbana torna-se mais complexa, uma vez que o estádio olímpico, peça central dos jogos, é projetado para uma série de competições, que acontecem simultaneamente ao longo do evento. Essas competições atraem diferentes tipos de público, que possuem demandas distintas e que necessitam ter acesso garantido aos estádios de forma rápida, segura e eficiente. Nesse aspecto, é de grande importância que esses grupos estejam identificados e que a cidade proponha sistemas que garantam a mobilidade dos diferentes tipos de público, sem sobrecarregar o funcionamento do transporte público existente. Segundo Bovy (2004, p. 2007), garantir um sistema de mobilidade urbana confiável, que atenda de maneira eficiente a grande diversidade de públicos presentes ao estádio olímpico, é um grande problema a ser superado pelas cidades olímpicas.

Nessa direção, Bovy afirma que o estádio em conexão com o sistema de transporte deve proporcionar um sistema de dupla acessibilidade, atendendo às necessidades de acesso de todos os tipos de público. Assim, o estádio olímpico deve ser projetado conectando-se aos variados sistemas de transporte da cidade, de modo a garantir a acessibilidade de atletas, profissionais de mídia e oficiais, como também da grande massa de público em geral. Por conseguinte, o acesso ao estádio divide-se em duas grandes áreas, a saber: o *Back of the house* (BOH), de acesso controlado e restrito, destina-se aos atletas, profissionais de mídia e da organização do evento; a outra área, *Front of the House* (FOH), é conectada aos sistemas de transporte de massa, que recebem o grande público que assiste às competições.

Imagem 14: O esquema acima, apresentado por Bovy (2007), demonstra a maneira como os estádios contemporâneos, envolvidos em grandes competições, devem garantir a acessibilidade dos variados tipos de público presentes ao evento. (BOVY, 2007. Disponível em: <http://mobility-bovy.ch>. Acessado em: 13/04/2010)

A eficiência, a efetividade e a segurança são aspectos que devem ser observados no planejamento do transporte em grandes eventos esportivos. Dados os altos padrões estabelecidos pelos agentes organizadores, amplas medidas devem ser observadas para que os objetivos sejam alcançados durante os jogos e proporcionem um legado de desenvolvimento para o sistema de transporte da cidade. Portanto, os investimentos dedicados às infraestruturas de transporte para os Jogos Olímpicos devem ser parte de um plano de desenvolvimento da mobilidade urbana local, objetivando sempre os benefícios deixados após o término das competições.

No caso do transporte público, o sistema deve estar distribuído em estruturas temporárias e permanentes que se sobrepõem e tem seu funcionamento condicionado ao acréscimo de demanda gerado pelos Jogos Olímpicos. O sistema permanente deve ser responsável pela demanda cotidiana da cidade durante os jogos. As instalações que constituem esse sistema precisam ser renovadas e ampliadas, possibilitando a sua expansão para regiões não atendidas pelo transporte de massa, ampliando a mobilidade de áreas afastadas e garantindo sua conexão com todas as instalações olímpicas.

Os investimentos no sistema transporte permanente devem ser dimensionados para atender à demanda cotidiana e ao grande número de usuários extras que farão uso do sistema durante os dias de jogos, especialmente na conexão entre zonas de hotéis e de interesse turístico e o estádio olímpico. Estima-se que esse número chegue a um acréscimo de 750 mil passageiros por dia de evento. Portanto, as instalações permanentes devem garantir a grande demanda durante os dias dos jogos.

Além das instalações permanentes, a cidade deve adotar medidas temporárias, que funcionem no período dos jogos, aumentando a capacidade dos sistemas de transporte para garantir a conexão rápida, entre as instalações olímpicas, de forma eficiente. Especialmente no caso dos atletas, a conexão entre a vila olímpica e os edifícios esportivos deverá possibilitar o seu acesso, apresentando alternativas aos grandes congestionamentos das metrópoles globais.

A cada nova edição dos Jogos Olímpicos, observa-se a necessidade de interação entre o processo de desenvolvimento de estruturas de mobilidade urbana e a implantação de grandes estruturas esportivas, como os estádios olímpicos e os sistemas de transporte público de massa. É inegável que, quanto maior a integração entre estes dois tipos de infraestrutura, melhor será a capacidade do estádio de abrigar grandes eventos esportivos, assim como melhor será o seu poder de regeneração, uma vez que os sistemas de transporte público de massa aproximam todas as transformações geradas pelo estádio de variadas regiões da cidade.

Desse modo, conectar o edifício esportivo a um sistema de transporte eficiente é a prerrogativa necessária para que as metrópoles olímpicas destinem grandes investimentos ao desenvolvimento de sua infraestrutura de transportes como linhas de metrô, anéis viários, novos aeroportos e terminais de passageiros, assim como a conexão das estruturas de transporte existentes ao estádio olímpico.

Imagem 15: Sistema genérico de transporte para cidades-sedes de grandes eventos esportivos (BOVY, 2007. Disponível em: <http://mobility-bovy.ch>. Acessado em: 13/04/2010)

Assim, o presente estudo analisará as soluções apresentadas por cidades olímpicas, de Atlanta em 1996 até as propostas de Londres para os Jogos Olímpicos de 2012, em relação ao transporte público de massa e a sua conexão com os estádios de última geração, observando os resultados obtidos por essas cidades no processo de transformação do tecido urbano existente.

2.5.1 Os Jogos Olímpicos de Atlanta, 1996

Dentro dessa lógica de interação entre os sistemas de transporte de massa e os grandes estádios contemporâneos e os resultados positivos que essa relação pode proporcionar para a cidade, os jogos de Atlanta em 1996 representam um marco negativo na organização dos Jogos Olímpicos.

Os jogos de Atlanta foram idealizados basicamente por membros do mercado privado, que não estabeleceram um plano de metas a serem alcançadas pelas intervenções feitas para os Jogos Olímpicos. Assim, a contribuição das Olimpíadas para o desenvolvimento urbano da cidade e o seu impacto nos sistemas de infraestrutura urbana não faziam parte das prioridades estabelecidas pelos organizadores.

A preocupação inicial da organização dos jogos de Atlanta foi a transformação econômica do centro da cidade, degradado em decorrência da evasão de população para os subúrbios. No caso de Atlanta, essa realidade tornava-se mais grave por conta da postura racista da população branca, que determinava o centro degradado da cidade como uma área de população pobre negra. A postura racista da população teve o respaldo de forças políticas que criaram um sistema de transporte de massa para atender às necessidades de locomoção da população pobre, moradora da região central da cidade, que não tinha acesso ao automóvel particular. Entretanto, esse sistema de transporte não se conectava às áreas suburbanas de maioria branca, em função da desejada separação entre o centro negro da cidade e seus subúrbios brancos.

Assim, ao longo das décadas de 1970 e 1980 a cidade fez grandes investimentos na implementação de um sistema viário de grande capacidade para atender à demanda de tráfego gerada pela população que vivia afastada das áreas comerciais centrais. Essa prática levou à estagnação do sistema de transporte público da cidade que cobre apenas a sua área central e consolidou Atlanta como uma cidade dependente do automóvel, com grandes volumes de congestionamentos em horários de pico.

Com isso, a preparação da cidade para os Jogos Olímpicos expandiu o sistema viário existente e estendeu a cobertura do sistema de metrô e ônibus que servem a região central. Porém, o dimensionamento do sistema permanente de transporte público ficou abaixo do número de espectadores que compareceram aos Jogos de 1996. Logo, a falta de um sistema de transporte eficiente, aliado à dependência do automóvel particular, gerou grandes congestionamentos nas vias de acesso ao estádio Olímpico de Atlanta, localizado na região central da cidade.

Em um esforço para regenerar o potencial econômico do centro da cidade, a organização dos Jogos de Atlanta distribuiu todas as instalações olímpicas pela região. Essa decisão agravou os problemas de tráfego enfrentados cotidianamente pela cidade, uma vez que ela não dispunha de um sistema de transporte de massa eficiente, que ligasse o estádio olímpico às demais instalações de forma direta. Com isso, houve graves problemas de acessibilidade durante os eventos esportivos, de modo que atletas e profissionais de mídia não conseguiam chegar ao seu destino por causa dos altos níveis de congestionamentos, nas vias que circundavam o estádio olímpico.

Essa falta de conexão entre o estádio olímpico e um sistema de mobilidade urbana eficiente e abrangente determinou a necessidade de grandes áreas de estacionamento nos

arredores do Estádio Olímpico de Atlanta. Isso levou o edifício a ser implantado nos limites do centro comercial da cidade, em uma região de antigos galpões e depósitos. Por ser uma área utilizada no passado para o armazenamento de mercadorias, essa região possui acesso direto a uma das vias expressas que corta a cidade, no entanto é completamente desconectada do sistema de transporte público. Assim, a ausência de conexão entre o sistema de transporte de massas e o estádio e as grandes áreas de estacionamento do seu entorno, além do seu uso atual, exclusivo para o beisebol, enfraqueceram a sua conexão com a malha urbana da cidade e, por consequência, o processo de regeneração da área.

Imagem 16: Estádio Olímpico de Atlanta, próximo às vias expressas I-75 (norte-sul) e I-20 (leste-oeste). O estádio foi reduzido após os jogos de 1996, transformando-se em um estádio de beisebol. Fonte: Google Earth

O local de implantação do Estádio Olímpico e a falta de inter-relação entre esse edifício e os sistemas de mobilidade urbana exerceram influência direta no potencial do Estádio Olímpico de Atlanta como uma ferramenta de regeneração do tecido urbano do centro da cidade. Além de não estabelecer um processo de regeneração do seu entorno, o Estádio de Atlanta em pouco colabora para ser tornar um elemento urbano capaz de catalisar desenvolvimentos para os sistemas de transporte público.

Logo, as estratégias utilizadas pelos Jogos de Atlanta não resultaram em um plano capaz de reverter os investimentos gastos em estruturas esportivas e no desenvolvimento dos sistemas de transporte de massa em benefícios para a cidade no longo prazo. O Estádio Olímpico foi parcialmente demolido, dando lugar a um estádio de beisebol, que, assim como

seu predecessor, encontra-se rodeado de vias expressas e grandes áreas pavimentadas, dedicadas ao estacionamento de veículos que o isolam do tecido de seu entorno. O sistema de transporte de massa, mesmo com as expansões feitas para os Jogos Olímpicos, não o conecta aos subúrbios residenciais ou ao centro comercial, reafirmando a dependência da cidade do automóvel particular.

Diante disso, pode-se afirmar que a principal oportunidade perdida pela cidade tenha sido a possibilidade de, em virtude dos Jogos Olímpicos, colocar em prática um plano de expansão do transporte público de massa, oferecendo à população um sistema de mobilidade mais eficiente que o seu sobrecarregado sistema viário.

Dada a ausência do poder público na organização dos Jogos de Atlanta, perdeu-se a oportunidade de gerar grandes transformações na maneira como as pessoas vão se deslocar pela cidade no futuro. Os investimentos foram destinados primeiramente para a expansão da rede viária e para a criação de um novo sistema de controle de tráfego. As empresas de transporte público fizeram pequenos investimentos na extensão de algumas linhas existentes para os Jogos, sendo que estas expansões já estavam previstas antes do anúncio dos jogos. (KASSENS (2009, p.179 , tradução nossa).

2.5.2 Os Jogos Olímpicos de Sidney, 2000

Com os graves problemas apresentados pelos Jogos de Atlanta e os questionamentos sobre a real existência de qualquer legado positivo para a cidade após as Olimpíadas, o Comitê Olímpico Internacional estabeleceu uma postura mais rígida não apenas em relação aos estádios e demais instalações esportivas, mas também na maneira como esses edifícios se conectam aos sistemas de mobilidade urbana oferecidos pelas cidades-sedes.

Assim, os Jogos de Sidney em 2000 tinham a oportunidade de apresentar soluções eficientes para a relação entre a construção de um estádio de última geração e os sistemas mobilidade urbana.

A implantação do Estádio Olímpico e de todas as demais instalações esportivas foi feita em uma área afastada quinze quilômetros do centro comercial da cidade, um vazio urbano, uma antiga e poluída região chamada Homebush Bay, às margens do Rio Parramatta, onde antes funcionava uma gama de indústrias estatais desativadas desde 1988.

Desde o final da década de 1980, vários planos de regeneração haviam sido traçados para o Homebush Bay, todos eles propunho a construção de um estádio multifuncional para a área. No entanto, o plano de regeneração da área através do esporte ganhou novas proporções quando Sidney foi anunciada como a sede dos Jogos Olímpicos de 2000.

Nesse sentido, talvez em razão das críticas feitas aos Jogos de Atlanta, a cidade de Sidney apresentou soluções completamente distintas que possibilitassem a perfeita integração entre os estádios e o sistema de transporte de massa da cidade. Assim, a começar pelo local de escolha do Parque Olímpico, afastado do congestionado centro comercial da cidade, onde deveriam estar implantados o Estádio Olímpico e todas as demais instalações esportivas, além da criação de grandes áreas verdes que corroboravam com a proposta sustentável dos Jogos. Com isso, a proposta apostava na regeneração de todo o entorno do Parque Olímpico, mediante os investimentos privados que seriam atraídos para o local.

No entanto, para que o processo de regeneração ocorresse como proposto, e para atender às demandas feitas pelo Comitê Olímpico Internacional, ainda traumatizado com os resultados obtidos em Atlanta, grandes investimentos foram feitos na extensão do sistema de transporte de massa local e na extensão da malha viária de Sidney buscando conectar o Homebush Bay ao centro comercial da cidade.

Assim, o plano de transporte para o Homebush Bay propunha a criação de um sistema de transporte de massa sobre trilhos que circundasse especificamente a região do Parque Olímpico e que se conectasse às linhas de metrô de Sidney por meio de uma estação a ser construída a poucos metros do Estádio Olímpico. Além disso, foi construída uma extensa rede viária servindo à área do Parque Olímpico, permitindo que, durante as Olimpíadas, grandes massas de espectadores, assim como atletas e público especializado, tivessem acesso ao estádio Olímpico por intermédio de uma frota de ônibus que serviam a linhas designadas temporariamente para os Jogos e que depois seriam revertidos para o sistema de transporte urbano da cidade. Para garantir o acesso da frota de ônibus, principalmente aqueles destinados ao transporte dos atletas e de seus equipamentos, restrições quanto a áreas de estacionamento e acesso ao Parque Olímpico de automóveis particulares foram metas inseridas no processo de concepção do estádio. Por essa razão, o complexo possui poucas áreas de estacionamento, destinadas aos ônibus, e veículos profissionais. Além disso, a população foi informada através de campanhas publicitárias que o acesso ao Parque Olímpico deveria ser feito por meio dos sistemas de transporte de massa. Assim, Sidney tornou-se a primeira cidade a organizar os Jogos Olímpicos cem por cento por intermédio de sistemas de transporte de massa,

transformando-se, nesse quesito, referência para outras metrópoles-sedes de grandes eventos esportivos.

Imagem 17: Homebush Bay, região onde foi implantado o Parque Olímpico para os Jogos de Sidney.
Fonte: Google Earth

Portanto, a relação estádio contemporâneo e o sistema de transporte de massa havia sido estabelecida com êxito durante os Jogos Olímpicos de Sidney, porém observou-se nos anos seguintes que as pressões feitas pelos organizadores do evento levaram a cidade de Sidney a concentrar seus investimentos na criação de um sistema de transporte que respondesse às necessidades dos Jogos Olímpicos com precisão. Apesar disso, esse sistema foi superdimensionado, de forma que após os Jogos Olímpicos não havia demanda suficiente para mantê-lo funcionando.

Assim como os sistemas de transporte criados para os Jogos Olímpicos, os estádios construídos para o evento não fomentaram o surgimento de novos usos e de uma renovação urbana na região do Homebush Bay como era esperado. Isso se explica pela falta de usos dos edifícios, uma vez que, diferentemente de outros países, a Austrália não possui ligas consolidadas que demandem estádios com mais de 50 mil pessoas.

No caso dos estádios Olímpicos de Sidney, a previsão de uso feita pelos investidores privados se mostrou distante da realidade. O prospecto do Estádio Olímpico previa que em 2002 haveria 41 jogos de futebol no estádio com um público médio de 40 mil espectadores, no entanto, nesse ano apenas oito partidas foram disputadas ali. (SEARLE, 2002, p. 857, tradução nossa).

Além disso, Sidney já possuía outras instalações esportivas que possuem capacidade para receber os eventos com grandes públicos. No entanto, esses edifícios não foram utilizados para os Jogos Olímpicos, por não comportarem um público de 80 mil pessoas, como era exigido pelo COI. Além disso, estavam localizados em regiões adensadas, próximas ao centro da cidade, que foram descartadas em função dos problemas enfrentados em Atlanta quatro anos antes.

Da mesma maneira que o sistema de transporte que circunda o Homebush Bay, o Estádio Olímpico de Sidney e todas demais instalações distribuídas pelo Parque Olímpico foram concebidos para atender à demanda gerada pelos Jogos de 2000, o que foi feito com êxito, porém não foram pensados em um aspecto amplo, levando em consideração as possibilidades de uso dessas instalações após os Jogos Olímpicos.

Em uma tentativa de manter o Parque Olímpico vivo e ativo, o governo criou a Autoridade do Parque Olímpico de Sidney – SOPA –, em 2001, que tinha como objetivo preservar a área, coordenar a organização de eventos, e o desenvolvimento do tecido urbano de seu entorno. (DANIELS, 2009, Apud KASSENS, 2009, p. 122, tradução nossa).

2.5.3 Os Jogos Olímpicos de Atenas, 2004

As Olimpíadas de 2004 representaram uma grande oportunidade para que Atenas estabelecesse um processo de reestruturação urbana, que tinha como principal objetivo o desenvolvimento dos sistemas de transporte de massa da cidade. Dessa forma, por meio da localização das instalações esportivas em áreas pouco desenvolvidas e a implantação de um plano de expansão dos sistemas de transporte público, a cidade buscava conectar as regiões periféricas a sua área central. Com isso, a cidade buscou atender às expectativas do COI, assim como extrair o máximo de benefícios possíveis dos investimentos feitos na construção de cem quilômetros de sistema viário, 23,6 quilômetros de linhas de trens de superfície, 32 quilômetros de trens suburbanos, novas estações de trens e um novo sistema de controle de tráfego.

A organização dos jogos de Atenas decidiu, desse modo, não concentrar o estádio e as demais instalações olímpicas em um mesmo local, como no caso de Sidney. As estruturas esportivas foram implantadas em dois complexos principais: Oaka, onde estava localizado o Estádio Olímpico de Atenas, e o complexo esportivo Faliro. Os dois principais complexos esportivos foram propostos em pontos opostos, ao norte e ao sul da malha urbana da cidade. O Estádio Olímpico foi implantado em uma região a nordeste do centro de Atenas, em uma área onde já existiam instalações esportivas e o complexo Faliro, localizado a sul, próximo à costa da cidade.

Essa decisão configurou a necessidade de estabelecer vetores de mobilidade conectando esses dois pontos da cidade, e que portanto acessariam a congestionada região central de Atenas. Com isso, grandes investimentos foram feitos na expansão da única linha do metrô de Atenas em 1997, que fazia a conexão norte-sul da cidade.¹⁹

Portanto, a linha de metrô existente foi estendida conectando assim o Estádio Olímpico ao sistema de metrô. Além disso, duas novas linhas de metrô foram criadas, juntamente com um sistema de ônibus elétricos que ligavam a região da costa ateniense ao centro da cidade. Por último, o sistema de trens suburbanos ganharia uma nova linha circular, que conectaria o novo aeroporto e as regiões suburbanas ao centro da cidade.

Com isso, durante os Jogos Olímpicos a acessibilidade de profissionais de mídia e atletas ocorreu de forma eficiente, e o plano de expansão do transporte de Atenas atendeu à demanda gerada. Assim como nos Jogos de Sidney, a conexão entre o Estádio Olímpico e as linhas de transporte público possibilitou que o acesso da massa de espectadores às competições acontecesse apenas por meio dos sistemas de transporte público. Para garantir a acessibilidade ao estádio, mesmo em momentos de grande demanda, foi criado um sistema temporário de ônibus gratuitos para passageiros com entradas para o Estádio Olímpico, partindo das principais estações de Atenas. Esses ônibus tinham acesso garantido às competições, mediante faixas exclusivas, que foram temporariamente criadas em vias arteriais que levavam ao estádio e a todos os locais de competições.

¹⁹ A conexão norte-sul que era importante para os Jogos já existia na forma da única linha de metrô operando no momento da candidatura de Atenas ao evento. Convenientemente essa linha conectava duas das três áreas esportivas previstas para os Jogos (KASSENS, 2009).

Imagem 18: Oaka, complexo onde foi contruído o Estádio Olímpico de Atenas para os Jogos de 2004. Fonte: Google Earth

Os Jogos de Atenas foram de grande importância para o seu sistema de transporte público. A necessidade de conectar grandes equipamentos esportivos à cidade, como o Estádio Olímpico, determinou que grandes investimentos fossem feitos no sistema viário, linhas de metrô, trens suburbanos e transporte de superfície. Com isso, como afirma Bovy (2007), a cidade pôde recuperar 25 anos de deficiências no seu transporte público nos sete anos entre a escolha da cidade e o início dos jogos.

No entanto, como citado anteriormente, os investimentos feitos em estádios contemporâneos e sistemas de transporte tem de ser conjugados com o planejamento urbano da cidade no longo prazo. Os Jogos de Atenas representaram grandes avanços no sistema de transporte público da cidade, porém críticos afirmam que, após os Jogos, não existiu continuidade ao desenvolvimento de alternativas ao automóvel particular. Com isso, nos últimos anos a cidade apresentou altos níveis de congestionamento em sua região central, em níveis mais altos que aqueles obtidos antes dos Jogos de 2004.

Imagem 19: Esquema de transporte sobre trilhos desenvolvido para em Atenas para os jogos olímpicos de 2004. Bovy (2007). Disponível em: <http://mobility-bovy.ch>. Acessado em: 09/12/2010)

A falta de um planejamento no longo prazo também trouxe críticas às instalações esportivas construídas para as Olimpíadas. Especialmente em um momento de profunda crise econômica, grandes questionamentos são feitos acerca da utilização das instalações esportivas após os Jogos Olímpicos.

O Estádio Olímpico chama a atenção pelas soluções estruturais e pelo sistema de cobertura, no entanto, não possui soluções que o transformem em um equipamento multifuncional. Mesmo assim, o edifício transformou-se em um ponto de atração turística e de eventos musicais ao longo do ano, apesar de as atividades e os eventos que acontecem no Estádio Olímpico e em seu entorno não cobrirem as grandes quantias gastas na manutenção de todo o complexo. Além do Estádio Olímpico, outras instalações encontram-se subutilizadas ou até mesmo completamente fechadas desde o fim das Olimpíadas em 2004. Com isso, tais instalações tornaram-se indesejáveis ruínas contemporâneas em meio aos monumentos gregos da antiguidade clássica.

2.5.4 Os Jogos Olímpicos de Pequim, 2008

Na primeira década do século XXI, a China se consolidou como uma das grandes potências emergentes do mundo capitalizado. Suas cidades, em franco crescimento econômico, apresentam ícones do mundo globalizado, como arranha-céus, grandes superfícies de consumo e eventos arquitetônicos, que transformam áreas pontuais degradadas em terreno fértil para grandes manifestações do capital transnacional.

Assim, tornar-se sede de grandes eventos esportivos como os Jogos Olímpicos foi uma decisão de Pequim rumo a sua afirmação como uma das grandes metrópoles globais do século XXI. Nesse sentido, a cidade foi escolhida como sede dos Jogos de 2008 com a proposta de regenerar as regiões suburbanas da cidade, com a implantação de um grande parque olímpico, servido por sistemas renovados de transporte que agregassem mobilidade e reduzissem a poluição gerada pelo congestionado sistema viário da cidade.

Pequim possui um desenho urbano formado por anéis viários que são a principal estrutura de transporte da cidade. Esses anéis circundam o antigo núcleo urbano da cidade velha e delimitam áreas de expansão urbana, permitindo-se identificar usos correspondentes ao período de ocupação do tecido urbano. Com a abertura do mercado chinês para o capital estrangeiro, as quadras situadas entre os anéis mais externos apresentam construções que representam o rápido desenvolvimento econômico chinês.

Assim, nos últimos anos, com o acelerado crescimento econômico a cidade apresentou um aumento em sua frota de veículos particulares de mil carros por dia. Esses números sobrecarregaram o seu sistema viário e contribuíram para altos níveis de poluição do ar.

Portanto, os investimentos feitos na construção do Estádio Olímpico e dos sistemas de transporte de massa deveriam atender às expectativas internacionais e contrariar os prognósticos pessimistas que apontavam para a constatação de um caos ambiental durante os Jogos Olímpicos de 2008.

A região norte da cidade foi a escolhida para a implantação do estádio nacional e das demais instalações para os Jogos Olímpicos. O estádio foi implantado às margens do Rio Nangouni, em uma região ocupada no passado por instalações militares atualmente desativadas. Assim o Parque Olímpico possibilitaria a criação um novo tecido urbano na malha urbana consolidada de Pequim.

A escolha da região militar, fora dos anéis viários que compõem o desenho urbano de Pequim, possibilitou que investimentos fossem aplicados na expansão urbana da cidade e na

criação de uma nova centralidade conectada com a nova realidade econômica chinesa. Com isso, a região tornou-se sede de empreendimentos residenciais de alto padrão e de investimentos privados que buscavam aliar a sua imagem à grande capacidade midiática das estruturas esportivas produzidas para os Jogos Olímpicos.

Imagem 20: Estádio Nacional de Pequim construído para os jogos olímpicos de 2008. Fonte: Google Earth.

Dessa forma, para atender às demandas de transporte para as Olimpíadas de 2008, foi implementado um plano de mobilidade urbana baseado no desenvolvimento do sistema viário da cidade, com a criação do quarto e quinto anel, e do sistema de transporte público. No tocante ao transporte público de massa, foram feitos investimentos na expansão do sistema de metrô existente e na construção de três novas linhas que conectariam a região norte ao centro de Pequim, duplicando a capacidade do sistema. Portanto, além de conectar o Parque Olímpico e o Estádio nacional, o sistema de transporte público possibilitaria a redução dos níveis de congestionamentos na região central da cidade, criando alternativas ao uso do automóvel.

Além da expansão do sistema de metrô, a cidade investiu em trens elétricos de superfície, conectando determinados pontos específicos de maior interesse e atividade econômica e turística da região central de Pequim às áreas de competições e ao estádio Nacional. Com isso, um ano antes do início dos Jogos, a expansão dos sistemas de transporte público de Pequim e medidas de controle de tráfego já refletiam em uma redução de 43% no

número de veículos em algumas áreas de trânsito intenso da cidade. Isso possibilitou um aumento de 50% na velocidade dos ônibus urbanos, diminuindo o tempo dos trajetos feitos entre o centro da cidade e as regiões suburbanas.

Imagem 21: Esquema de transporte público sobre trilhos desenvolvido em Pequim para os Jogos Olímpicos de 2008 (BOVY, 2007. Disponível em: <http://mobility-bovy.ch>. Acessado em: 17/012/2010)

Mesmo com o sistema de transporte público fortalecido o suficiente para atender aos turistas e espectadores, a cidade necessitava garantir que o acesso ao estádio de atletas, profissionais de imprensa e autoridades estaria garantido de maneira eficiente. Assim, as áreas restritas do estádio se conectavam diretamente ao novo sistema viário da cidade, e para que o estádio estivesse acessível durante os horários de grande público, um sistema temporário de faixas exclusivas foi colocado em prática durante os jogos, garantindo a acessibilidade do público especializado ao estádio.

2.5.5 A Copa do Mundo da África do Sul de 2010

A Copa do Mundo Fifa de 2010, assim como em edições anteriores, produziu uma série de estádios de última geração, capacitados a atender aos altos padrões de funcionamento exigidos por eventos dessa natureza. Entretanto, diferentemente dos Jogos Olímpicos, que se realizaram em uma única cidade, a Copa do Mundo distribuiu suas instalações em várias cidades de um mesmo país, possibilitando um amplo planejamento e a distribuição dos

investimentos em redes de transportes urbano e interurbano, aeroportos e rodovias capazes de interligar de forma eficiente as diferentes regiões do país-sede.

No caso da edição de 2010 da Copa do Mundo, realizada na África do Sul, existem algumas particularidades que a diferenciam das últimas edições desse evento esportivo, especialmente daquelas realizadas em países desenvolvidos como Itália, de 1990, Estados Unidos, de 1994, França, de 1998, Coreia e Japão, de 2002, e Alemanha, de 2006.

A África do Sul é um dos países mais pobres e menos desenvolvidos dentre aqueles que já sediaram uma Copa do Mundo. Portanto, mais que atender às exigências feitas pela Fifa, o grande desafio africano foi distribuir os investimentos gerados pela Copa do Mundo pelas principais cidades do país, que ainda vivem as consequências dos anos de *apartheid*.²⁰

Os distritos segregados foram criados para destacar o princípio racista de desigualdade. Durante o *apartheid*, as comunidades brancas estavam localizadas em regiões férteis e valorizadas do território sul-africano, desfrutando dos mais altos padrões de vida no mundo, enquanto as comunidades negras eram forçadas a ocupar as áreas menos valorizadas e desenvolvidas do território, geralmente a grandes distâncias dos núcleos urbanos. (WOOD, 2008, p. 48, tradução nossa).

Apesar de mais de uma década de democracia, as reminiscências da política do *apartheid* exerceram uma certa influência no planejamento da Copa do Mundo de 2010. Os anos de segregação da população com base em sua raça deu origem a um tecido urbano fragmentado, com um núcleo central de maioria branca, globalizado e desenvolvido, conectados às principais metrópoles mundiais. Em contrapartida, as áreas que circundam esse núcleo central são pobres e desprovidas de infraestrutura urbana básica, onde a maioria da população é negra.

Portanto, a construção dos estádios de futebol para a Copa de 2010 deveria fazer parte de um amplo planejamento de desenvolvimento das cidades-sedes, apresentando soluções que atendessem às exigências do evento, ao passo que também representariam investimentos em infraestrutura urbana. Além disso, esses edifícios deveriam ser concebidos levando-se em conta o potencial de utilização dos estádios após a Copa do Mundo, assim como a demanda

²⁰ Entre 1948 e 1994, a África do Sul foi governada pelas regras da minoria branca e pela doutrina do *apartheid*. A legislação do *apartheid* classificava o sul-africanos de acordo com grupos raciais, e a legislação nacional racista limitava as oportunidades de emprego, a localização residencial, educação e o direito de circulação. Sob o regime do *apartheid*, os cidadãos sul-africanos negros foram destituídos de sua cidadania. O regime do *apartheid* foi retirado do poder depois que o legislativo sul-africano instituiu o voto direto nas eleições de 1994 (WOOD, 2008).

dos sistemas de infraestrutura construídos para a mundial, que precisavam ser adequados às demandas locais.

Dez estádios distribuídos em nove cidades diferentes abrigaram as 64 partidas que fizeram parte do mundial. Dentre as cidades escolhidas encontram-se os principais centros urbanos do país, como Johannesburg, Pretória, Cidade do Cabo, Durban, que, apesar dos reflexos dos conflitos raciais vividos no passado, possuem áreas de grande desenvolvimento econômico e urbano. No entanto, algumas cidades, como o caso de Mbombela, cerca de trezentos quilômetros a norte de Johannesburg, possuem uma economia rural e apostam na construção de um estádio de última geração não apenas como centro de entretenimento, mas como o marco de um novo centro da cidade. Nesses casos, o edifício não faz parte de um plano amplo de regeneração do tecido urbano e dos sistemas de infraestruturas locais. O estádio assume um papel de monumento, esperando-se que o próprio edifício torne-se o indutor de urbanização.

Além da carência de sistemas de infraestrutura, as grandes cidades sul-africanas possuem realidades urbanas distintas, distribuídas ao longo de um tecido descontínuo, resultante das políticas urbanas do *apartheid*, que isolou a população negra em comunidades distantes das regiões centrais de grandes cidades.

A cidade Johannesburg, capital da África do Sul, foi a principal cidade-sede da Copa do Mundo de 2010. Além de receber jogos em dois estádios, o Ellis Park e o Soccer City, a cidade recebeu todas as instalações destinadas à organização do evento, tais como centros de mídia, centros de logística, espaços para feiras e convenções esportivas e eventos envolvendo empresas patrocinadoras.

A presença do Soccer City e do estádio Ellis Park em Johannesburg reflete duas maneiras distintas com as quais os sistemas de infraestrutura urbana das grandes cidades se relacionam com os estádios contemporâneos.

O estádio Soccer City foi o principal edifício construído para a Copa de 2010. O local de implantação do estádio encontra-se na confluência de duas importantes vias do sistema viário de Johannesburg. Além do posicionamento desse edifício em um local bem servido pelo sistema viário local, o Soccer City demonstra uma clara intenção da cidade de Johannesburg em proporcionar crescimento e desenvolvimento para a região sul da cidade.

Imagem 22: Estádio Soccer City, construído para Copa do Mundo de 2010. Fonte: Google Earth.

Imagem 23: Estádio Ellis Park, construído em 1982 e reformado para Copa do Mundo de 2010. Fonte: Google Earth.

O sul da cidade de Johannesburgo foi o destino de toda população negra, expulsa das regiões centrais da cidade pela política urbana do *apartheid*. Assim, as comunidades assentadas a sul sempre foram sinônimo de pobreza e exclusão social, evidenciando o cenário de desigualdade como um dos principais reflexos dos anos de segregação racial. Desse modo, o Soccer City foi implantado nos limites de Soweto, uma das principais comunidades negras do sul de Johannesburgo. Com todas as principais atrações da Copa ocorrendo no Soccer City, a proximidade com Soweto demonstra a tentativa de proporcionar o desenvolvimento dessa região por meio dos investimentos feitos no entorno do estádio.

As regiões de maior desenvolvimento econômico e de infraestrutura urbana da cidade estão à norte do seu núcleo central. Nessas áreas estão situados os hotéis, grandes empreendimentos de lazer e todo o distrito comercial e cultural de Johannesburgo. Nessa região encontra-se o Ellis Park, construído em 1982 como um edifício multifuncional, pensado para promover a regeneração da região central de Johannesburgo. Em 1995 o estádio passou por atualizações para receber competições internacionais de rúgbi. Assim, pode-se imaginar que o Ellis Park, tendo em vista os eventos internacionais que já havia recebido, poderia ter sido reformado e atualizado com investimentos muito inferiores aos aplicados na construção do Soccer City. No entanto, o papel do estádio contemporâneo na cidade de Johannesburgo não se limitava à regeneração da região central, mas a tentativa de dar início a um processo de equivalência urbana entre os grandes subúrbios ao sul e as áreas de maior desenvolvimento urbano situadas nos arredores da região central da cidade.

Portanto, para atender às exigências impostas pela Fifa e para apresentar um planejamento que garantisse melhorias para a cidade, justificando os altos investimentos, um plano de desenvolvimento do transporte público foi criado. Assim como os estádios propostos para a Copa, a criação de um sistema de transporte público demandou altos custos e, em uma realidade onde a carência desse tipo de infraestrutura abrange toda a cidade, a sua localização pode se tornar alvo de severas discussões e críticas.

Johannesburgo não possui um sistema de transporte público de massa compatível com suas dimensões, a maioria da população não possui automóvel particular e os sistemas de trens e ônibus urbanos da cidade são antigos e inseguros, não atendendo às necessidades atuais da população. Assim, os principais meios de transporte utilizados são pequenos ônibus informais, que garantem o fluxo de pessoas cotidianamente.

Segundo o Instituto de Transporte de Johannesburgo, 63% das famílias não possuem carros particulares. Os índices para o transporte público são como segue: 72% da população utiliza os ônibus informais, 14% utilizam o sistema de trens urbanos e 9% fazem uso do sistema de ônibus.²¹

O sistema viário de Johannesburgo possui um desenho concêntrico, com grandes anéis circulares, que são ligados ao centro por vias radiais. Sendo assim, o sistema de transporte informal é organizado em linhas que estão distribuídas pelo sistema viário de Johannesburgo, fazendo a ligação dos subúrbios com o centro, onde tipicamente os passageiros são conectados a outras linhas que fazem trajetos por meio das vias centrais da cidade. Por ser um sistema informal, os ônibus privados buscam atender às linhas que possuem maior demanda, concentrando-se no trajeto entre os subúrbios e a região central, porém oferecendo poucas possibilidades de conexão entre as regiões suburbanas da cidade. Além disso, o período de operação do sistema é deficitário, com grande parte dos ônibus privados funcionando apenas durante os horários de pico. Com isso a maioria do sistema de transporte para depois das dezenove horas, encerrando as possibilidades de conexão entre os subúrbios e a área central de Johannesburgo durante a noite. Desse modo, a conexão entre a região do Ellis Park e os densos subúrbios dos arredores da cidade fica restrita ao automóvel particular, que está presente em apenas 27% das casas de Johannesburgo.

Portanto, do ponto de vista da mobilidade urbana, é inegável que se tornar o centro da Copa do Mundo de 2010 foi uma grande oportunidade para a cidade de Johannesburgo. A criação de um plano de transporte público que ligasse de forma rápida e eficiente as regiões de comércio e serviços, localizadas nos arredores do Ellis Park às demais instalações construídas para a Copa de 2010, atenderia às necessidades de fluxo dos variados públicos Fifa, como oficiais, profissionais de mídia, voluntários, organizadores e principalmente o público em geral. Ao mesmo tempo, a concepção de uma rede ampla, que atendesse aos principais vetores de mobilidade, possibilitaria unificar o tecido urbano fragmentado da cidade. Desta maneira, se estabeleceria uma equivalência territorial entre os bolsões populacionais situados ao sul e a região central da cidade, destino de grandes investimentos, públicos e privados, feitos em decorrência do evento esportivo.

Sendo assim, com o propósito de atender aos Jogos da Copa, a cidade de Johannesburgo implantou um grande plano de estruturação do transporte público. Várias intervenções e investimentos foram feitos na regulamentação do transporte informal, na expansão das linhas

²¹ ITDP: Institute of Transport and Development Policy. New York, 2009. (WOOD, 2008, p. 125)

de ônibus urbanos e na melhoria das linhas de trens metropolitanos da cidade. Porém a mais importante medida visando à melhoria da mobilidade urbana de Johannesburgo foi a criação de um sistema de trens urbanos de alta velocidade chamado Gautrain. Na sua primeira etapa esse sistema ligaria o centro de Johannesburgo a Pretória, ao aeroporto internacional e à região de Sandton, um bairro a norte da cidade onde estão localizados hotéis, restaurantes e serviços. Em um segundo momento, em 2011, a linha seria estendida para o sul da cidade, até o bairro de Soweto, onde está implantado o Soccer City.

Ao lado dos estádios de futebol, a implementação do sistema Gautrain representa um dos maiores investimentos feitos na preparação da cidade para a Copa de 2010. Atualmente o sistema possui três estações já em funcionamento que estabelecem a conexão entre o aeroporto internacional de Johannesburgo e a região de Sandton. A implantação do sistema atraiu grandes investimentos privados no entorno das estações com a construção de edifícios corporativos, *shoppings centers*, estruturas de abastecimento e empreendimentos residenciais.

No entanto, as regiões servidas pelo Gautrain situam-se ao norte da cidade, em áreas desenvolvidas economicamente. Assim, os investimentos feitos no entorno das estações, e a mobilidade trazida por um meio de transporte rápido e eficiente, não se conectam a populações de menor poder aquisitivo moradoras dos grandes bolsões populacionais a sul. Com isso o principal acesso à região do Soccer City, em Soweto, é feito pelas vias expressas que cortam a cidade de Johannesburgo, ou por meio dos ônibus que servem ao transporte informal.

Para a Copa do Mundo, um sistema de integração foi criado, permitindo a conexão rápida, mediante transporte público, entre as áreas ao norte, destino mais comum dos turistas, e o Soccer City, situado ao sul em Soweto. Para tanto, uma frota nova de ônibus foi colocada à disposição dos usuários do Gautrain, partindo das estações em pequenos intervalos de tempo diretamente para a região do Soccer City. Com isso, estabeleceu-se um eixo de transporte entre as áreas economicamente desenvolvidas a norte e o Soccer City e demais instalações feitas para a Copa de 2010, localizadas na região de Soweto.

Porém essas soluções não se mostraram estruturantes de um plano de mobilidade urbana para a cidade de Johannesburgo capaz de conectar as fragmentadas regiões do seu tecido urbano, uma vez que tudo seria desfeito após o evento. Como grande parte das estações encontra-se localizada em áreas desenvolvidas economicamente, os grandes bolsões populacionais situados a sul não serão influenciados pelos investimentos atraídos pela eficiência do sistema de trens rápidos. A expectativa é que no final de 2011 a expansão do

sistema de trens rápidos chegue à região do Soccer City, estabelecendo uma conexão rápida entre Soweto e as áreas desenvolvidas economicamente a norte.

Portanto, a Copa do Mundo de 2010 representou uma grande oportunidade para a África do Sul estabelecer planos de desenvolvimento dos sistemas de infraestruturas, especialmente aqueles que se referem à mobilidade urbana. Esses sistemas seriam capazes de reconectar os bairros pobres e afastados a sul, com as áreas economicamente desenvolvidas e de predominância branca localizadas a norte. No entanto, a falta de um planejamento amplo e a longo prazo gerou investimentos pontuais que não aproximam os subúrbios pobres da cidade às regiões desenvolvidas da metrópole. Com isso, o estádio Soccer City, centro das atividades da Copa do Mundo de 2010, posiciona-se como um monumento isolado no tecido urbano fragmentado dos limites de Soweto. Sem uma conexão urbana eficiente com o centro e as demais regiões economicamente desenvolvidas da cidade, o edifício tem seu potencial de regeneração reduzido, não atraindo investidores e usos comerciais para as áreas vazias de seu entorno.

2.5.6 Os Jogos Olímpicos de Londres, 2012

A conjugação de edifícios esportivos de última geração com sistemas de mobilidade urbana pode ser observada nas intervenções feitas na cidade de Londres para os Jogos Olímpicos de 2012. O local de implantação do Estádio Olímpico está situado na região leste da cidade, em uma área de 2.5 km², chamada Lower Lea Valley. Por conta do declínio das atividades industriais, instaladas no local desde o fim do século XIX, a região do Lea Valley apresenta baixo desenvolvimento econômico, sendo considerado um dos últimos grandes vazios urbanos na malha urbana de Londres.

Assim, um dos principais objetivos do plano urbano para as Olimpíadas de Londres 2012 foi a conexão da região do Lea Valley Park (Parque Olímpico Londres 2012) com a estrutura urbana consolidada da cidade. Para tanto, o transporte público tornou-se um elemento estruturador da implantação do plano de construção do Parque Olímpico. Em 1999, a região já havia sido contemplada com a extensão da Jubilee Line, uma nova linha de metrô que conectava o estádio de Wembley à região do Lea Valley, transformando a estação de Stratford, construída em 1999 para receber os trens de alta velocidade vindos do norte em direção ao túnel sob o canal da mancha, em um dos principais pontos de conexão do transporte público de Londres.

Com isso, para os Jogos Olímpicos de 2012 o plano de expansão do transporte público de Londres conectou a estação de Stratford, situada no interior do Parque Olímpico, à estação King Cross, principal terminal de transporte da região central da cidade, por meio de um sistema de trens elétricos que fazem o percurso em sete minutos. Além disso, o sistema de trens Docklands Light Railway também foi estendido até a nova estação Stratford, garantindo altos padrões de mobilidade urbana para a região do Lea Valley.²²

No entanto, os investimentos feitos na região do Lea Valley não visam apenas atender às demandas dos Jogos Olímpicos, mas, principalmente, tornar-se parte de um planejamento estratégico para a regeneração das zonas industriais subutilizadas na região leste da cidade. Além dos edifícios esportivos e do grande Parque Olímpico construídos para atender às competições em 2012, a região do Lea Valley conecta-se às demais centralidades da cidade de Londres, assim como a outras metrópoles europeias.

Observa-se que mesmo antes do anúncio de Londres como sede dos Jogos Olímpicos de 2012 a região do Lea Valley já passava por um processo de reconversão do tecido urbano existente, em razão do seu potencial de mobilidade urbana. A implantação da estação internacional de Stratford, e a sua posterior conexão ao sistema de transporte público urbano, transformou o Lea Valley em um entroncamento de eixos de mobilidade, atraindo investimentos feitos pelo capital privado. O entorno da estação de Stratford já recebia grandes investimentos em habitação de alto padrão, e a construção de torres de trinta pavimentos destinadas à Vila Olímpica para 2012 é apontado como um grande passo na consolidação dessa região como uma nova centralidade na malha urbana de Londres.

O edifício esportivo contemporâneo faz parte de uma complexa estratégia de planejamento que, utilizada de maneira correta, pode proporcionar o crescimento de uma cidade, especialmente em regiões menos desenvolvidas. Em se tratando desse tipo de regeneração de tecido, a edificação esportiva pode agir como um catalisador de investimentos e assim acelerar o desenvolvimento de uma região de maneira impressionante.

²² Assim, pode-se afirmar que conectar o Parque Olímpico à infraestrutura de Londres é um das principais prioridades do local. O transporte é o ponto principal do plano. Em 1999, o túnel do sistema Jubilee Line já se conectava à estação de Stratford, tornando-a a segunda maior estação de transporte público em Londres. Assim, a nova estação Stratford, originalmente planejada para receber os trens de alta velocidade vindos do norte em direção ao Canal da Mancha, estará a apenas sete minutos da estação King's Cross. O sistema Docklands Railway também estará conectado à nova estação, transformando Stratford em um ponto de extraordinária conectividade urbana (*Blueprint*, n. 269, p. 48, 2008).

A implantação de um estádio de última geração em conjugação com sistemas de transporte de massa poderá desencadear um processo crescente de regeneração de seu entorno mediante a transformação dos usos e das características de uma determinada localidade.

Atualmente, os grandes edifícios esportivos têm se configurado como a principal ferramenta de regeneração urbana, especialmente aqueles que recebem grandes competições esportivas, e, portanto, o potencial dessas edificações como catalisadores de investimentos tem sido reconhecido por governos e urbanistas mundialmente.

No entanto, é inegável que apenas a construção de um estádio última geração não será capaz de resolver os problemas urbanos de áreas subutilizadas de uma cidade. O estádio contemporâneo deve ser pensado como parte integrante de um plano de mobilidade urbana, que tenha como objetivos o desenvolvimento de estratégias de transporte público e a atração de investimentos para o seu entorno, o desenvolvimento comercial, e principalmente a atração de pessoas para essa determinada região.

O estádio de futebol de última geração, conectado a uma série de redes de fluxos, de telecomunicações e a um espaço virtual global, torna-se parte da experiência urbana e em especial metropolitana do mundo contemporâneo.

Imagem 24: Região onde foi construído o Parque Olímpico de Londres 2012. Fonte: REVISTA BLUEPRINT, n. 269, p. 48-49, 2008.

CAPÍTULO 3

A última geração de estádios

3.1 O impacto econômico decorrente da construção de estádios de futebol

Durante as últimas décadas do século XX a construção de grandes arenas esportivas tornou-se o tema central de debates, especialmente em grandes cidades que buscavam prestígio global. Dentre as principais razões que motivaram tais discussões, o impacto econômico gerado a partir da construção desses edifícios tem sido o principal argumento discutido por economistas, geógrafos, políticos e a comunidade envolvida no processo de construção.

A maior parte das publicações sobre o tema tem como base as experiências desenvolvidas nos Estados Unidos, uma vez que a partir da década de 1960, com o desenvolvimento da sua indústria esportiva, grandes estádios foram construídos com recursos públicos nas principais cidades norte-americanas como uma estratégia de desenvolvimento econômico. Os principais autores que trataram desse tema, como Baade e Dye (1990), Crompton (1995), Euchner, Noll e Zimbalist (1997), desenvolveram pesquisas detalhadas que analisaram principalmente o retorno econômico trazido por esses edifícios para o centro urbano, em especial por terem sido, em sua grande maioria, financiados com recursos públicos.

Entretanto, sobretudo no tocante à indústria esportiva, o cenário norte-americano apresenta algumas importantes particularidades, como por exemplo as constantes mudanças de domicílio feitas por agremiações esportivas em busca de melhores lucros. Mesmo em instituições profundamente ligadas às suas comunidades locais, como o caso dos New York Yankees, que, apesar de estar tradicionalmente implantado na região sul do Bronx, passou por um período de intensas negociações com o governo municipal em busca de um novo estádio atualizado que contribuísse para a imagem do clube e consequentemente para a sua lucratividade.²³ Sobre a prática de inserção de estádios em zonas urbanas americanas subdesenvolvidas economicamente, Kwinter (apud KOOLHAAS, 2004, p.239) afirma:

²³ Mesmo com um dos melhores contratos de locação de estádios feitos na liga americana de beisebol (IBO, 1998; Alckman, 2001), Steinbrenner indicou por várias ocasiões que caso não receba um novo estádio da cidade de Nova York, o time se mudaria para outro centro urbano. Dentre as razões, o dirigente citou a idade do estádio

Em 1999, as cidades americanas viram crescer pelo menos quatro instalações esportivas novas ou renovadas, com outros 34 projetos previstos para os próximos três anos. Considerados, por investidores e diretores esportivos, como favoráveis para uma renovação urbana sustentável, os estádios diminuem, segundo os economistas, o crescimento das cidades e custam aos contribuintes milhares de milhões de dólares a cada década. Os novos estádios são frequentemente declarados obsoletos e são demolidos em um prazo de apenas sete anos, em favor de se construir outros mais modernos. A migração brutal e permanente das equipes para melhores instalações garante ao esporte arrecadações de 40 milhões de dólares por ano. (Tradução nossa).

Além de uma indústria esportiva pautada pelo lucro, as cidades americanas competem entre si por investimentos privados e, nesse sentido, se tornar sede de uma grande equipe presente nas ligas de futebol americano ou beisebol é entendido como uma grande oportunidade de negócios. Assim, se algum time deseja mudar de endereço na expectativa de melhores resultados financeiros, há sempre algum grande centro urbano sinalizando com áreas disponíveis e investimentos públicos a serem aplicados na construção de modernos estádios.

Portanto, o Estado é um importante agente na construção de grandes estádios, uma vez que esses edifícios são idealizados como uma contrapartida por parte dos governos municipais na esperança de que suas cidades tornem-se sedes atrativas para grandes organizações esportivas. Com isso, a maioria absoluta dos estádios americanos, construídos entre as décadas de 1960 e 1990, recebeu financiamento público. Segundo Crompton (1995), essa aplicação de recursos públicos na construção de grandes estádios motivou grandes discussões sobre o tema entre políticos e governantes, favoráveis à construção desses edifícios, e economistas e estudiosos que questionam o estádio contemporâneo como um investimento lucrativo para a cidade.

A partir dos anos 1960, durante trinta anos, um grande número de estádios foi construído nos Estados Unidos, na esperança de que se consolidassem como importantes investimentos econômicos para as suas cidades. Apesar das grandes diferenças que pautam a indústria esportiva americana do restante do mundo, esse período se configurou como um

atual, que o torna desagradável e perigoso, assim como a baixa lucratividade dele, já que o edifício não conta com os camarotes modernos comercializados junto à iniciativa privada (CHANAYIL, 2002).

momento inicial de reflexão acerca do papel e potencial do edifício esportivo com capacidade de contribuir para o desenvolvimento das cidades que os abrigam.

Como fora citado anteriormente, a indústria esportiva norte-americana define-se pela capacidade lucrativa das principais ligas esportivas, assim como de seus clubes. Obviamente, a viabilidade financeira é um objetivo fundamental para o sucesso de qualquer grande agremiação esportiva, ainda que em outras ligas de importância global, mesmo em modalidades distintas como a britânica Premier League. Entretanto, a maioria dos grandes times norte-americanos, sejam eles de futebol americano, beisebol, ou basquete, são instituições particulares, que possuem proprietários e são administrados aos moldes de qualquer empresa privada. Nesse sentido, a tradição, ou a relação com o lugar e com determinada comunidade, é um aspecto secundário entre as chamadas "franquias esportivas" norte-americanas. Pode-se afirmar que, salvo em casos semelhantes aos do New York Yankees, um dos mais tradicionais times de beisebol americano e profundamente ligado à história e à população de Nova York, todos os demais clubes estão em busca de melhores oportunidades de negócios.

Imagem 25: Localização atual do estádio do New York Yankees. Fonte: (CHANAYIL, p. 883, 2002)

A despeito disso, nem mesmo a importância dos New York Yankees para a cidade de Nova York e de toda atenção da mídia recebida pelo time em decorrência de representar uma das cidades mais importantes do mundo evitaram que demandas fossem feitas pelo time para que um moderno estádio fosse edificado pela cidade em uma área privilegiada de Manhattan. Chanayil (2002) relata o caso dos Yankees e as demandas feitas pelo time junto à cidade de Nova York como um reflexo de uma condição nacional, descrita pelo autor da seguinte maneira:

Um dos fatores que levaram o prefeito Giuliani a examinar a viabilidade de um novo estádio em Manhattan foi o fato de os proprietários dos Yankees frequentemente demonstrarem publicamente a sua insatisfação com a atual sede do time, localizada no Bronx. A possibilidade de que o time se mude para outra cidade é um assunto muito desagradável para a população nova-iorquina, em virtude do peso da história. Na década de 1950, a cidade não levou em consideração uma série de ameaças de mudança feitas pelo Brooklyn Dodgers, que acabou se mudando para Los Angeles, onde foi oferecida aos proprietários do time uma grande área para a construção de um estádio. A possibilidade de mudança sempre foi encarada como uma ameaça feita pelos times à esfera pública. Entretanto, essa ameaça tornou-se mais eficaz após uma série de decisões judiciais que garantiram o direito de mudança do Los Angeles Raiders de sua cidade de origem para a cidade de Oakland em 1982. Essas decisões judiciais deram aos times poderes de decisão sobre onde locar suas sedes (Shropshire, 1995; Euchner, 1993). Desde então, esta influência jurídica tem sido utilizada para intimidar o Estado, levando as cidades a proporem negócios favoráveis aos clubes. (CHANAYIL, 2002, p.876, tradução nossa).

Por conseguinte, um grande número de estádios construídos em cidades de pequeno porte, como Baltimore, Denver ou Cleveland, ou em grandes metrópoles como Los Angeles, Chicago ou Miami, oferece uma grande quantidade de dados que permitem realizar reflexões acerca do impacto econômico desses edifícios em contextos distintos.

Em 1991, dentre 84 estádios e arenas utilizadas pelos times das ligas profissionais norte-americanas, 65 eram propriedade pública (Quick e Fort, 1992). Apenas quatro dos 29 estádios inaugurados desde 1960 foram construídos com recursos privados. Dentre esses, todos os estádios cobertos que se tornaram uma tendência nesse período foram financiados a partir de recursos públicos (Baade e Dye, 1990). A situação acontece de maneira similar nas ligas de menor expressão. Por exemplo, as ligas de acesso de beisebol profissional realizam partidas em quase duzentas comunidades nos Estados Unidos, Canadá e México. Mais de 90% desses times

jogam em estádios construídos e operados pelo poder público (Johnson, 1991). (CROMPTON, 1995, p.14, tradução nossa).

Com o crescimento da indústria esportiva nas últimas três décadas do século XX, muitas cidades norte-americanas empreenderam na construção de grandes estádios. Esses edifícios, construídos com recursos públicos, têm o objetivo de oferecerem melhores instalações aos times locais, permitindo maior lucratividade a estes, por meio de um aumento no número de espectadores durante os jogos e das múltiplas atividades de entretenimento que seriam abrigadas no novo edifício. Em contrapartida, essas cidades almejam tornarem-se sedes de um grande time em busca de um melhor mercado, aliando assim a sua imagem à indústria esportiva nacional. Além disso, a construção de grandes estádios a partir de recursos públicos sempre foi defendida por seus idealizadores como um investimento, uma vez que, teoricamente, esses edifícios geram um incremento na atividade econômica local, por conta de uma série de novos empreendimentos que surge em decorrência da sua construção.

O conceito que embasou as experiências de investimento de recursos públicos em equipamentos esportivos, com propósito econômico pelas cidades norte-americanas, é definido pela seguinte sequência de fatos: a comunidade provê fundos para o Estado em forma de impostos e taxas. O Estado, representado pela autoridade local, emprega parte desses recursos para subsidiar a construção de um grande estádio para a realização de eventos esportivos. Esse equipamento, mediante os eventos nele realizados, atrai turistas e novos espectadores, que gastam dinheiro dentro e fora do novo estádio, gerando renda em forma de impostos e novos empregos para a comunidade (CROMPTON, 1998).

O grande número de estádios construídos nos últimos anos nos Estados Unidos estabeleceu um cenário de competição entre cidades que almejam aliar a sua imagem a uma grande instituição esportiva. Entretanto, as demandas feitas pelos clubes e seus proprietários não se limitam a todos os custos e à complexidade envolvida na construção de um grande estádio. Além disso, a cidade é responsável pela manutenção dos edifícios, assim como por uma série de subsídios fiscais. Em outras palavras, a vasta maioria dos estádios americanos, além de terem sido financiados com recursos públicos, ainda é arrendada para instituições privadas a um custo incompatível ao investimento feito.

Portanto, a capacidade de um grande time em gerar recursos e novos empregos e modificar a economia de uma determinada comunidade transformou-se no principal argumento que influenciou os governos locais a sustentarem acordos de arrendamento de

estádios públicos extremamente favoráveis às instituições esportivas. Crompton (1995) afirma que essa definição pode ser observada ao se questionar os gestores públicos sobre os principais benefícios identificados nas suas comunidades diretamente ligados à atividade esportiva. Segundo o autor, 85% citaram benefícios econômicos.

Atendendo a demandas feitas pelos proprietários do time, a cidade de Nova York comprou o estádio do New York Yankees e as suas dependências, que eram de propriedade privada, pelo valor de US\$ 12 milhões de dólares. A cidade também arcou com US\$ 100 milhões para reformar o estádio como forma de um acordo de arrendamento, valor que ficou acima do orçamento inicial de US\$24 milhões (Schumach, 1978). O contrato de arrendamento do estádio tem validade de trinta anos e o valor estipulado para a utilização do edifício é baseado em uma porcentagem da arrecadação total de estacionamento e bilheteria. Ao mesmo tempo, o time é responsável pela manutenção do estádio, entretanto, esses valores são debitados do arrendamento ao final de cada ano. (CHANAYIL, 2002, p.878, tradução nossa).

Crompton (1995) afirma que o impacto econômico determinado pela construção de grandes estádios não é representativo quando comparado ao volume financeiro movimentado por uma cidade de médio ou grande porte. Segundo o autor, as análises e estudos realizados durante a década de 1990, que avaliaram a produção americana de estádios construídos nas três décadas anteriores, apontam uma série de fatos e números que interpretam de maneira equivocada o impacto econômico desencadeado pela construção de um grande estádio.

Mesmo assim, durante a década de 1990, a construção de grandes estádios dedicados ao esporte profissional movimentou mais de US\$ 10 bilhões em recursos públicos nos Estados Unidos. Porém, a partir da década de 1990, um novo modelo de estádio orientou os processos de concepção desses edifícios. Além de serem concebidas estratégias de desenvolvimento econômico, esses edifícios passaram a ser peças centrais em processos de requalificação urbana.

Apesar da mudança nas funções atribuídas ao estádio a partir de 1990, as principais referências acadêmicas sobre o tema continuaram sendo as análises feitas sobre os primeiros estádios americanos, construídos entre a década de 1960 e 1990. Sobre essa primeira produção de estádios, Chema (1996) afirma que os edifícios construídos entre 1960 e 1990 caracterizavam-se assim:

[Os] equipamentos multiuso que se proliferaram a partir do final da década de 1960 e início de 1970 eram especificamente concebidos como equipamentos separados da cidade e, portanto, não poderiam ser ferramentas de desenvolvimento econômico. A sua linguagem arquitetônica lhes dava a impressão de um forte e não de um equipamento esportivo e comercial. Além disso, durante esse período todos os novos equipamentos foram locados em regiões periféricas ou zonas rurais. Mesmo aqueles que foram implantados em áreas relativamente urbanas podem ser entendidos como edifícios periféricos, já que estes sempre se encontravam separados do tecido urbano da cidade por fossos ou grandes áreas dedicadas ao estacionamento de veículos.

Os estádios construídos a partir de 1990 foram concebidos com diferentes propósitos em relação aos edifícios multiusos construídos durante as décadas anteriores. Os equipamentos esportivos construídos a partir de 1990 tinham como objetivo se consolidarem como símbolos arquitetônicos de suas cidades, com apelo turístico e, assim, contribuírem para o desenvolvimento da economia local. Para tanto, na maioria dos casos, esses edifícios foram implantados em tecidos urbanos consolidados, para estabelecimento de uma sinergia com os demais usos e atividades que constituem o cotidiano das grandes cidades.

Nessa direção, Santo (2005) questiona as publicações feitas por Baade e Dye (1990) e Baade (1996), nas quais os autores definem a ineficiência de grandes edifícios esportivos como estratégias de desenvolvimento econômico. Para Santo (2005), os principais trabalhos publicados sobre a construção de grandes estádios limitavam-se à análise de edifícios construídos em áreas isoladas, próximos a grandes vias de fluxo rápido e sem qualquer iniciativa de conexão com o tecido urbano existente. Para o autor, as características do contexto urbano no qual o estádio está implantado representam um elemento-chave para que um grande estádio possa fomentar o desenvolvimento econômico local.

Os resultados obtidos a partir desta pesquisa estão embasados em um exame preciso das análises empíricas feitas anteriormente e, assim sendo, eles apontam que o contexto tem um papel-chave na determinação dos impactos econômicos de estratégias de desenvolvimento esportivo. (SANTO, 2005, p. 178, tradução nossa).

Apesar do grande número de publicações feitas por economistas sobre o impacto negativo ou insignificante de um grande estádio, Santo (2005) afirma que os principais trabalhos realizados durante esse período falham, por estabelecerem um recorte temporal equivocado que não observa mudanças entre os estádios construídos entre 1960 e 1990 e os edifícios edificadas a partir de então.

Imagem 26: Estádios construídos entre 1960 e 1990 nos Estados Unidos, todos já desativados e substituídos por edifícios mais eficientes. Em sentido horário à partir da esquerda: Astrodome, Houston, Texas; Superdome, Seattle, Washington; Fulton Stadium, Atlanta, Georgia; Texas Stadium, Irving, Texas. Fonte: Google Earth.

Entretanto, é notório que nas últimas décadas o estádio de futebol passou a ser entendido como um equipamento eminentemente urbano, e com isso esses edifícios têm sido concebidos em regiões adensadas, tornando-se parte do cotidiano dos grandes centros e amplamente conectados aos sistemas de infraestrutura. Essa tendência difere os estádios contemporâneos dos equipamentos esportivos multiusos concebidos e construídos a partir de 1960, climatizados artificialmente, implantados em zonas rurais, rodeados de estacionamentos e conectados aos centros urbanos por grandes vias expressas, como o caso do já citado Astrodome construído em Houston na década de 1960.

Assim, durante as últimas duas décadas do século XX, os estádios passaram a ser concebidos nos arredores de grandes centralidades urbanas, na expectativa de que esses equipamentos se tornassem monumentos arquitetônicos contemporâneos, despertando o interesse turístico e contribuindo para a requalificação urbana local. Santo (2005) afirma que as pesquisas desenvolvidas por Baade e Dye (1996) indicaram uma relação positiva entre a presença de uma instituição esportiva profissional e a renda *per capita* de Indianápolis, EUA.

Essa relação foi atribuída ao fato de o entretenimento esportivo ter sido incluído como uma estratégia de desenvolvimento de áreas urbanas da cidade em um planejamento que esteve em prática durante as décadas de 1970 e 1980. Entre 1960 e 1980, período que define o recorte temporal analisado por Baade (1996), apenas Indianápolis implementou políticas urbanas que exploravam o esporte profissional como estratégias de desenvolvimento urbano, entretanto, após a década de 1990 a utilização de políticas de requalificação urbana conjugadas com a atividade esportiva amadora e profissional tornou-se uma prática comum entre os grandes centros urbanos.

Nesse sentido, Chema (1996) conclui que o elemento-chave para que um estádio se transforme em uma intervenção financeiramente viável não é a presença ou não da atividade esportiva, mas sim o contexto no qual esta se desenvolve. Por isso, o autor afirma que um estádio construído em uma região central de alta densidade populacional e com grande oferta de comércio e serviços transforma-se em um equipamento mais atrativo à população. Ainda, Santo (2005) afirma que os edifícios implantados em regiões adensadas exercem um raio maior de abrangência que os estádios implantados em zonas pouco adensadas.

A metodologia utilizada por Santo (2005) concentra-se no estudo dos edifícios construídos entre 1984 e 2001 e, dessa forma, exclui uma primeira fase de estádios construídos entre 1960 e 1980. Esse aspecto permite que se avalie o potencial dos estádios contemporâneos como investimentos mais bem-sucedidos que os seus predecessores. Assim, foram analisadas dezenove regiões metropolitanas de cidades norte-americanas que receberam novas agremiações esportivas ou que construíram novos estádios.

O estudo realizado por Santo (2005) apresentou evidências que se contrapõem à pesquisa de Baade e Dye (1996). Das dezenove cidades analisadas, o autor identificou indicadores econômicos positivos no que se refere à relação entre a construção de grandes equipamentos esportivos e a renda *per capita* regional em sete cidades (Atlanta, Cleveland, Denver, Jacksonville, Nashville, Seattle e Tampa).

Outro importante fator identificado pelo autor refere-se às cidades que já possuíam estádios edificadas e em uso por times profissionais. Para Santo, mesmo nessas cidades os indicadores demonstraram um impacto positivo a partir da construção de um novo estádio ou reforma dos edifícios existentes. Mesmo nessas situações, esses estádios são revitalizados a

partir de amplos planos de revitalização urbana de seu entorno e em muitos casos tornam-se uma nova atração turística regional.

No entanto, os reflexos econômicos positivos apresentados pelos estudos de Santo (2005) não são suficientes para afirmar que a construção de um grande estádio representa a certeza de um grande investimento para a cidade. Muito além da simples aplicação de recursos, o sucesso econômico de um estádio passa pela análise criteriosa de seu contexto urbano e pela transformação de seu entorno.

Aparentemente, o local de implantação dos estádios exerce grande influência sobre os investimentos feitos nesses edifícios. Os resultados obtidos indicam cinco cidades onde a construção de um novo estádio representou um impacto positivo na renda *per capita* regional (Atlanta, Denver, Jacksonville, Seattle e Tampa). Em cada uma dessas cidades, os estádios foram implantados em regiões centrais da cidade ou áreas adensadas de suas malhas urbanas. Em contraste a isso, o estádio edificado em Arlington, implantado em uma região periférica da cidade, é um dos dois edifícios que apresentaram um impacto negativo significativo na renda *per capita* regional. (SANTO, 2005, p. 189, tradução nossa).

Mesmo com números economicamente favoráveis à construção de um grande estádio, os resultados apresentados por Santo (2005) evidenciam a grande importância do contexto urbano para o futuro de um grande equipamento esportivo. Os resultados obtidos pelo autor demonstram uma direta relação entre a rentabilidade de um grande estádio e a sua implantação em áreas centrais e de alta densidade. Os estádios construídos em áreas centrais exercem atraem uma série de usos destinados à oferta de comércio e serviços correlatos à prática esportiva. Com isso, os eventos realizados nesses edifícios promovem uma grande concentração de público e conseqüentemente aumentam o consumo da região antes e após aos eventos esportivos.

Apesar da grande importância das pesquisas realizadas por Baade (1988) e Baade e Dye (1996) que buscaram verificar a eficácia da utilização de recursos públicos na construção de grandes estádios, assim como Santo (2005) diversos outros autores realizaram estudos recentes que buscaram entender os impactos econômicos dos estádios contemporâneos a partir de recortes temporais atualizados.

Nelson (2001) afirma que existe um impacto positivo e significativo entre em diversas variáveis econômicas de um centro urbano e a presença de grandes estádios utilizados por

ligas esportivas profissionais. O autor examinou dados de 43 regiões metropolitanas de 1969 a 1994. Para ele, essas variáveis econômicas apresentaram números positivos quando as cidades possuíam times profissionais atuando em estádios localizados em sua malha urbana consolidada, próximos a áreas centrais de grande atividade comercial e servidos dos diversos sistemas de infraestrutura urbana. Em contrapartida, essas mesmas associações se mostraram negativas e significativas quando os centros urbanos apresentam times profissionais atuando em estádios localizados em regiões suburbanas e afastados das áreas centrais.

Evidências de um impacto econômico positivo também foram encontradas por Austrian e Rosentraub (1997, 2002) na sua análise sobre o caso específico dos equipamentos esportivos construídos como parte do Cleveland Gateway Complex, que compreendeu uma série de grandes projetos e intervenções urbanas que objetivaram a requalificação de um distrito empresarial central da cidade de Cleveland nos Estados Unidos. O projeto propôs a construção do Jacobs Field, além de outros equipamentos esportivos, que foram concluídos em 1994.

O estudo demonstra que após a construção dos equipamentos esportivos houve um aumento do salário médio real dos trabalhadores da região do projeto Gateway, com um crescimento acima da média nacional e regional. (AUSTRIAN; ROSENTRAUB, 1997, p.189, tradução nossa).

Os resultados apresentados por Austrian e Rosentraub (1997) também apontam um crescimento na criação de empregos diretos e indiretos relacionados à atividade esportiva profissional, gerados em lojas de roupas e acessórios e mercadorias esportivas, restaurantes e bares, hotéis e empresas de entretenimento e promoção de eventos. Os autores ainda mencionam um crescimento no número de novos estabelecimentos e empresas criadas na região do Cleveland Gateway. Ao passo que possam ser questionados o custo e a grande demanda de investimentos necessários para a criação desses empregos e para a obtenção desses resultados, os autores não condenam a estratégia de investimentos e requalificação colocada em prática na região central de Cleveland. Essas intervenções podem não ter resultado em um grande impacto significativo e imediato na receita total da cidade e de sua região metropolitana, porém, certamente, representaram um impacto positivo e significativo para a região central da cidade.

Imagem 27: Imagem aérea da região central de Cleveland, Ohio, Estados Unidos. A direita, o estádio e sua relação com a paisagem urbana da cidade. Fonte: Google Earth.

Sobre esse aspecto pode-se afirmar que o uso de recursos públicos em uma região específica resulta em um retorno pequeno para a população em geral, que na maioria dos casos convive com problemas e questões sociais e urbanas mais urgentes, especialmente em áreas como habitação, saúde e educação. Entretanto, nenhum dos autores citados objetivou defender a aplicação de recursos públicos para a construção de estádios como um grande investimento e muito menos como prioridade diante de problemas sociais globais. Esses estudos defendem que viabilidade econômica desses edifícios passa diretamente pelo contexto onde estão implantados, para que assim se tornem economicamente viáveis e sustentáveis. Demonstram claramente que os benefícios gerados por esses edifícios não podem ser definidos pelos recursos gerados em decorrência da sua construção e dos eventos que nele são realizados. Os estádios podem representar um impacto positivo e desejável em zonas centrais de grandes regiões metropolitanas. A partir da construção de edifícios coerentes com as demandas esportivas contemporâneas, a cidade se candidata como sede de grandes equipes profissionais e até mesmo de megaeventos esportivos internacionais. Por essa razão, os estádios tornam-se economicamente importantes, pois aglutinam usos e atividades econômicas afins, atraem a atenção da população e da mídia local e nacional, assim como importantes desenvolvimentos em sistemas de infraestrutura urbana como os transportes de massa.

Assim, mesmo no campo da economia, importantes trabalhos foram publicados a partir de 2000, nos quais o foco principal desses estudos passou a ser o impacto que os

estádios provocam em processos de regeneração urbana. Austrian e Rosentraub (2002) examinaram o potencial desses edifícios em estratégias de revitalização urbana de áreas centrais analisando o caso específico de quatro cidades norte-americanas: Cincinnati, Cleveland, Columbus e Indianápolis. Para o autor é necessário compreender o potencial desses edifícios e assim inseri-los em intervenções amplas que conjuguem vários elementos em torno da requalificação de uma determinada região.

Se a justificativa para o uso de recursos públicos na construção de estádios em áreas centrais é que essas estruturas podem incrementar a atividade de zonas urbanas economicamente subutilizadas, então a questão não é se houve ou não aumento na receita da cidade como um todo, mas se a vitalidade ou sustentabilidade econômica da região onde se implantou o edifício foi incrementada ou mantida. (AUSTRIAN; ROSENTRAUB, 2002, p. 189, tradução nossa).

No caso das cidades pesquisadas por Austrian e Rosentraub (2002) – Cincinnati, Cleveland, Columbus e Indianápolis –, todas passaram por períodos de migração populacional e da atividade econômica para zonas suburbanas da cidade, transformando a região central, apesar da grande oferta de infraestrutura urbana, em uma zona degradada, vazia e subutilizada. Entretanto, Cleveland e Indianápolis estabeleceram estratégias de requalificação urbana das regiões centrais que propunham a construção de estádios e equipamentos esportivos como uma importante peça desse processo, ao passo que durante o mesmo período Cincinnati e Columbus optaram por outras estratégias de ocupação de zonas centrais. Segundo os autores, as duas primeiras cidades apresentaram números positivos em relação ao desenvolvimento da atividade econômica de suas áreas centrais, enquanto as demais continuaram apresentando o mesmo quadro de esvaziamento. Com isso, a partir a comparação entre as estratégias adotadas pelas quatro cidades conclui-se:

Os equipamentos esportivos e a concentração de comércio e serviços ajudaram a focar a atenção econômica e o apoio político para a manutenção de grandes empresas e novos empreendimentos nas regiões centrais de Cleveland e Indianápolis. (AUSTRIAN; ROSENTRAUB, 2002, p. 190, tradução nossa) .

Outras publicações buscaram observar o impacto gerado por estádios a partir da investigação de uma área específica, observando atributos econômicos que sofreram variações em decorrência da construção desses edifícios. Tu (2005) observou o impacto decorrente da construção de um grande estádio no valor de edificações residenciais nos arredores do FedEx

Field em Mariland, EUA. Para o autor existiu um impacto positivo no valor das propriedades privadas implantadas nos arredores do estádio.

Imagem 28: FedEx Field, Landover, Mariland, Estados Unidos, implantado em meio a grandes bolsões residenciais. Fonte: Google Earth.

Ahefeldt e Maenning (2008 2009) elaboraram uma série de estudos e análises acerca do impacto de estádios e equipamentos esportivos em Berlim, construídos durante a última década. Essas pesquisas buscam identificar o raio de impacto desses edifícios sobre o valor da terra urbana, estabelecendo variáveis que influenciam esses valores e que estão presentes nos arredores desses edifícios. Para tanto, os autores identificam que o raio de impacto de um grande equipamento esportivo como o estádio se estende até três mil metros do local de implantação desses edifícios. Em contrapartida, o tecido urbano fora desse perímetro não apresentou indicadores econômicos significativos. Com isso, os autores concluem que as análises feitas sobre a viabilidade dos investimentos públicos alocados na construção desses edifícios não deveriam esperar impactos significativos sobre a atividade econômica de toda a cidade, mas sim de uma área específica de seu tecido urbano. Nesse sentido, as pesquisas devem se concentrar em aspectos espaciais relacionados com os efeitos econômicos causados pela construção desses edifícios e não apenas no seu potencial como um grande investimento para a cidade.

Os resultados apresentados por Ahefeldt e Maenning apresentam números que confirmam a crescente importância do desenho urbano e da arquitetura para a qualidade do ambiente construído, tornando-se um aspecto importante para as análises econômicas sobre as cidades e seus componentes. Para Gospodini (2002), a relação entre os estudos econômicos e o desenho urbano foi invertida, de modo que a qualidade do desenho urbano tornou-se um pré-requisito para o desenvolvimento econômico dos centros urbanos em tempos de globalização.

Notadamente, os estudos realizados por economistas nas últimas duas décadas do século XX representaram as primeiras pesquisas científicas sobre a os impactos dos estádios nas grandes cidades a partir da afirmação o esporte como manifestação da cultural contemporânea. Nesse sentido, os primeiros textos publicados por Baade e Dye, Noll e Zimbalist, Austrian e Rosentraub, Crompton dentre outros representam importantes registros sobre um primeiro momento da expansão econômica dos esportes profissionais e consequente investimento na construção de grandes estádios por parte das entidades governamentais.

Entretanto, novas evidências foram trazidas ao campo da discussão acadêmica por autores recentes como Ahefeldt e Maening (2009, 2010), Tu (2005) e Santo (2005), propondo o esclarecimento do potencial econômico inerente à construção de um grande estádio. Para os autores, esses edifícios não podem ser analisados como propulsores da atividade econômica de cidades inteiras. Ao invés disso, o raio de abrangência do seu impacto sobre a atividade econômica deve ser criteriosamente definido e, segundo as evidências apontadas por Ahefeldt e Maenning (2010) e Tu (2005), não ultrapassando uma área correspondente a três mil metros ao redor do edifício. Além disso, a construção de um estádio de grandes proporções poderá incrementar o número de estabelecimentos comerciais e prestadores de serviço ligados à atividade esportiva. Da mesma forma, o edifício pode estimular a vocação turística de uma determinada região, como no caso do estádio construído para a Copa de 2010 em Durban, na África do Sul.

Entretanto, os edifícios esportivos devem ser pensados em conjunto com intervenções urbanas capazes de reconfigurar tecidos subutilizados e assim permitir que a atividade econômica de grandes áreas sejam mantida e até redefinida. Ao mesmo tempo, a relação entre grandes estádios e os sistemas de transporte de massa deve ser entendida como o grande potencial econômico desses edifícios, uma vez que um alto nível de acessibilidade é considerado uma importante característica de regiões economicamente ativas, capaz de

agregar valor às propriedades edificadas, atrair a população para uma determinada região, assim como diferentes níveis de investimentos privados. Por esses motivos, os estádios contemporâneos estão cada vez mais inseridos na malha urbana consolidada dos grandes centros e nas proximidades de regiões centrais de intensa ocupação.

Especialmente quando financiados com recursos públicos, os agentes governamentais envolvidos devem garantir que o edifício não seja planejado com o único objetivo de maximizar os lucros da cidade ou da entidade esportiva que o utiliza. Pelo contrário, o estádio deve ser concebido como um equipamento acessível, integrado a vetores de transporte de massa eficientes e implantado em áreas de grande atividade comercial. Então, o estádio deve propor uma linguagem arquitetônica que permita utilizar-se de um vocabulário adequado ao processo de regeneração urbana, capaz de contribuir para difusão da imagem da cidade e para o incremento da atividade econômica de seu entorno.

3.2 A forma como estratégia de sobrevivência: o estádio de futebol, um monumento da metrópole contemporânea

Os estádios construídos para a Copa de 2002 apresentaram edifícios dotados de uma linguagem arquitetônica surpreendente e de grande qualidade tecnológica. Apesar de a maioria dos edifícios construídos para o evento terem se tornado equipamentos dispendiosos e pouco utilizados nos anos seguintes, esses estádios anunciaram uma nova tendência que se consolidaria nos próximos anos, uma contracorrente aos estádios restritivamente funcionalistas e arquitetonicamente resumidos a grandes anéis de concreto e despidos de elaboração formal suficientemente capaz de contribuir para a interação entre o edifício e a cidade na qual foi implantado. Esse novo conceito de estádio vai ao encontro da disputa estabelecida pelos grandes centros em um cenário de competição global entre cidades pelo prestígio e atenção dos veículos de informação, tornando-se, assim, sedes de grandes eventos internacionais e do interesse de grandes empreendimentos privados.

O estado de competição e disputa entre grandes centros urbanos pela atenção mundial transformou a arquitetura em uma alternativa para a obtenção de prestígio internacional por meio da construção de edifícios que possuam potencial para se tornarem marcos urbanos. Inúmeras publicações fizeram referência nos últimos anos a edifícios que se tornaram ícones da arquitetura contemporânea como a Ópera de Sidney, Centro Georges Pompidou em Paris e

o Museu Guggenheim em Bilbao. A análise do projeto de arquitetura de edifícios que têm como objetivos se tornarem ícones urbanos revelam algumas características em comum entre esses projetos, especialmente no que se refere a sua implantação. Normalmente, essas construções estão implantadas próximas a regiões centrais das cidades, apresentam uma linguagem arquitetônica inventiva e inovadora e, na maioria dos casos, são objeto de críticas quando propostas. Porém, gradualmente essa rejeição inicial é substituída por uma relação de identificação e representatividade de uma determinada cidade e sua comunidade local.

Sobre a implantação de grandes intervenções arquitetônicas, o plano de Londres, citado por Tavernor (2003, p. 42), afirma:

Um bom projeto arquitetônico deve ser o objetivo de todos aqueles que estão envolvidos no processo de criação e, portanto, deve-se encorajar o surgimento de boas obras em todos os locais. Um bom projeto arquitetônico pode ajudar na promoção um desenvolvimento sustentável; pode melhorar a qualidade do entorno existente; atrair negócios e investimentos; e reforçar o sentimento de orgulho cívico e a ligação com o lugar. (Parágrafo 15 do PPG Planning Policy Guidance).

Sklair (2005) afirma que desde 1950 o capital transnacional foi o responsável pela construção de grande parte dos edifícios considerados ícones arquitetônicos contemporâneos. Diferentemente de outras épocas, o setor privado substitui a Igreja ou o Estado como protagonista na construção de grandes marcos urbanos. A partir de então, observa-se que, em uma lista que reúne os 27 edifícios indicados para o recebimento do Prêmio Pritzker no período de 1979 a 2004, treze possuíam uso relacionado a artes ou a cultura, nove são edifício públicos ou instituições sem finalidade lucrativa, como igrejas e escolas, enquanto apenas cinco foram projetados para o uso comercial.

Apesar do uso cultural – a razão dominante para a construção dos principais ícones da contemporaneidade –, a grande ascensão do esporte nas últimas décadas tem transformado os edifícios esportivos em experiências arquitetônicas representativas. O Estádio Olímpico de Munique, construído para a Copa do Mundo de 1974 e projetado pelo arquiteto alemão Frei Otto, consolidou-se desde a sua construção como um dos principais símbolos da cidade. Tão logo foi iniciada a sua construção, o tecido urbano de seu entorno foi tomado por zonas residenciais e comerciais, ocupando um grande vazio urbano deixado por um aeroporto desativado. Recentemente, vários edifícios esportivos consolidaram-se como importantes marcos urbanos e símbolos que divulgam suas cidades por meio das infomias do mundo

contemporâneo. Dentre esses edifícios podem ser citados o caso do novo Estádio de Wembley, o Estádio King's Park em Durban, África do Sul, assim como o Estádio de Munique construído para Copa do Mundo de 2006 ou o Estádio Olímpico de Pequim construído para os Jogos de 2008.

Imagem 29: A esquerda o Estádio Olímpico de Berlin, projetado por Frei Otto (1972). A direita, de cima para baixo: a elevação do Wembley Stadium, Londres, (Foster and Partners, 2004); Allianz Arena em Munich (Hertzog and de Meuron, 2006); Olímpico de Pequim (Hertzog and de Meuron, 2008) e Moses Mahbida Durban (Gerkan, Marg und Partner Architekten, 2010).

Apesar das diferenças em relação ao seu contexto urbano, todos os edifícios citados anteriormente apropriam-se da forma arquitetônica como estratégia de sobrevivência a obsolescência de suas dependências. Para tanto, esses edifícios lançam mão de elaborados sistemas construtivos, capazes de permitir que esses edifícios apresentem-se a partir de uma linguagem surpreendente e inovadora. Pode-se assumir que a forma arquitetônica permite ao edifício esportivo consolidar-se como monumento e, assim, ampliar o seu espectro na condição de atração turística especialmente naqueles que foram sedes de grandes eventos.

Com isso, o estádio contemporâneo ganha sobrevida e assim sobrepõe-se ao seu envelhecimento, à medida que o esporte avança estabelecendo novas demandas espaciais. Alguns estádios transformaram-se em monumentos de reconhecimento global como sedes de eventos esportivos internacionais, como a Copa do Mundo ou Olimpíadas e ao mesmo tempo pela sua forma inovadora. O citado Estádio Olímpico de Munique reflete esse raciocínio, isso porque, mesmo após mais de trinta anos da sua construção, o edifício continua sendo um dos principais exemplares da arquitetura alemã e ponto central de uma região adensada, ocupada ao longo das últimas décadas.

A Copa do Mundo de 2006 utilizou-se de dez estádios que foram renovados ou construídos em território alemão. A maioria absoluta dos estádios utilizados nesse evento era de propriedade de clubes privados e, por isso, poderiam ser compreendidos como empreendimentos coerentes, uma vez que essa condição minimizou o investimento de recursos públicos na construção ou reforma desses edifícios. Entretanto, poucos desses estádios foram concebidos como marcos urbanos, apesar da grande eficiência funcional de suas soluções. Dentre os edifícios construídos para o evento, destaca-se o Estádio Allianz Arena, em Munique. O edifício apresenta uma reinterpretação espacial dessa tipologia arquitetônica, uma vez que está distribuído em quatro anéis de concreto armado, que se sobrepõem acomodando o público e os demais ambientes da edificação. O estádio possui um invólucro em material plástico, que permite ao edifício alterar a sua cor predominante. Em função dos clubes locais, que utilizaram o estádio desde o término do campeonato mundial, as suas cores utilizadas são o vermelho, o azul e o branco. Assim, o edifício torna-se um elemento de grande destaque na paisagem urbana de Munique, não apenas pela sua forma arquitetônica monolítica, definida pela membrana que o envolve, mas principalmente pela coloração que estabelece uma relação identitária com as instituições esportivas locais.

Apesar das soluções inovadoras propostas para o Allianz Arena, o edifício não foi concebido concomitantemente com qualquer estratégia de planejamento ou projetos urbanos que visassem à renovação do tecido onde este está implantado. Ao contrário, o estádio encontra-se em uma região afastada do centro de Munique e rodeado de vazios urbanos deixados por um grande aterro sanitário já desativado e por vias expressas. Portanto, apesar das soluções arquitetônicas que tornam o estádio funcional e ao mesmo tempo reconhecido mundialmente pela sua arquitetura inovadora, ele carece de soluções e propostas que visem ao desenvolvimento de seu entrono imediato, capazes de transformam o Allianz Arena em um polo atrativo da cidade.

Com a exceção do Allianz Arena em Munique, a Copa de 2006 não apresentou nenhuma edificação capaz de se afirmar como referência para a arquitetura contemporânea. Tampouco os estádios alemães foram designados para se transformarem em epicentros de grandes processos de requalificação urbana. Nesse sentido, o Mundial de 2006 se configura como uma contracorrente aos eventos realizados em Barcelona em 1992 ou na África do Sul em 2010.

A preparação para a copa da Alemanha em 2006 não contemplou qualquer estratégia de reabilitação urbana por meio da construção de um estádio ultramoderno. Em tempo, o país se esqueceu de que a arquitetura de qualidade permite atender às demandas do evento e ao mesmo tempo pode contribuir para os planos de desenvolvimento de regiões urbanas consolidadas. (AHFELDT; MAENNING, 2010, p.629 , tradução nossa).

Se, por um lado, a Copa de 2006 tornou-se referência para as edições seguintes, pela qualidade dos estádios e pela sua funcionalidade, por outro, os edifícios propostos para o evento não se apresentaram inseridos em nenhum plano de requalificação urbana. A maioria dos estádios utilizados no evento foi construída pelos clubes proprietários e, assim sendo, os investimentos priorizaram construções eficientes e enxutas, que visavam às relações financeiras estabelecidas pelos clubes. Com isso, apesar da funcionalidade dos estádios, estes deixavam claro que, com a ausência do poder público, os edifícios propostos não apresentaram planos de desenvolvimento de suas comunidades e nem mesmo ofereciam qualquer solução que considerasse o tecido urbano de seu entorno. Em suma, propor um monumento arquitetônico capaz de contribuir para processo de requalificação de uma determinada região da cidade não é uma aspiração de instituições privadas e, desse modo, a realização da Copa do Mundo em um país desenvolvido como a Alemanha, com a utilização de poucos recursos públicos, não resultou em iniciativas de desenvolvimento urbano das cidades-sedes.

A partir desse experiente abrem-se precedentes para questionamentos sobre a eficácia de grandes eventos esportivos e do legado deixado por tais competições. A razão disso está no fato de que em países desenvolvidos como os Estados Unidos em 1994, França em 1998, Alemanha em 2006, a grande maioria dos estádios construídos e as consequentes intervenções feitas em seu entorno não representaram grandes benefícios para o contexto urbano no qual foram implantados e não se tornaram reconhecidos pela sua qualidade arquitetônica. A prerrogativa defendida por países desenvolvidos no ato de sua candidatura a grandes eventos

esportivos, de que a sua condição lhes permite utilizar estádios privados, já edificadas e assim sendo isentar o poder público de gastos com estas competições, pode representar a perda de uma grande oportunidade de realização de intervenções urbanas pontuais, em áreas problemáticas da cidade ou até mesmo da ampliação da sua rede de transportes de massa.

Os Jogos Olímpicos de Barcelona, realizados em 1992, foram amplamente analisados durante as últimas décadas justamente pelas intervenções urbanas, realizadas para o evento, que redefiniram o uso e a vocação de tecidos degradados da cidade repletos de edifícios obsoletos. Mesmo assim, é de grande importância observar a estratégia de intervenções utilizada pelos organizadores do evento, uma vez que a cidade não optou por edificar um estádio moderno como principal intervenção para os jogos. Ao contrário, observa-se que os esforços e recursos que poderiam ter sido aplicados na construção de um estádio de última geração, que se consolidasse como ícone arquitetônico, foram diluídos em intervenções urbanas distribuídas pela cidade.. Apesar da ausência de um grande estádio que simbolize a realização dos Jogos Olímpicos de 1992, os projetos urbanos implementados pela cidade deram vida a um novo tecido urbano, anexo ao litoral e atrativo para grandes empreendimentos privados e edifícios construídos em função dos Jogos de 1992 assinados por importantes arquitetos contemporâneos. Barcelona é uma experiência importante que demonstra a maneira como grandes eventos esportivos podem redefinir uma cidade.

O estádio de Durban, construído para a Copa de 2010, representa a síntese da proposta desenvolvida por Munique com a construção de um ícone arquitetônico e a estratégia desenvolvida por Barcelona, com a realização de grandes projetos urbanos integrados por sistemas de mobilidade. O estádio foi concebido como elemento central de um projeto urbano que redesenhou todo o tecido urbano portuário de Durban. Com isso, a cidade se posiciona como o principal centro em infraestrutura esportiva no continente africano. A proposta é definida por uma série de projetos e intervenções que visam substituir o tecido urbano repleto de construções obsoletas e subutilizadas, edificadas em função das linhas de ferro que cortam a região litorânea da cidade. Dessa forma, a linha férrea será transformada em vetores de transporte público de massa que ligam o estádio e seu entorno às demais áreas da cidade. Ao mesmo tempo, uma série de áreas livres e públicas será proposta, evidenciando a monumentalidade do estádio construído para o mundial de 2010.

Nos últimos anos, pode-se observar uma estratégia alternativa relacionada à construção de estádios modernos. Esses edifícios, por mais avançados que sejam, não têm a intenção de dominar a paisagem urbana existente. Ao invés disso, objetivam não interferir no equilíbrio do tecido de seu entorno. Assim sendo, os estádios devem se adaptar às estruturas existentes da cidade, potencializando-as. (AHFELDT; MAENNING, 2010, p. 630, tradução nossa).

Por sua vez, a forma do estádio King's Park vai além do puro caráter monumental aferido pela implantação do estádio, elemento central de um grande vazio urbano, projetado para abrigar grandes aglomerações públicas. Indiscutivelmente, o arco proposto como elemento estrutural da cobertura têxtil da edificação que se expande por todo comprimento do estádio é o elemento de destaque no partido adotado pela edificação, assim como na paisagem urbana local. Além de sua função construtiva, ao se bifurcar em uma de suas metades, o arco faz referência ao desenho da bandeira sul-africana, estabelecendo-se como elemento representativo do caráter de identidade e unidade tão desejado pelo país. O arco funciona ainda como espaço contemplativo da cidade como um todo, uma vez que um elevador panorâmico se desloca ao longo do mesmo, contribuindo assim para que o estádio se consolide como atrativo turístico local.

Logo, é evidente que a tentativa de estabelecer uma relação de identidade com o local, estratégia largamente utilizada pelas grandes arenas esportivas contemporâneas, não é privilégio de construções esportivas. Essa estratégia há muito faz parte do repertório arquitetônico de grandes estruturas de abastecimento de abrangência global como *shopping center* e hipermercados. Da mesma maneira, os estádios contemporâneos possuem atributos que muito se assemelham à inserção de outras tipologias arquitetônicas voltadas para o lazer, para a atividade cultural e de uso público que também são utilizadas como estruturas centrais em processos de requalificação urbana. Entretanto, com a construção de um estádio, o uso esportivo permite que se estabeleça uma conexão imediata entre o edifício, sua função e representatividade em relação à comunidade local.

O significado popular que envolve a prática de esportes de massa como o futebol e a sua penetração em todas as camadas da sociedade permite que o estádio transforme-se em um equipamento capaz de atrair um grande público que não se limita aos seus arredores, diferentemente de um grande parque, que apesar de sua importância atrai usuários que na sua maioria reside em seus arredores. O estádio transforma-se em um equipamento pertencente ao imaginário de uma legião de torcedores que seguem os times locais e, dessa forma,

transformam o estádio em um local próprio onde se coloca em prática a sua relação com o esporte.

Uma vez que a construção inflacionada de edifícios icônicos, repletos de signos em referência ao local, pode se transformar em uma prática inconsequente e arbitrária utilizada pelos grandes programas arquitetônicos comuns a grandes estruturas financeiras, *skyscrapers*, museus, teatros e equipamentos culturais edificadas pelos centros urbanos em uma disputa pela atenção do mundo globalizado, conclui-se que uma linguagem arquitetônica elaborada e tecnológica, repleta de simbolismos e soluções surpreendentes, pode ser mais apropriada para as edificações esportivas que para essas tipologias comuns da prática arquitetônica contemporânea. Essa afirmação não se refere apenas a seu potencial como evento arquitetônico de impacto internacional, mas em referência à importância local que esses edifícios assumem, especialmente aqueles que estão ligados a uma tradicional equipe local. Nesse aspecto, o estádio Allianz Arena consolida-se como um importante exemplo da conjugação do edifício esportivo como importante obra de arquitetura, por meio de sua linguagem formal surpreendente e a referência ao lugar por meio da capacidade do edifício de assumir as cores dos principais times locais.

3.3 O Estádio Olímpico de Londres

Os megaeventos esportivos contemporâneos são reconhecidos pela sua capacidade de mobilizar as esferas políticas, financeiras e administrativas de uma nação que se candidate a sua realização. Essa grande mobilização se deve às grandes intervenções e investimentos feitos na preparação de uma cidade para receber competições como a Copa do Mundo de futebol ou os Jogos Olímpicos, uma vez que, a cada dia, esses eventos são entendidos como catalisadores de desenvolvimento urbano, assim como de alguma influência sobre atributos econômicos nacionais como a criação de empregos e a indústria do turismo e do entretenimento. Portanto, dada a grande importância que tais eventos têm assumido nas últimas décadas, perante países desenvolvidos e até mesmo em desenvolvimento, a construção de grandes estádios como ícones urbanos detentores de uma linguagem arquitetônica inovadora tornou-se uma tendência disseminada pelo globo. Como tais edifícios são concebidos como elementos centrais em amplos planos de desenvolvimento urbano, por essa razão, o local de implantação desses projetos assim como a sua utilização após o evento são

elementos-chaves para que o edifício potencialize o desenvolvimento de tecidos urbanos subexplorados.

Entretanto, a história recente de grandes eventos esportivos tem nos apresentado experiências arquitetônicas que subestimaram a utilização do estádio após o evento e, assim sendo, transformaram-no em grandes monumentos esvaziados ou, na melhor das hipóteses, em roteiros turísticos que são incapazes de justificar a sua construção. Tomemos como exemplo os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008, em que quarenta novas instalações esportivas foram edificadas, dentre elas o famoso Estádio Olímpico de Pequim que, sozinho, tem capacidade para 90 mil espectadores. Somados todos os lugares disponíveis nas demais instalações, totalizam-se 800 mil lugares disponíveis. Mesmo em uma nação com mais de um bilhão de habitantes, esses números demonstram que a utilização desses espaços após os jogos não figurou entre um dos principais critérios aplicados ao projeto das edificações.

Em casos de instalações esportivas ociosas, esses edifícios tornam-se grandes dívidas que perduram por anos, já que, juntamente com o estádio, muitas intervenções são realizadas em seu entorno e em alguns casos tornam-se impagáveis, uma vez que os altos custos de manutenção tendem a ser crescentes com o passar dos anos. Portanto é imperativo para que o edifício se consolide como qualificador do espaço público que o seu programa seja flexível e permita ao estádio se adequar às múltiplas demandas locais.

Imagem 30: Rio Lea, que dá nome a região de implantação do parque olímpico de Londres. As imagens são do final da década de 1990. Fonte: Before the Olympics. Disponível em <http://www.eastofthecity.co.uk>. (Acesso: 09/02/2013)

Nesse sentido, a construção do Parque Olímpico de Londres representa uma importante experiência no que se refere à construção de modernos estádios e equipamentos esportivos em busca da requalificação de áreas urbanas. Não apenas pelo Estádio Olímpico, que foi concebido a partir de processos construtivos que permitam a sua desmontagem, mas em função de todo o planejamento e intervenções urbanas realizadas na região em torno da implantação do edifício.

Não obstante na memória de muitos, há menos de cinco anos o Parque Olímpico de Londres não fazia jus ao termo "parque". De fato, a região dividia-se em terrenos abandonados e áreas industriais obsoletas, cortadas por estradas, linhas férreas e cursos d'água poluídos (HANSFORD, 2012, p. 31). A regeneração urbana da região conhecida como Lea Valley, foi um dos principais objetivos traçados por Londres para fundamentar a realização dos Jogos Olímpicos em 2012. Mesmo antes da organização do evento a recuperação dessa região da cidade, ocupada por edifícios vazios e subutilizados em uma região com altos índices de poluição, já era uma das metas de desenvolvimento urbano local e assim sendo passaria por grandes intervenções mesmo sem a realização dos Jogos Olímpicos, entretanto o processo de transformação seria mais lento (KASSENS, 2012, p. 87).

Mais de 200 edifícios foram demolidos, incluindo escritórios, galpões, depósitos, estruturas químicas, equipamentos para o processamento de alimentos, fábricas de concreto, garagens de ônibus, pátios de ferrovias e áreas residenciais. Oito edifícios foram demolidos a partir de procedimentos cuidadosos para que seus materiais e resíduos fossem reutilizados. Mais de dois milhões de metros cúbicos de solo foram escavados e, destes, 80% foram reutilizados; o solo contaminado foi tratado utilizando-se uma série de técnicas que incluíram a lavagem e estabilização dos altos níveis de resíduos tóxicos. Ao total, 98%, ou 445 mil toneladas de resíduos de demolição, foram reutilizados ou reciclados excedendo as expectativas dos organizadores de 90% e os números da própria indústria da construção civil inglesa, que atingem apenas 50%. (HANSFORD, 2012, p. 31).

A escolha do Lea Valley como local de implantação dos principais equipamentos olímpicos, dentre eles o Estádio Olímpico, garantiu um grande fluxo de investimentos para uma região conhecida pela sua infraestrutura degradada, pelos problemas sociais e pelos altos índices de criminalidade, resultantes de um tecido urbano carente em zonas comerciais e residenciais e equipamentos públicos e conexão com os sistemas de mobilidade urbana. Segundo Hansford (2012), as intervenções realizadas na região correspondem a dez anos de trabalho que foram comprimidos em quatro.

O projeto de regeneração do Lower Lea Valley foi concebido a partir da criação de seis comunidades espalhadas pela área. Cada uma das comunidades será composta de zonas comerciais, zonas residenciais e edifícios educacionais que serão distribuídos entre os equipamentos esportivos. Nesse sentido, o modelo de intervenção aplicado ao parque olímpico londrino se assemelha às ZACs (*zone d'arrangement concerté*) francesas, pois também se estabeleceu a definição de um programa específico que determina usos, tipologias e equipamentos a serem distribuídos pelo tecido urbano projetado juntamente com o estádio e as demais infraestruturas necessárias aos Jogos.

O parque olímpico Queen Elizabeth irá prover 6.800 residências, distribuídas por cinco novos bairros. Sendo assim, a maneira como este plano é executado representará o ato final do legado esperado após os Jogos Olímpicos de Londres. (DUFFY, 2012, p. 75, tradução nossa).

Segundo Abrahams (2012), um dos aspectos a serem interpretados para o entendimento das intervenções olímpicas em Londres foi a preocupação com a oferta de habitação após o evento. Para tanto, cinco áreas foram designadas para serem ocupadas com projetos habitacionais que serão construídos após os Jogos Olímpicos durante um período de vinte anos. Esse aspecto torna-se fundamental para a sustentação das intervenções feitas em prol dos Jogos Olímpicos, uma vez que, para Abrahams (2012, p.24), “existe uma necessidade desesperada de habitações no leste de Londres”. Portanto, o plano propôs a criação de edificações baixas, que remetem a zonas residenciais comuns à cidade, implantadas em meio a espaços públicos que possibilitem o convívio da população e atividades sociais, além de “29 espaços de lazer, praças, parques lineares ao longo dos canais que cortam o local e uma rede de ciclovias” (p.25). Os edifícios e complexos habitacionais serão propostos com unidades habitacionais de até três dormitórios, sendo que 40% destas serão direcionados a famílias. Esses edifícios serão construídos ao longo dos eixos de fluxo executados para os Jogos Olímpicos e desse modo será possível que esses novos complexos utilizem-se de toda infraestrutura como fibras óticas, redes de instalações, aquecimento e dados utilizados durante o evento.

Ao final dos Jogos Olímpicos e dos subsequentes Jogos Paraolímpicos, o legado construído do evento deverão ser o maior parque público construído desde os tempos Victorianos, o estado da arte em instalações esportivas, a reabilitação do segundo maior rio da cidade, novas quadras habitacionais, escritórios e o maior centro de compras da cidade. (BLUEPRINT, 2010, p. 49, tradução nossa).

Juntamente aos complexos habitacionais, a intervenção olímpica para os Jogos de 2012 propõe a criação de dois parques públicos para a região do Lea Valley. Esses parques, além de se consolidarem como espaços públicos destinados ao lazer da população, estabelece uma conexão entre o estádio olímpico e demais instalações esportivas e as áreas residenciais espalhadas pela região. Esses parques serão consolidados nos meses após os Jogos Paraolímpicos, de modo que essas intervenções, juntamente com a gradativa ocupação dos complexos habitacionais, incrementem a ocupação da região do Parque Olímpico durante os próximos anos.

Em meio ao enorme público que tomou conta do parque olímpico durante os jogos, as intervenções paisagísticas, ao mesmo tempo em que se mostravam atrativas, possuíam um ar de exposição de museu, mais que simples jardins. Um parque linear foi projetado ao longo do antes poluído rio Lea, repleto de referências e simbolismos. (ABRAHAMS, 2012, p. 75, tradução nossa).

Imagem 31: O esquema acima apresenta o plano de intervenções realizadas em nome dos Jogos Olímpicos de 2012 em Londres. 1. Estádio Olímpico de Londres; 2. Parque aquático; 3. Centro de imprensa; 4. Velódromo; 5. Elton Manor (centro de treinamento); 6. Arena de Handball; 7. Vila Olímpica; 8. Arena de Basquete. Fonte: The Architects Journal, p. 08, ago. 2009

De certa forma, o projeto olímpico londrino, ao escolher uma região degradada em sua malha urbana consolidada e, a partir de uma série de intervenções, concentrar todos os equipamentos e infraestruturas neste local, se aproxima da proposta desenvolvida por Sydney para os Jogos Olímpicos de 2000. Entretanto, é fácil observar que as propostas idealizadas para a região do Lea Valey não têm como objetivo único a realização de um grande evento esportivo, mas sim dar início a um amplo processo de regeneração e requalificação urbana, que possibilite à região se integrar ao tecido urbano londrino. Dessa maneira, todas as intervenções tiveram como uma de suas principais preocupações a utilização do parque olímpico após o evento.

A dimensão fundamental do espetáculo olímpico, que eventualmente será compreendida como tão importante quanto o evento em si: um conto épico sobre uma área industrial exausta, envenenada e abandonada que foi trazida novamente a um uso benéfico por meio de uma série de investimentos em infraestrutura, muitos destes que já haviam sido iniciados mais de uma década antes do planejamento daquilo que agora é o Parque Olímpico de Londres. O projeto olímpico é apenas uma parte de um fenômeno em longo prazo: a liberação do potencial urbanístico de uma região em grande escala por meio da criação de um novo tecido urbano. (DUFFY, 2012, p. 75, tradução nossa).

Entretanto, a candidatura de Londres aos Jogos de 2012 sofreu muitos questionamentos, especialmente no que se referiu à construção de um novo estádio. Dada a presença de grandes times de futebol, assim como a realização de duas Olimpíadas (1934, 2012) e de uma Copa do Mundo (1966), a cidade já contava com importantes estádios que ilustravam as principais tendências contemporâneas sobre o projeto e a construção dessa tipologia arquitetônica. Mesmo assim, em função dos jogos olímpicos de 2012, construiu-se um novo estádio com capacidade para 80 mil pessoas em um centro urbano que já contava com estádios como Wembley (2012), com capacidade para 82 mil espectadores, o estádio Emirates (2006), com capacidade para 60.355 espectadores, além de mais seis estádios com capacidade superior a 25 mil espectadores.

Dentre todos os edifícios construídos para os jogos olímpicos de Londres, pode-se afirmar que o estádio olímpico é o principal equipamento implantado na região. Entretanto, diferentemente de outros eventos, o partido adotado pelo estádio olímpico explora aquilo que o edifício não é. Em outras palavras, o estádio em nenhum momento foi apresentado como um ícone grandioso da arquitetura contemporânea e, nesse sentido, por exemplo, posiciona-se

distante do estádio olímpico edificado em Pequim em 2008 ou Atenas, quatro anos antes. É notório que o estádio olímpico de Londres não foi reconhecido como novo marco urbano no tecido londrino e em alguns momentos até mesmo questionado tendo em vista o número de estádios que a cidade possui.

Imagem 32: Imagem externa do estádio Olímpico e dos cursos d'água que o circundam. Fonte: www.panoramio.com. Acesso feito em 09/02/2013.

A cada edição dos Jogos Olímpicos, o estádio representa o símbolo maior do evento e, assim sendo, consolida-se como principal imagem da cidade-sede. Por essa razão, o estádio proposto para os Jogos Olímpicos de Londres tornou-se o alvo de críticas acerca da linguagem arquitetônica apresentada pelo projeto. Para alguns autores, o edifício não apresenta soluções que o consolidem como um novo ícone da arquitetura contemporânea, como o ocorrido em outras edições dos Jogos Olímpicos. Entretanto, aparentemente esse viés não observa certos aspectos que transformam o projeto do principal edifício construído para os Jogos Olímpicos em um novo paradigma para a concepção de edifícios esportivos. Em outras palavras, o Estádio Olímpico londrino estabelece uma reflexão acerca do conceito de *bigness*, definido por Koolhaas (2001), a partir do momento em que ele é proposto como estrutura mutável, capaz de diminuir suas dimensões a fim de estabelecer o equilíbrio necessário, não apenas com o tecido urbano que o circunda mas com a cidade como um todo.

Tornou-se perceptível a qualidade arquitetônica do interior do Estádio Olímpico. Internamente, o estádio possui uma grandiosidade romana, porém, ao mesmo tempo o anel de arquibancadas é surpreendentemente intimista. O segredo para esse arranjo espacial está na separação de bares, quiosques e espaços privados do corpo principal do edifício, estando estes alocados em áreas anexas ao estádio. (DUFFY, 2009, p. 16, tradução nossa).

Ao contrário das sedes anteriores, a execução do Estádio Olímpico de Londres não ultrapassou o cronograma e orçamento estabelecidos pela organização do evento. De fato, o projeto primou-se pelo oposto. Com a proposta de reduzir os impactos gerados pela construção, o edifício é reconhecido como o estádio olímpico mais leve construído até o momento, utilizando 10 mil toneladas de aço.

Poucos espaços internos foram acomodados no interior do estádio. Com isso, a demanda por energia durante seu funcionamento foi reduzida e os espaços de apoio ao público foram locados em áreas anexas ao edifício. Essa solução vai ao encontro da proposta de construir um parque olímpico em uma área de tecido consolidado. Com a distribuição de bares, restaurantes e atividades comerciais, que comumente estão posicionadas em espaços internos, no entorno do estádio o projeto possibilitou maior interação do público presente com o Parque Olímpico, suas ruas e toda a atividade comercial proposta para as áreas anexas. Esse aspecto, de certa maneira, corrobora para a consolidação de um novo tecido urbano na região do Lower Lea Valley. Durante o evento, mesmo em um espaço controlado, o parque olímpico londrino funcionou como um dos inúmeros *clusters* urbanos, com vários modelos de atividades comerciais e ofertas de serviços, comuns em cidades contemporâneas como Londres, evidenciando a consonância entre o estádio e um plano amplo de regeneração do tecido do seu entorno.

Talvez o principal condicionante considerado durante o processo de projeto tenha sido a escala do edifício, tema de grande discussão quando se propõe um estádio em meio ao tecido urbano consolidado. Entretanto, no caso de Londres a discussão não se resume ao impacto de um grande estádio em meio a uma região que, em vinte anos, deveria ser ocupada com usos residenciais, comércio, serviços em geral e áreas públicas que promovessem o desenvolvimento econômico e social da região. O estádio olímpico, apesar de sua importância global durante o evento, não poderia desencadear uma concorrência com os outros citados estádios londrinos, reconhecidos internacionalmente pela sua qualidade. Essa situação acarretaria uma escassez de eventos e público, levando o estádio olímpico à ociosidade e aos

altos custos de manutenção, situações recorrentes logo após o término das últimas edições dos Jogos Olímpicos de Atenas, de 2000, Sidney, de 2004, e Pequim, de 2008.

Para tanto, o estádio olímpico foi idealizado a partir de uma agenda de redução de custos, de energia e de baixo impacto ambiental, atendendo a uma das demandas contemporâneas do Comitê Olímpico Internacional. Essa política defendida pelo comitê e adotada pela organização do evento em momento algum representou uma alteração no objetivo principal do evento, que é a regeneração urbana do Lea Valley.

Imagem 33: A direita, uma imagem aérea do parque olímpico em 2013, a esquerda a região do Lower Lea Valley em 1999. Fonte: Google Earth.

Assim, o projeto do estádio olímpico propôs a sua implantação no extremo sul do parque, em uma região circundada por cursos d'água, onde a topografia permitiu que as áreas fixas do edifício, como vestiários e espaços destinados aos atletas, fossem construídas em concreto armado abaixo do nível do campo, sem que representassem qualquer interferência à ideia de flexibilidade adotada pelo partido arquitetônico. O terreno definiu-se como um limitador territorial para o edifício, que não poderia transpor as barreiras naturais formadas pelos cursos d'água. Desse modo, a proposta idealizou um edifício compacto, muito menor que os estádios construídos para os Jogos de Sydney e Pequim. Para tanto, como fora citado anteriormente, o projeto eliminou os espaços destinados à alimentação e conveniências, tão desejáveis para grandes eventos e tão comuns aos estádios atuais. Com isso, o estádio teve sua dimensão reduzida, aproximando o público do campo e permitindo que o edifício fosse

implantado em meio às barreiras naturais presentes no terreno. Sendo assim, essas estruturas foram implantadas nos arredores do edifício, em uma grande plataforma que se expande para além dos cursos d'água e conecta o estádio a uma grande área de acesso.

Portanto, os condicionantes naturais do terreno, assim como os demais estádios construídos na cidade e a consequente preocupação com o uso pós-evento, contribuíram para que o partido arquitetônico adotado na concepção do Estádio Olímpico de Londres optasse pela redução da capacidade de público do estádio após a realização dos Jogos. Nesse aspecto, a proposta londrina se assemelhou ao caso de Atlanta 1996, onde o estádio olímpico foi parcialmente demolido e posteriormente reconstruído, tornando-se um edifício dedicado ao beisebol. Entretanto, o Estádio Olímpico de Londres não propôs a demolição do edifício, mas a sua reconversão em uma arena de menores proporções, por meio de soluções construtivas flexíveis. O projeto do estádio propõe que após os Jogos Olímpicos a cobertura do edifício e os 55 mil lugares acomodados em seu anel superior sejam desmontados, possibilitando, assim, que o edifício acomode-se às necessidades locais. Com isso, o edifício terá a sua capacidade reduzida para 25 mil lugares e, para tanto, todas as peças construtivas que compõem o anel superior e a sua cobertura foram concebidas de modo a permitirem a sua desmontagem após o evento e a remontagem da cobertura sobre o anel inferior.

Entretanto, é impossível não observar que as intervenções olímpicas realizadas em Londres para os jogos de 2012 têm como foco principal não apenas a construção de um edifício capaz de monopolizar a atenção global durante o evento e muito menos de se justificar a sua realização em torno de possíveis benefícios econômicos. Ao contrário, as intervenções tiveram como foco principal a criação de um novo tecido urbano em uma área abandonada pela cidade ao longo das últimas décadas. De fato, a recuperação do Lea Valley esteve entre os objetivos de desenvolvimento urbano da cidade durante as últimas décadas e, assim, a concentração de esforços e investimentos canalizados pela realização de uma competição do porte dos Jogos Olímpicos foram utilizados como estratégia que veio ao encontro desse fim.

Nesse contexto, o estádio olímpico foi concebido como elemento central de uma série de intervenções urbanas que tinham como objetivo fomentar a vida urbana do "*east end*" durante as próximas duas décadas. Para tanto, foram projetados complexos habitacionais, estruturas comerciais, sistemas de mobilidade urbana e uma gama de espaços públicos que

diluem a escala do estádio olímpico e permitem que ele se torne um monumento esportivo para a cidade.

Apesar de apresentar soluções que visam ao uso das instalações olímpicas após os Jogos de 2012 e de um partido arquitetônico inovador para o estádio olímpico, que permite a ele se adaptar a usos e públicos mais modestos, questiona-se a importância do estádio e assim os reais benefícios advindos da alteração de sua linguagem arquitetônica original. Não apenas pelo seu simbolismo, mas por esse edifício ser o ponto alto de toda a intervenção feita na região do parque olímpico.

O estádio olímpico de Londres e as demais intervenções feitas em função dos Jogos Olímpicos são investimentos feitos no longo prazo, de sorte que o retorno esperado será consolidado no decorrer das próximas décadas com o desenvolvimento do Lea Valley como uma região residencial, com variada oferta de comércio e serviços, conectada aos sistemas de transporte de massa e organizada ao redor do estádio olímpico, um importante monumento da história contemporânea da cidade.

CAPÍTULO 4

Estádios de futebol: edifícios qualificadores do espaço público

4.1 Stade de France – Saint Denis, Paris, 1998

O Stade de France foi o principal estádio construído para a Copa do Mundo de 1998, realizada na França. O edifício foi o símbolo principal de competição, abrigando os jogos de abertura e de encerramento do evento. Nessa ocasião, o sucesso da seleção francesa juntamente com os investimentos substanciais feitos em infraestrutura na região do estádio transformaram a imagem da Plaine Saint-Denis, um antigo subúrbio industrial, adjacente ao centro de Paris. Entretanto, segundo Newman e Tual (2002), mesmo com o evidente processo de regeneração urbana observado após a construção do estádio e das demais intervenções realizadas no seu entorno, esse desenvolvimento encontra-se centralizado em torno do estádio. Por essa razão, estratégias de planejamento devem ser idealizadas delimitando eixos de desenvolvimentos a serem explorados, a partir de novas intervenções urbanas, capazes de corroborar com a nova imagem da Plaine Saint-Denis após a realização da Copa do Mundo de 1998.

O Stade de France está implantado em uma área antes ocupada por uma usina de gás, em uma região industrial situada nos arredores de Paris. A área encontrava-se abandonada desde a década de 1980 e já havia sido objeto de vários estudos e propostas de intervenções que visavam explorar o potencial da região, tendo em vista sua proximidade com a cidade de Paris. Em 1993, a área antes ocupada para a produção de gás foi selecionada como o local destinado à implantação de um edifício esportivo a ser utilizado para o Mundial de 1998.

A proposta de um novo estádio para a região de Saint-Denis alavancou uma série de questionamentos acerca dos benefícios trazidos pelo edifício, baseados nas supracitadas publicações feitas por Baade e Dye (1990), Baade (2000) Rosentraub (1999). Dentre esses questionamentos, os principais argumentavam sobre a eficiência da construção de um estádio como investimento financeiro para a cidade e sobre o uso do estádio após a Copa do Mundo. Inicialmente, a proposta para a construção do Stade de France contava com a utilização do estádio pelo Paris Saint-Germain, principal time local, que atrairia, para o edifício, negócios televisivos e de imagem, garantindo, assim, a viabilidade financeira do empreendimento. Apesar de o Estádio não ter sido locado a nenhum time local, a flexibilidade espacial do

edifício permitiu que fosse utilizado para grandes eventos de várias modalidades esportivas, *shows* teatrais e musicais. De sorte que a realização da Copa do Mundo transformou-o em um ponto turístico reconhecido internacionalmente, à altura de outras atrações históricas da região, atraindo um grande número de turistas por dia. Após a construção do estádio e a realização da Copa do Mundo, a cidade de Saint-Denis adicionou um novo templo a sua basílica (*La Gazette des Communes*, 1999, apud NEWMAN; TUAL, 2002).

Imagem 34: Mapa esquemático da localização do Stade de France e suas dinâmicas de regeneração. Fonte: NEWMAN; TUAL, p. 832, 2002.

O estádio foi construído para a prática do futebol, em função da Copa do Mundo de 1998. No entanto, ele pode abrigar competições de atletismo e outros eventos musicais e culturais, por conta de sistemas tecnológicos que lhe permitem movimentar o anel inferior de arquibancadas, alterando sua configuração espacial interna. Juntamente ao estádio, foram edificadas espaços para convenções, assim como estruturas comerciais esportivas. Concomitantemente à construção do estádio, houve incrementos à mobilidade urbana da região, com construção de uma via expressa integrando Saint-Denis ao sistema viário de Paris, assim como novas estruturas que conectaram o estádio à rede de transporte público da cidade.

Imagem 35: Stade de France a partir do acesso norte. Fonte: Panoramio. Acesso em: 23/01/2013.

Para Newman e Tual (2002), a construção do Stade de France representou um marco cívico importante para os residentes de Saint-Denis. A imagem do estádio e seu forte simbolismo, tendo em vista a sua ligação com a seleção nacional, transformaram a imagem da região. Por conseguinte, em pesquisa feita após a Copa do Mundo, 925 dos entrevistados declararam estar satisfeitos com a presença do estádio. Destes, 78% afirmaram que o edifício e os eventos esportivos transformariam a imagem do local definitivamente.

Algumas evidências demonstram que a Copa do Mundo pode ter gerado um interesse renovado na realização de eventos sociais na região do Stade de France. Mais de vinte comunidades no Seine-Saint-Denis organizaram a La Carnavalcade, uma grande festa pública realizada após a Copa do Mundo que, segundo estimativas, atraiu de 50 mil a 100 mil participantes. Se antes da Copa do Mundo a região era reconhecida pela violência entre jovens, de acordo com um organizador evento, "a Copa do Mundo fez com que as rivalidades entre grupos de jovens na região do estádio desaparecessem". (Fouchard, *La Gazette des Communes*, 1999, apud NEWMAN; TUAL, 2002, p. 836, tradução nossa).

Além de aspectos sociais citados, a construção do Stade de France trouxe benefícios econômicos para a região em decorrência das competições realizadas no edifício. Após a Copa do Mundo de 1998, as cidades-sedes foram beneficiadas com subsídios financeiros pela Federação Francesa de Futebol. Além disso, segundo Newman e Tual (2002), estima-se que quatro mil empregos foram criados nos anos de 1998 e 1999 na construção dos estádios e na organização e administração de competições e eventos. Afora isso, como citado anteriormente, após o campeonato mundial, houve um incremento no interesse turístico da região da Plaine Saint-Denis em decorrência do evento. Isso gerou um impacto positivo na atividade econômica da região, verificado especialmente na atividade comercial, em redes de hotéis e em estabelecimentos ligados à alimentação.

Com a implantação do Stade de France em Plaine Saint-Denis, este subúrbio parisiense se tornou uma nova atração turística da cidade. Assim, com mais de mil visitantes diários, o estádio tornou-se um concorrente direto das tradicionais atrações turísticas locais. Mas não são apenas turistas que são atraídos pelo estádio; empresas e instituições privadas utilizam o estádio para a realização de eventos corporativos, buscando beneficiarem-se da imagem positiva do edifício. (NEWMAN; TUAL, 2002, p. 833, tradução nossa).

Portanto, o Stade de France contribui para a compreensão do potencial inerente à construção de estádios de última geração como regeneradores urbanos. Claramente, os benefícios trazidos para a região onde ele foi implantado não se resumem aos empregos gerados pela sua construção, ou na sua manutenção. O potencial de transformação urbana de um grande edifício esportivo está ligado à imagem positiva do estádio como monumento contemporâneo e a toda infraestrutura, especialmente de mobilidade urbana, que deve ser proposta e executada conjuntamente com essa tipologia arquitetônica. No caso do Stade de France, além do edifício, construíram-se uma via expressa adjacente ao local de implantação do estádio e uma série de parques públicos nos arredores do edifício e que intermediam a sua

relação com o tecido urbano adensado do seu entorno. Também foi construída uma nova estação do sistema de trens urbanos que serve Paris e se realizaram outras melhorias em estações próximas do sistema de trens e de metrô. Duas pontes foram construídas sobre o canal que circunda o estádio a nordeste. E as margens deste foram recuperadas pela construção de um parque linear. As quadras situadas entre o estádio e o canal foram destinadas a uma série de edifícios habitacionais de uso misto que foram desenvolvidos após a Copa do Mundo de 1998.

Desde a final da Copa do Mundo de 1998, o consórcio responsável pelo desenvolvimento da região do Stade de France empreendeu uma série de desenvolvimentos adjacentes ao estádio. Dentre estes, destacam-se edifícios habitacionais ao longo de canal e do perímetro da antiga usina de gás, estruturas comerciais e de consumo, cinemas e áreas destinadas a usos corporativos, incluindo novas instalações para empresas de telecomunicações. (NEWMAN; TUAL, 2002, p. 834, tradução nossa).

Considere-se, entretanto, que dez anos antes da construção do Stade de France a recuperação da região da Plaine Saint-Denis já era um objetivo das autoridades locais, de modo que por isso muitos estudos foram desenvolvidos para a região. Com a decisão de se construir o estádio na região, a primeira intervenção foi a construção de uma via expressa que corta todo o bairro de Saint-Denis. Essa intervenção possibilitou a acessibilidade desejada por empreendedores privados às ruas que formam a malha urbana adensada da região. Além disso, perto de vinte hectares de áreas verdes e parques urbanos foram criados, incrementando a qualidade do espaço público local. Para tanto, em 1996 foi criada uma comissão responsável pela gestão das intervenções a serem realizadas na região, observando os benefícios reais gerados por ela para a comunidade local. Houve a determinação de que as intervenções do entorno, assim como luminárias e demais mobiliários urbanos presentes nas principais vias de acesso ao edifício, deveriam estabelecer uma coerência projetual com a linguagem arquitetônica adotada pelo empreendimento. Essa e outras iniciativas estabelecidas pela comunidade, em conjunto com os arquitetos responsáveis pelo projeto, justificaram-se na tentativa de integrar o estádio à malha urbana existente em Saint-Denis, de modo que o edifício não se isolasse de seu contexto. Ao contrário, deveria consolidar-se como principal elemento compositivo do espaço urbano onde estava implantado.

Imagem 36: Imagem aérea do local da implantação do Stade de France e sua relação com o entorno imediato. Fonte: www.panoramio.com. Acesso em: 23/01/2013.

Todas as intervenções realizadas no entorno do estádio e na sua malha urbana adjacente deram início a um processo de reconversão da malha urbana de Saint-Denis, especialmente a norte do Stade de France. Dessa forma as quadras compreendidas entre o estádio e seus arredores e o canal que separa Saint-Denis da cidade de Paris foram alvo de um grande interesse do capital privado, de estruturas financeiras e corporativas, assim como grandes e pequenas empresas foram atraídas para a região, em virtude do tecido urbano renovado e da imagem positiva deixada pelo estádio. Para Newman e Tual (2002, p. 838), “Denis tornou-se uma forte zona de desenvolvimento comercial ligada à moda, agências de comunicação, negócios eletrônicos e estúdios de televisão e cinema” (tradução nossa). O autor ainda afirma que esse processo de regeneração da Plaine Saint-Denis trouxe à tona o passado da região como centro de produção cinematográfica, atraindo empresas desse segmento.

A transformação da matriz econômica em Plaine Saint-Denis, de industrial para pós-industrial, assim como a presença de grandes empresas em novos empreendimentos ligados a essa nova matriz econômica é um resultado direto da imagem positiva trazida para a região pelo Stade de France. Contudo, quatro anos depois da Copa do Mundo, a maioria dos habitantes da região continua sem a qualificação necessária

para esses novos postos de trabalho. (NEWMAN; TUAL, 2002, p. 838, tradução nossa).

A imagem do Stade de France trouxe notáveis desenvolvimentos econômicos para a região. Apesar disso, a construção do estádio e de suas intervenções, assim como o novo tecido urbano que surgiu nos anos seguintes à Copa do Mundo ao sul da Plaine Saint-Denis não são capazes de equacionar os problemas da região. Ao contrário, esses polos de transformações denunciam grandes desigualdades em termos de desenvolvimento urbano, econômico e social, sobretudo em área ao norte de Saint-Denis. Obviamente, como fora citado anteriormente, a construção de um grande estádio isoladamente não é suficiente para resolver integralmente os problemas de uma extensa área urbana, conhecida ao longo de décadas como uma região repleta de velhos edifícios industriais desativados, áreas abandonadas e degradadas, solo e cursos d'água contaminados. Para tanto, a construção do Stade de France consolidou uma iniciativa de transferência de responsabilidades no que se refere ao planejamento urbano, iniciado pelo governo francês na década de 1980. Isso tornou necessária a articulação de um sistema composto por várias camadas governamentais, locais, regionais e nacionais, onde as tomadas de decisões e as intervenções são definidas pelos governos locais, uma vez que estes estão em contato direto com as carências de sua comunidade. Entretanto, os prefeitos não atuam sozinhos e estão sob a orientação permanente de agências ligadas ao governo nacional.

Durante a década de 1990, a participação do governo central na responsabilidade sob os investimentos públicos caiu de 80% para 30%. Com isso, é notória a iniciativa do governo central em ampliar a autonomia dos governos locais e ao mesmo tempo prover todo o suporte necessário às decisões tomadas. (NEWMAN; TUAL, 2002, p. 838, tradução nossa).

No caso da construção do Stade de France, a escolha do seu local de implantação e as decisões sobre o projeto e administração do estádio após o evento foram tomadas diretamente pelo presidente e pelo primeiro-ministro francês. No entanto, as demais decisões tomadas sobre as estratégias a serem adotadas após a sua construção, responsáveis pela sua integração com o tecido urbano existente e os demais desenvolvimentos futuros – que explorariam o potencial do estádio como ferramenta de regeneração urbana –, foram definidas com base em arranjos complexos estabelecidos entre as esferas nacionais, regionais e locais.

Com isso, uma série de dispositivos foi planejada de maneira a consolidar os arranjos firmados entre as diversas escalas governamentais. O Contrat de Plan Etat-Région 2000-2006

foi um instrumento criado para programar os investimentos públicos a serem destinados para intervenções que atendam às prioridades regionais. Por conseguinte, se nos anos seguintes à Copa do Mundo de 1998 o planejamento regional apontava a necessidade de investimentos em intervenções urbanas em áreas a norte de Saint-Denis, na tentativa de balancear o desenvolvimento ocorrido a sul, nos arredores do estádio, agências de planejamento locais se posicionaram contra essa estratégia. O propósito era evitar que houvesse o desenvolvimento potencial de zonas segregadas, com usos corporativos nos arredores do aeroporto Roissy ao norte, com uma zona de habitação social entre o aeroporto e as novas intervenções realizadas ao sul no entorno do Stade de France.

Portanto, o papel do governo federal francês em tais processos de desenvolvimento urbano concentrou-se na disponibilização de informações que pudessem paramentar as decisões tomadas pelos governantes locais. Nessa tendência de descentralização, o prefeito de Saint-Denis foi a principal autoridade responsável pelas decisões tomadas acerca das demandas de investimentos e desenvolvimentos a serem implementados após a Copa de 1998. Nesse sentido, as agências federais atuaram como consultores, disponibilizando dados para os agentes locais por meio do Centre de Documentation de l'Urbanisme.

Ao mesmo tempo em que intervenções urbanas são idealizadas pelas autoridades locais, visando explorar a imagem positiva do Stade de France, em âmbito regional o edifício também faz parte de uma série de intervenções, em uma área ampla que contempla toda a cidade de Paris, denominada Grande Operation d'Urbanisme de la Plaine de France. Essa estratégia visa delinear áreas de renovação urbana distribuídas pela cidade e coordenar a atuação do governo federal em tais intervenções. Para tanto, uma agência pública de planejamento foi criada, a Etablissement Public d'Aménagement, com o propósito de identificar e planejar áreas subutilizadas, onde existam possibilidades de implementar processos de renovação urbana e desenvolvimento econômico, por meio de projetos arquitetônicos específicos e do desenho urbano. Agências como esta são práticas recorrentes no histórico recente do planejamento urbano francês, sendo responsáveis pela determinação de programas de necessidade e tipologias projetuais a serem empreendidas em áreas subutilizadas. Não obstante, após a Copa do Mundo em 1998, as estruturas governamentais locais, como prefeituras e subprefeituras, passaram a atuar como parceiros dessas agências públicas de planejamento, participando diretamente das decisões tomadas sobre as tipologias de projeto adotadas e das regiões urbanas a passarem por intervenção.

O estado está interessado em assumir um novo papel no tocante a reformas urbanas, onde este coloca os agentes locais como parte integrante do processo de tomada de decisões. Assim, uma sequência de mudanças está definindo novos desafios para as autoridades locais. (NEWMAN; TUA, 2002, p. 839, tradução nossa).

As reformas propostas pelo governo francês durante as intervenções para a Copa de 1998 enfatizam a participação dos governos locais, assim como o incremento da sua responsabilidade sobre os processos de requalificação de áreas degradadas. Entretanto, mesmo antes do anúncio da escolha da França como país-sede do campeonato mundial de 1998, Saint-Denis já compartilhava um histórico de cooperação entre esferas governamentais que visavam extrair o máximo de benefícios para suas regiões mediante intervenções urbanas bem-sucedidas. De sorte que a Plaine Renaissance surgiu a partir de uma ação conjunta entre os prefeitos de Saint-Denis e Saint-Ouen no início da década de 1990. Essa agência, criada antes da candidatura francesa ao Mundial de 1998, tinha como objetivo principal produzir planos estratégicos de desenvolvimento urbano da região noroeste de Paris. Nesse mesmo sentido, após a realização da Copa de 1998, os prefeitos de Saint-Denis e Aubervilliers criaram outra agência pública dedicada à formulação de estratégias que estendessem o impacto do Stade de France e suas intervenções às demais áreas ao norte de Saint-Denis.

No início da década de 1990 as comunidades ao norte de Paris criaram outra agência de desenvolvimento urbano em conjunto com instituições financeiras, com o objetivo de implementar projetos urbanos ao longo da Plaine Saint-Denis. Contudo, divergências políticas entre governos regionais e nacionais não deram sustentação aos projetos propostos pela agência, e assim as instituições financeiras envolvidas não concordaram em realizar os investimentos requeridos em áreas pobres e degradadas de Saint Denis. Após a construção do Stade de France, essa agência foi restaurada com fundos providos pelo Estado para a demolição de edifícios industriais e residenciais deteriorados e subutilizados, visando à descontaminação de áreas poluídas e à construção de infraestrutura urbana. Além do planejamento de intervenções urbanas, ações de desenvolvimento social e econômico também foram implementadas, com vistas a melhorar a maneira como a população e as empresas locais possam se beneficiar da publicidade e dos grandes eventos esportivos atraídos pelo Stade de France. Para tanto, essas estratégias envolvem a qualificação da população local, por meio de programas educacionais e treinamento profissional.

A partir da definição de agências de planejamento compostas por diferentes esferas governamentais, sistemas tradicionais de planejamento urbano, como a criação de ZACs

(Zone d'Aménagement Concerté), são utilizados para o controle e a implementação das diretrizes de projeto a serem implementadas. A delimitação de ZACs constitui-se em um modelo de intervenção tradicional colocado em prática nas últimas décadas nas principais intervenções urbanas em Paris. Porém, no caso de Saint-Denis, esse modelo de planejamento de intervenções só se tornou eficaz após a construção do Stade de France, especialmente pelo interesse do setor privado nas áreas e projetos designados pela ZAC Saint-Denis.

Segundo Newman e Tual (2002), a construção do Stade de France e as ações estratégicas implementadas conjuntamente pelo Estado e pelos governos locais foram fundamentais para o desenvolvimento da região norte de Saint-Denis. De modo que novas ZACs foram organizadas com a função de delinear novas intervenções em regiões a sudeste do estádio, com o objetivo de aumentar a oferta de espaços comerciais na região. Ademais, outras intervenções foram idealizadas, com propostas de complexos residenciais e espaços públicos, além de novas estações de metrô.

As agências conjuntas vão gerir o planejamento urbano das suas respectivas regiões, assim como a política social e habitacional, problemas de saneamento e de transporte, impostos, políticas de contratação e iniciativas de descentralização e ações democráticas implementadas na região. A principal modalidade de arrecadação nessas situações de cooperação são os impostos gerados por empreendimentos comerciais. Essas modalidades governamentais estão em franco crescimento e, assim, em 2001, dois anos após a Lei Chevènement, existiam noventa organismos governamentais de cooperação formados por prefeituras e autoridades locais em território francês. (NEWMAN; TUAL, 2002, p. 841, tradução nossa).

Pode-se, por essa razão, entender o Stade de France como um monumento contemporâneo de Paris e, assim sendo, a imagem positiva do edifício permite que os governantes locais estabeleçam planos estratégicos de desenvolvimento e renovação urbana ligados ao estádio. Para tanto, a construção do estádio não se resume aos seus atributos funcionais ou arquitetônicos, nem tampouco a seu potencial econômico. O verdadeiro sucesso ligado à implantação do Stade de France em Saint-Denis relaciona-se aos avanços realizados na infraestrutura de transporte de massa e nas novas articulações viárias que conectam a região à malha urbana de Paris, com as novas intervenções habitacionais ao sul e a nordeste, assim como o interesse de empresas e instituições privadas que se instalaram na região com o objetivo de explorar a imagem do edifício. Ao mesmo tempo, a construção do estádio coincide com uma mudança no processo de planejamento urbano francês, em que os governos

locais tornaram-se peças fundamentais nos processos de renovação urbana, estabelecendo parcerias verticais com os governos regionais e nacionais e horizontalmente entre prefeituras e subprefeituras. Para Newman e Tual (2002), o estádio representa a última expressão da postura centralizadora do governo francês.

O edifício é, pois, o centro irradiador dos processos de regeneração urbana da Plaine Saint-Denis desde o final da década de 1990 e que continuaram ao longo das próximas décadas. O estádio significa o centro de um processo de redesenho do tecido degradado de antigas regiões industriais adjacentes a Paris, por meio da mobilidade urbana e de intervenções que possibilitem a consolidação de um novo tecido urbano.

4.2 Sangam Stadium – Seoul, Coreia do Sul, 2002

A história do futebol na Coreia do Sul tem similaridades com a evolução desse esporte em outras partes do mundo. O esporte foi trazido ao país por imigrantes europeus e apresentado às populações locais. Porém, o esporte não teve a mesma popularidade que em nações sul-americanas, perdendo em preferência para outras modalidades como as lutas marciais. Apesar disso, o avanço dos sistemas de telecomunicação possibilitou que o futebol se consolidasse como cultura de massa, difundindo-se inclusive por nações asiáticas nas últimas décadas do século XX. Em razão disso, em 1983 foi fundada a primeira liga sul-coreana de futebol profissional.

Menos de duas décadas após a fundação da primeira liga de futebol profissional, a Coreia do Sul foi escolhida como sede da Copa do Mundo de 2002, realizada em conjunto com o Japão. Essa foi a primeira vez que o Campeonato Mundial foi realizado em um país asiático, demonstrando um claro interesse das entidades organizadoras do evento em difundir a popularidade do futebol como indústria do entretenimento de escala global. A Copa do Mundo de 2002 serviu como precedente para que países onde o futebol não postula entre os esportes favoritos empreendam a construção de grandes estádios. A principal expectativa dessas nações não são apenas o prestígio e a publicidade em escala internacional relacionados à realização de um megaevento esportivo, mas a oportunidade de implementarem políticas de desenvolvimento urbano em áreas degradadas de sua malha consolidada.

A Copa do Mundo de 2002 foi a oportunidade de Seul para implementar transformações urbanas, após três décadas de crescimento desordenado. Com o final da Guerra da Coreia em 1953, o país atravessou um processo de inchaço das suas principais cidades, e hoje a região metropolitana de Seul possui mais de 24 milhões de habitantes. Como afirma Mendez (2010), apesar do avanço econômico, o rápido crescimento demográfico foi um dos principais fatores para os altos índices de poluição e degradação dos espaços públicos presentes na cidade.

Assim, após a escolha de Seul como uma das sedes coreanas, a cidade optou pela construção de um novo estádio em uma região distante dezoito quilômetros de seu centro urbano, no distrito de Mapo-gu, às margens do rio Han que corta a cidade. A área escolhida para a implantação do estádio era utilizada como aterro sanitário desde 1978, razão por que possuía uma montanha de detritos, que alcançava cem metros de altura e dois quilômetros de comprimento. A região era um foco de poluição do ar, assim como das águas do adjacente rio Han. Por tais motivos, a região era considerada um dos territórios mais poluídos do mundo na virada do século. A imagem negativa da região foi um das principais pontos para a escolha da área de implantação do estádio. Além da poluição extrema da área, a baixa densidade populacional foi um fator entendido como conveniente pelas autoridades locais, pois assim poucas famílias teriam de ser removidas de suas casas. Além disso, a construção do aeroporto internacional Incheon, no extremo oeste de Seul, determinaria a necessidade de um novo vetor de mobilidade que conectasse esse novo equipamento ao centro da cidade. Dessa forma, o terreno do estádio transformou-se em um entreposto entre o novo aeroporto e os distritos comerciais, financeiros e turísticos de Seul.

O aeroporto é o segundo no mundo em termos de passageiros internacionais. Por isso equipamento representa um fluxo contínuo de passageiros pela área de implantação do novo estádio e todas as demais intervenções, em direção ao centro da cidade. Por conseguinte, o estádio representa um ícone urbano, implantado na principal via de acesso à cidade. Ao mesmo tempo, o edifício acarretaria investimentos em infraestrutura, necessários para o desenvolvimento de novos meios de transporte e de acessibilidade ligando a região do estádio ao centro de Seul. (MENDEZ, 2010, p. 74, tradução nossa).

A construção do novo estádio foi parte de criação de um novo distrito da cidade chamado de Sangam New Millenium Town, entre o centro de Seul e o aeroporto internacional Incheon, inaugurado em 2001. Por causa de sua desordenada ocupação, a proposta do estádio

e de uma série de intervenções em seu entorno teve como objetivo estabelecer um modelo de urbanização que, além de consolidar uma nova centralidade em uma área degradada da cidade, teria o objetivo de impulsionar um novo período de redesenho de áreas subutilizadas de sua malha consolidada.

O novo projeto urbano de Seul incluiu a construção de um estádio para Copa do Mundo, um centro de mídias digitais e uma série de parques urbanos que serviriam à comunidade, assim como aos espectadores estrangeiros. O estádio de Sangam foi proposto como parte integral de um planejamento amplo de reabilitação de uma área abandonada da cidade, transformando-a em um distrito modelo de inovação, onde a ecologia, usos e atividades culturais e sistemas de tecnológicos da informação seriam implantados. (MENDEZ, 2010, p. 72, tradução nossa).

As intervenções propostas por Seul para a Copa de 2002 deixaram transparecer o interesse das autoridades locais na requalificação de uma região pouco explorada e distante do centro de Seul. Além do estádio, essas intervenções propunham a criação de uma série de parques ao longo dos cursos d'água que cortavam a região. Para Mendez (2010), essas estruturas simbolizam uma mudança nos hábitos da população, assim como na postura política nacional, uma vez que, com o crescimento desordenado da cidade nas últimas décadas, poucas intervenções de desenvolvimento urbano foram implementadas em Seul. As intervenções às margens do rio Han tiveram grande apoio popular, influenciando os governos locais a implementarem políticas contínuas de desenvolvimento urbano, que abarcassem não apenas a região do Sangam Stadium, mas toda a cidade. Dentre essas intervenções, destacam-se a revitalização do Rio Cheonggyecheon, que cortava a região, o desenvolvimento de sistemas de transporte público de massa e a criação de espaços públicos em áreas específicas da cidade comprometidas pela falta de planejamento.

O estádio Sangam e as demais instalações do Millennium Town estão conectados às demais áreas da cidade por meio de variados sistemas de mobilidade urbana que interliga toda a população à região. Apesar da distância em relação a áreas centrais da cidade, a proposta estabelece um princípio de equivalência, garantindo a toda população de Seul acessibilidade aos equipamentos que compõem os arredores do estádio. O estádio funciona como autêntico aglutinador de eixos de mobilidade, uma vez que está implantado às margens de uma via expressa de grande fluxo, possui duas estações de metrô integradas ao corpo do edifício, está anexo a estações de trens – que o conectam com cinco linhas nacionais e internacionais –,

além de um sistema sobre trilhos, chamado de *speed rail*, que o liga diretamente ao aeroporto internacional Incheon.

Imagem 37: Perspectiva eletrônica do plano de regeneração proposto para o tecido urbano que circunda o Sangam Stadium. Fonte: Mendez, p. 74, 2010

Segundo Mendez (2010), a região do estádio possuía infraestrutura de transporte sobre trilhos, uma vez que ela foi utilizada no passado como ligação entre a Coreia e o continente europeu. No entanto, a distância entre o terreno de implantação do estádio e o centro de Seul determinou o funcionamento do estádio pós-Copa do Mundo a uma diversificação dos usos do tecido de seu entorno imediato. Por conseguinte, povoar os arredores do novo edifício, assim como garantir a acessibilidade ao novo tecido urbano chamado de Millennium Town, tornou-se imperativo, pois que o desenvolvimento dessa região de Seul foi o principal legado proposto pela candidatura da cidade como a principal sede coreana para a Copa de 2002.

A reconversão do antigo aterro sanitário, símbolo máximo da poluição causada pelos anos de crescimento desordenado, em um novo sistema espacial composto por parques urbanos, áreas verdes, cursos d'água despoluídos, edifícios corporativos e um estádio de Copa

do Mundo, só se tornaria viável por meio do estabelecimento de sistemas de mobilidade urbana que permitisse a ocupação dessa região não apenas pela população, mas por múltiplos usos e atividades que viessem a consolidar o processo de regeneração urbana da região.

O estádio Sangram foi construído não apenas como principal sede coreana para a Copa de 2002, mas como elemento central em uma sequência de intervenções que visavam ao desenvolvimento urbano da região noroeste de Seul. Para tanto, o estádio proposto tem capacidade para 70 mil espectadores e ocupa uma área de 216.712m². Como fora citado anteriormente, a relação entre a Coreia do Sul e o futebol profissional tinha menos de duas décadas na abertura da Copa do Mundo de 2002. Logo, o partido arquitetônico do estádio procura estabelecer uma relação formal com elementos comuns à cultura coreana. Segundo Mendez (2010), o estádio apropria-se do desenho de uma pipa coreana e, a partir dessa organização, estabelece a forma do seu sistema de cobertura. O sistema é composto por dezesseis pilares que sustentam uma cobertura em membrana têxtil semitranslúcida, cuja textura e coloração se aproximam de um papel coreano tradicional chamado de Hanji. Assim, o projeto do edifício buscava a consolidação de um equipamento moderno e contemporâneo, dotado de uma linguagem arquitetônica tecnológica. Ao mesmo tempo, o estádio explora elementos históricos da cultura coreana como uma estratégia de projeto que objetiva consolidá-lo como monumento arquitetônico identitário da cultura coreana.

O entorno do estádio Sangam é composto por cinco grandes parques públicos, propostos como grandes equipamentos públicos e de lazer de toda a população. A conexão desses equipamentos com o restante da cidade passou a ser um elemento-chave para a viabilidade de todas as intervenções. Os variados níveis de acessibilidade ao estádio e aos parques que o circundam tornaram o complexo um conjunto de espaços ativos, mesmo após o término do Campeonato Mundial em 2002 e independente dos eventos destinados à jovem liga coreana.

O estádio é composto por um volume retangular com medidas de 304 m x 279 m. Entretanto, essas dimensões não abrigam apenas as estruturas comuns a esse equipamento, como os anéis de arquibancadas, acessos e ambientes de apoio (bares e restaurantes). Além disso, possui uma estrutura de comércio e serviços acoplada ao corpo do edifício, que o transforma em uma grande superfície de abastecimento da cidade. Segundo Mendez (2010), essa foi uma organização espacial inovadora para tal tipologia arquitetônica, pois que o equipamento esportivo encontra-se conjugado com espaços de consumo independentes em um

só edifício. Essa organização espacial pode ser verificada no citado Reebok Stadium, construído na cidade de Bolton, Inglaterra, em 1997 (analisado no Capítulo 2 desta dissertação).

Imagem 38: Vista do Sangam Stadium a partir do Rio Ham. Fonte: www.panoramio.com. Acesso em 23/01/2013.

O estádio está implantado em uma área isolada em uma das extremidades do Millennium Park, rodeado por vias de fluxo intenso e pelo rio Han. Assim, o rio, tal qual o sistema viário que circunda o estádio, configura barreiras físicas que impedem o edifício e os espaços públicos que o rodeiam de concretizarem quaisquer integrações futuras ao tecido urbano do seu entorno. Mendez (2010) afirma que, apesar das grandes dimensões (o edifício atinge cinquenta metros de altura), a escala do estádio não estabelece um conflito com a paisagem urbana de seu entorno, anotando que o empreendimento tem potencial para se tornar um equipamento integrado ao seu contexto urbano assim que este estiver adensado. Entretanto, as barreiras físicas que o circundam transformam o estádio em uma ilha, anulando qualquer possibilidade de ampla conexão com seu contexto.

O estádio está implantado como uma extensão de Seul, um conector de transporte público entre a cidade, a futura Media City, e o aeroporto internacional. Essa condição pode aparentar ser vantajosa para o edifício, contudo as suas barreiras físicas (vias e rio) o definem como uma "ilha urbana", sempre isolado da comunidade de seu entorno. (MENDEZ, 2010, p. 76, tradução nossa).

No que se refere aos espaços esportivos, o Sangam Stadium é utilizado para os jogos do Football Club Seoul, um clube local que disputa a liga coreana de futebol profissional. Afora isso, o espaço do campo recebe eventualmente concertos musicais e espetáculos culturais. O sistema estrutural do edifício é composto por estruturas pré-fabricadas de concreto armado no anel inferior de arquibancadas, subsolo de estacionamentos e pisos comerciais. Já o seu anel superior foi proposto a partir de um sistema construtivo composto por perfis de aço e sua cobertura possui treliças metálicas cobertas por uma membrana tensionada derivada de fibra de vidro.

Imagem 39: Vista do Sangam Stadium e seu entorno, a partir de um dos edifícios que o circundam. Fonte: www.panoramio.com. Acesso em 23/01/2013.

Além dos espaços esportivos, o estádio conta com um complexo de lojas que se desenvolve ao redor do corpo principal do edifício. Segundo Mendez (2010), o Sangam Stadium é o primeiro estádio híbrido que também funciona como um *shopping mall*.

Entretanto, como fora supracitado anteriormente, durante a década de 1990, a combinação entre o uso esportivo e uso comercial em um único edifício já havia sido experimentada em estádios norte-americanos e ingleses. Mesmo assim, apesar de similar aos casos britânicos e americanos, o estádio coreano pode ser considerado uma experiência inovadora, uma vez que ele incorpora um equipamento comercial de grandes proporções e uso intenso ao corpo principal do estádio, para que todo o conjunto possua uma única estrutura formal.

O setor comercial do estádio foi aberto ao público um ano após a final da Copa do Mundo de 2002, como um novo complexo de lojas, atividades esportivas e culturais e rapidamente se tornou um movimentado centro de lazer e compras da região.

O estádio ainda funciona como tal, recebendo eventos esportivos como a Peace Cup, ao mesmo tempo em que o seu campo é eventualmente utilizado para espetáculos culturais e musicais. O edifício é equipado ainda com uma variedade de espaços que incluem cinemas, *shoppings*, salões de eventos, academias, saunas e lojas de departamentos. O estádio é um grande complexo cultural e comercial, onde os visitantes – locais e turistas – podem desfrutar de atividades de lazer, culturais e ao mesmo tempo ir às compras. (MENDEZ, 2010, p. 77, tradução nossa).

A multiplicidade de usos atribuída ao estádio Sangam é a característica fundamental para a sobrevivência do complexo. Em um país onde o futebol não figura entre os esportes mais populares, a viabilidade do estádio não depende exclusivamente desse esporte. O estádio recebe um grande número de usuários semanalmente, que visitam o estádio, os cinemas, e participam de eventos sociais ou alguma de suas lojas. Por essa razão, o estádio é considerado um sucesso comercial, com receitas maiores que seus custos de manutenção. Além disso, o uso comercial e de lazer atribuído ao edifício beneficia-se da grande demanda de consumo natural em grandes centros urbanos como Seul.

O caso do estádio Sangam é uma exceção entre os edifícios construídos para a Copa do Mundo de 2002. É notório que a construção de um estádio capaz de requalificar uma área degradada depende da combinação de uma série de soluções e intervenções definidas com base nas características físicas, sociais e políticas das cidades onde são propostas. O estádio Sangam e todo complexo de parques e espaços comerciais que o compõem devem ser entendidos como uma resposta aos condicionantes identificados em Seul antes da sua construção e, dessa maneira, esse edifício não representa um modelo de intervenção a ser adotado em outras localidades. Como afirma Mendez (2010), os outros nove estádios construídos, apenas pela Coreia do Sul, para a Copa do Mundo de 2002, não colheram

resultados similares aos de Seul, mesmo com propostas que também combinavam o edifício esportivo com estruturas de consumo.

A Copa do Mundo de 2002 foi organizada com base em um formato diferente das edições anteriores. Ao invés de apenas um país-sede, dois países, Coreia do Sul e Japão, organizaram o mesmo evento. Imaginou-se que as duas nações poderiam reduzir os custos referentes à construção e renovação de estádios, assim como o desenvolvimento de infraestrutura urbana. Entretanto, foram construídos vinte estádios, dez em cada país, para receber os 33 dias de competição, quando as exigências feitas para a realização desse tipo de evento são de oito estádios. Essa realidade disseminou um grande número de estádios que não se consolidaram como importantes intervenções para seus contextos urbanos. Ao invés, esses edifícios encontram-se subutilizados, pois nenhum dos países possui o futebol como uma das principais modalidades de sua indústria esportiva.

Indubitavelmente, as intervenções realizadas em Seul, em função da Copa de 2002, com o objetivo de regenerar uma área degradada e ao mesmo tempo induzir o desenvolvimento urbano da região, mostraram-se eficazes com o passar dos anos. O estádio Sangam consolidou-se como ícone urbano, tornando-se o principal símbolo das intervenções realizadas na região do Millennium Park. A regeneração dessa área e a importância que esse complexo assumiu perante para a população acarretaram uma mudança de prioridades nas políticas urbanas desenvolvidas pelas autoridades da cidade, fazendo com que outras áreas, também degradadas, se tornassem objeto de intervenções e projetos urbanos, como a já citada regeneração do rio Cheonggyecheon. O desenvolvimento de políticas de qualificação de áreas públicas urbanas por meio de projetos urbanos de qualidade é, portanto, o maior legado deixado pela Copa do Mundo de 2002 na cidade de Seul.

O estádio tem uma escala maior que o necessário para um edifício com capacidade para 70 mil espectadores. No entanto, este é o resultado da incorporação de uma estrutura de lazer e consumo ao corpo principal da edificação. Esse arranjo entre duas estruturas de grande porte pode ter significado um aumento do custo inicial de construção do edifício, porém foi fundamental para que se tornasse economicamente viável após a realização da Copa de 2002.

Ao conjugar os espaços esportivos com usos comerciais e de lazer, o estádio apresentou soluções para o uso do Sangam Stadium após o Campeonato Mundial de 2002. Este talvez seja o principal problema enfrentado por esses edifícios em países com pouca

tradição futebolística que se aventuram na realização de um grande evento esportivo da magnitude de uma Copa do Mundo ou Jogos Olímpicos. A subutilização desses equipamentos transforma-os em despesas perenes custeadas com recursos públicos e, por isso, em equipamentos intensamente criticados pela população local. Logo, a ideia do estádio multiuso, como um equipamento que aglutina em um mesmo edifício múltiplas atividades como esportes, comércio e lazer, pode ser um exemplo a ser observado por cidades que queriam sediar grandes eventos esportivos, e em consequência disso executam grandes estádios ultramodernos.

Apesar de estar implantado em uma área periférica em relação ao centro de Seul, o estádio não se encontra desconectado em relação às demais áreas da cidade. O edifício é servido por múltiplos sistemas de mobilidade urbana e, por isso, permite que a população local aproprie-se de seus espaços, inserindo-o naturalmente nas atividades cotidianas da cidade. A ênfase dos sistemas de mobilidade presentes na proposta do estádio Sangam tem como objetivo retomar o equilíbrio entre o edifício e a malha urbana consolidada de Seul, amenizando o seu isolamento em relação à cidade. Além disso, ao aglutinar vetores de mobilidade urbana o estádio torna-se um equipamento conector entre as linhas de metrô e trens urbanos e um sistema de transporte leve sobre trilhos que ligará Sangam Stadium ao Aeroporto Internacional Incheon.

A implantação de equipamentos emblemáticos, juntamente com sistemas de mobilidade urbana, possibilitou que, ao se tornar sede da Copa do Mundo de 2002, Seul estabelecesse um planejamento no longo prazo de desenvolvimento de projetos urbanos que propõem um novo tecido em áreas abandonadas a oeste de seu centro consolidado. Assim, é notório que as soluções projetuais propostas por Seul em função do Campeonato Mundial de 2002 não se limitavam às demandas feitas pelos organizadores do evento. Ao invés disso, a Copa do Mundo possibilitou à cidade implementar o planejamento necessário para o desenvolvimento de novos tecidos urbanos, adjacentes ao Sangam Stadium e ao novo aeroporto Incheon, assim como de intervenções pontuais em outras áreas degradadas de sua malha consolidada.

Todas as cidades-sedes deveriam ser obrigadas a apresentar suas propostas e projetos para os eventos esportivos, juntamente com planos de desenvolvimento urbano no longo prazo que beneficiassem exclusivamente a cidade. Sem um planejamento no longo prazo, qualquer grande estádio contemporâneo corre o risco de se tornar um “elefante branco”. Como citado anteriormente, caso sejam bem

coordenados juntamente com propostas de desenvolvimento da cidade como um todo, grandes projetos e intervenções urbanas têm o potencial de redesenhar áreas esquecidas das grandes cidades, como foi o caso de Barcelona em 1992. (MENDEZ, 2010, p. 79, tradução nossa).

De modo geral, deve ser destacado que o projeto de um estádio de futebol em função de megaeventos esportivos sempre se beneficiará de uma ampla integração com a malha urbana consolidada dos grandes centros que os abrigam. Em casos de implantações isoladas, esses edifícios tornam-se ilhas isoladas de qualquer relação com seu contexto urbano. Para Mendez (2010), esse tipo de implantação torna o estádio um destino final e não uma estrutura urbana passível de ser ocupada pela população de maneira casual e cotidiana.

4.3 Olympiastadion – Berlim, Alemanha, 2006

O Estádio Olímpico de Berlim é o edifício mais antigo a ser analisado por esta dissertação, ainda que tenha sido o palco principal da Copa de 2006 realizada na Alemanha. A utilização desse edifício como peça central de um evento internacional como a Copa do Mundo deixa claro que esses edifícios podem ser renovados e atualizados. A Copa de 2006 utilizou-se do simbolismo do estádio histórico, para se afirmar ao mundo como uma nova nação, renovada, rejuvenescida e distante do seu passado nazista.

O Estádio Olímpico de Berlim, Olympiastadion, foi construído para os Jogos Olímpicos de 1916, na região sul do Reichssportfeld (área de esportes imperiais), conhecida hoje como Olympiapark. Mas os Jogos Olímpicos para os quais o estádio foi construído foram cancelados por causa da Primeira Guerra Mundial. Mesmo assim o estádio continuou ativo e fora utilizado vinte anos depois, nos Jogos Olímpicos de 1936. A realização dos Jogos Olímpicos representava uma grande oportunidade de propaganda e divulgação do regime nazista e, assim, Hitler e o governo alemão contribuíram com seis milhões de marcos para a construção e renovação do estádio.

Apesar dos danos provocados ao estádio pelas duas guerras mundiais, sua estrutura permaneceu intacta. O edifício foi reconstruído e transformado em patrimônio construído dotado de uma linguagem arquitetônica neoclássica, comum às construções nazistas.

Historicamente, antes de 1945, a Alemanha é reconhecida pelas invasões a países vizinhos, em busca da conquista de território e das consequentes batalhas. O holocausto, ressoante pela prisão e morte de milhões de judeus, homossexuais e negros residentes em nações ocupadas pelo exército nazista, é certamente um dos piores eventos do século XX e diretamente ligado ao regime nazista de Adolf Hitler, sujando a imagem alemã diante da comunidade global por gerações. Além disso, após 1945, Berlim foi o palco de tensões políticas durante a Guerra Fria, já que a cidade era cortada pelo muro que dividiria a Alemanha, durante os próximos 45 anos, em oriental e ocidental.

Dessa forma, a organização de um megaevento esportivo, como a Copa do Mundo de 2006, representou a possibilidade de redesenhar a imagem alemã perante o mundo contemporâneo. O principal legado do evento seria apresentar à comunidade global um país rejuvenescido, moderno e distante das atrocidades da Guerra.

A modernização do histórico estádio olímpico, projetado, construído e reformado em 1936 pelo regime nazista, possibilitou a reformulação da imagem de um tecido urbano marcado pela presença de grandes estruturas esportivas ligadas a um passado repleto de memórias negativas. A estratégia adotada pelo evento determinou a reformulação de um monumento arquitetônico construído pelo regime nazista. Uma demonstração da intenção do país em consolidar uma imagem renovada ao mesmo tempo em que preserva seu patrimônio edificado.

A região do Estádio Olímpico de Berlim possui uma relação histórica com o uso esportivo. Desde o princípio de século a região do Estádio Olímpico era designada para o uso esportivo e competições. Assim, em função da sua localização periférica e da sua vocação esportiva, o local foi uma escolha óbvia para os Jogos Olímpicos de 1916 e para a construção do novo Estádio Olímpico. Após os Jogos de 1936, as instalações esportivas utilizadas nos Jogos Olímpicos de Berlim foram transformadas em monumentos que assumiram valor histórico ao longo do século XX. Portanto, a escolha do estádio histórico como principal sede da Copa do Mundo de 2006 apoiou-se em argumentos econômicos e simbólicos, já que esse edifício – construído em 1916, reformado por Hitler na década de 1930 e utilizado nas Olimpíadas de 1936 – representava uma história marcada negativamente pelo regime nazista. Já a sua reformulação e modernização representava uma nova imagem diante da comunidade global. Muito mais que o atendimento às demandas da competição, promovia a divulgação de

uma imagem positiva, contemporânea e plural, não apenas da Alemanha como país, mas de toda a sua população.

Portanto, a reformulação do Estádio Olímpico tornou-se uma importante oportunidade para que o evento esportivo pudesse contribuir para um importante legado histórico. Ao mesmo tempo, a renovação do edifício e de seu entorno permitiria que novos desenvolvimentos urbanos fossem implementados na região leste da cidade de Berlim, como, por exemplo, a consolidação do entorno do Estádio Olímpico como parque urbano. Isso porque tal região era composta por grandes áreas públicas subutilizadas e apenas preservadas pelo seu caráter histórico.

O terreno onde o Estádio Olímpico está implantado encontra-se a doze quilômetros do centro de Berlim. Entretanto, o Estádio está conectado às demais áreas da cidade por duas vias arteriais, que cortam a malha urbana da cidade e são os principais eixos viários de chegada e saída de Berlim. Além disso, o Estádio encontra-se implantado ao final de uma grande avenida, a Olympische Strasse, que o conecta diretamente ao centro de Berlim. Além do sistema viário local, o estádio é acessível por meio do sistema de metrô, trem, linhas de ônibus e ciclovias. Segundo Mendez (2010), o tempo máximo de deslocamento entre o centro da cidade e o estádio via sistema de metro é de aproximadamente sete minutos. Da mesma maneira, o Estádio encontra-se a menos de vinte minutos dos principais pontos de interesse na malha urbana de Berlim, como o Zoologischer Garten, Friedrichstrasse ou Alexanderplatz.

As iniciativas de Berlim para garantir a acessibilidade ao Estádio e sua ligação com a cidade foram direcionadas aos pedestres. A Avenida 17 de Junho é fechada para o tráfego de veículos durante eventos realizados no Estádio Olímpico, assim como ocorrido durante a Copa do Mundo. Essa medida garantiu aos visitantes, assim como à população local, espaços públicos de congregação antes e após os Jogos. Com isso, esses espaços dedicados ao público são tomados por *stands* de bares e restaurantes, estúdios televisivos, empresas esportivas e milhares de espectadores, configurando um cenário similar ao carnaval brasileiro. A implantação do Estádio, nos arredores de uma das principais entradas da cidade e adjacente à Avenida 17 de Junho, transformou seu entorno em um espaço propício para grandes concentrações públicas, em função de grandes eventos esportivos. (MENDEZ, 2010, p. 84, tradução nossa).

O Estádio Olímpico de Berlim foi originalmente projetado por Otto March, para os Jogos de 1916. Entretanto, o Estádio só foi inaugurado em 1936, após ser reformado, por

Werner March, filho do autor do projeto original. O Estádio ocupa uma área de 56.616m², distribuídos em dois anéis de arquibancadas, que estão dispostos acima e abaixo da galeria circular que distribui os fluxos internos do edifício. O anel inferior está implantado a doze metros abaixo da praça de entrada que circunda o edifício. Ele alcança uma altura máxima de treze metros acima do nível de chegada do edifício. Segundo Mendez (2010), essa solução permite que o Estádio se torne o elemento dominante da paisagem urbana do seu entorno sem perder o equilíbrio em relação à escala humana.

Imagem 40: Acesso principal ao Olimpiastadion. Fonte: Google Earth

O maior público já registrado no Estádio Olímpico de Berlim é de 110 mil espectadores. Mas atualmente comporta 74.500 pessoas acomodadas, o que ainda lhe garante a maior capacidade dentre os estádios alemães. Com a intervenção feita no edifício, uma cobertura de membrana têxtil foi proposta sobre o anel superior. Essa cobertura está estruturada em vinte colunas de aço bastante delgadas, implantadas em meio às arquibancadas do anel superior. O desenho adotado para esse sistema de cobertura, assim como os materiais construtivos não agridem a linguagem do edifício, uma vez que todo o sistema aparenta flutuar sobre as paredes revestidas em pedra do estádio. A intervenção no edifício também propôs o rebaixamento do nível do gramado em 2.65m, para que assim fosse possível ajustar o anel inferior, projetado para que os espectadores assistissem às partidas de pé, aumentando a sua inclinação e o número de assentos. Além disso, o corredor circular posicionado entre os anéis de arquibancadas foi ocupado parcialmente com espaços corporativos e luxuosos, atendendo às demandas programáticas do evento.

O Estádio Olímpico de Berlim é parte de um complexo esportivo repleto de equipamentos esportivos e recreacionais. Além do Estádio, o complexo possui: grandes áreas

verdes livres para o uso recreativo, assim como para demonstrações ao ar livre de ginástica olímpica; o teatro Waldbühne Forest, um anfiteatro ao ar livre, além de outros equipamentos históricos como a torre Glockenturm Bell e a Langemarck Halle. Os equipamentos históricos que compõem o complexo assim como todo seu entorno estão inseridos no cotidiano da comunidade local como áreas de lazer, espaços para competições amadoras e espetáculos ao ar livre, além da sua condição como monumentos históricos que despertam o interesse turístico.

Imagem 41: Olimpiastadion e sua inserção urbana. Fonte: www.panoramio.com. Acesso em 25/05/2013.

A linguagem arquitetônica dos edifícios que compõem o complexo é repleta de elementos e adornos neoclássicos, que conferem aos monumentos características próprias da arquitetura representativa dos regimes totalitários na primeira metade do século XX. Os eixos de circulação, as entradas e a implantação desses equipamentos, afastados da malha urbana, foram pensados como condicionantes de projeto, de modo que a arquitetura desses edifícios comunicasse aos espectadores a grandiosidade e o poder da nação alemã. Um plano diretor de ocupação do entorno do estádio estabelece uma distância entre o complexo onde se encontra o Estádio Olímpico e o tecido urbano do seu entorno. Por essa razão, o complexo deixa claro

um sentido de hierarquia estabelecido pela implantação dos edifícios, assim como demais signos que mostram ao usuário que este se encontra em um local de relevância histórica.

O Estádio Olímpico de Berlim foi originalmente construído em concreto armado e com a maioria das peças estruturais dos anéis de arquibancada em concreto pré-fabricado. Entretanto, em sua primeira reformulação para os Jogos de 1936, o Estádio foi revestido externamente com pedras naturais. O sistema de cobertura, implantado em 2004 para a Copa do Mundo de 2006, constitui-se de um sistema leve de membranas, suspenso sobre o anel superior de arquibancadas, apoiado em colunas de aço sem interferir na silhueta original do edifício. Para Mendez (2010, p.87), “o sistema de cobertura simboliza o progresso feito pela Alemanha desde os dias de Hitler” (tradução nossa). O sistema de cobertura é composto por vigas metálicas que se estendem sobre o anel de arquibancadas por aproximadamente 68 metros. O sistema de cobertura, assim como as demais intervenções no seu espaço interno demonstram a iniciativa das autoridades alemãs em remodelar um importante monumento nazista, transmitindo para todo o mundo uma nova Alemanha, distante dos fatos negativos do passado.

Imagem 42: A esquerda imagem histórica exibindo a sequência de colunas que circundam o estádio revestidas em pedras. Fonte: www.panoramio.com. Acesso em: 25/02/2013.

O Estádio Olímpico de Berlim demonstra que, na preparação para grandes eventos esportivos, a reforma de um estádio já existente pode ser tão dispendiosa quanto a construção de um novo edifício. Porém, em edifícios existentes o custo com infraestrutura urbana pode ser minimizado, visto que eles já estão implantados em áreas consolidadas da cidade. Além disso, situações como as do Estádio Olímpico de Berlim beneficiam-se da imagem já

consolidada de estádios tradicionais e do simbolismo que esses edifícios possuem junto à comunidade local.

A reforma do Estádio Olímpico de Berlim em um ano de Copa do Mundo tornou-se a iniciativa ideal para que a cidade refizesse sua imagem perante a comunidade global, por meio de toda a publicidade positiva realizada em função do evento esportivo, demonstrando, assim, um novo período na história alemã. Os investimentos foram altos, mas as intervenções realizadas no Estádio Olímpico de Berlim criaram o legado esperado pelos organizadores do evento. Segundo Mendez (2010), a cidade conseguiu substituir, especialmente aos olhos das novas gerações, o seu passado nazista, pela imagem de um país jovem, moderno e conectado à pluralidade do mundo globalizado.

A Copa do Mundo permitiu à cidade a oportunidade de se expor e se divulgar junto à comunidade internacional. Desse modo, o complexo olímpico consolidou-se como um espaço importante para a cidade, mas também como marco arquitetônico sinônimo de orgulho para os seus habitantes. A mudança da imagem da cidade representa um legado importante a ser deixado para as gerações futuras. (MENDEZ, 2010, p. 88, tradução nossa).

Entretanto, observa-se que as intervenções feitas no Estádio Olímpico de Berlim poderiam ter um impacto maior no cotidiano da população caso o edifício estivesse implantado em áreas centrais da cidade. No ato da sua construção, o Estádio encontrava-se em regiões absolutamente periféricas. Hoje é circundado pela malha urbana da cidade e conectado às demais regiões por meio dos sistemas de mobilidade. A sua localização poderia se beneficiar dos usos comerciais e da infraestrutura urbana comum aos tecidos centralizados, assim como do maior contato com a população.

A implantação do Estádio Olímpico em um sítio histórico restringe a relação entre o edifício e a malha urbana da cidade. Por mais que o entorno do Estádio apresente usos diversificados e alta densidade populacional, o edifício não estabelece uma relação direta com seu contexto, já que se encontra em meio a outros monumentos históricos e é rodeado por grandes terrenos ajardinados.

A principal característica do Estádio Olímpico está na sua condição como monumento histórico renovado e apto a receber grandes competições esportivas. Contudo, deve ser ressaltado que um monumento arquitetônico implantado em um local histórico sempre será um ambiente de uso controlado e monitorado. Desse modo, a diversificação dos usos do

estádio representaria um incremento na interação entre a população local e o edifício, assim como sua consolidação como ícone representativo local. Apesar do grande nível de acessibilidade do Estádio Olímpico, a sua apropriação pela população como espaço público é tímida e voltada praticamente a turistas e visitantes. A adição de equipamentos culturais e de lazer, como museus, assim como usos comerciais de pequeno porte, orientados por um plano diretor comprometido simultaneamente com a preservação do local e integração com a malha urbana que o circunda, poderia, portanto, consolidar o Estádio Olímpico e todo seu complexo como espaço público, ocupado pela população e ativo independentemente das competições esportivas.

Imagem 43: Vista aérea evidenciando a axialidade do estádio. Fonte: www.panoramio.com. Acesso em: 25/01/2013.

4.4 Moses Mabhida Stadium – Durban, África do Sul, 2010

Dentre todos os estádios construídos para a Copa do Mundo de 2010, realizada na África do Sul, o estádio Moses Mabhida em Durban pode ser compreendido como a

intervenção urbana mais abrangente realizada em função desse mundial. Além desse edifício, o estádio Soccer City, construído em Joanesburgo, ou o Green Point, edificado em Cape Town, também representam grandes intervenções com impactos urbanos consideráveis na malha urbana de suas cidades-sedes. Entretanto, tanto Joanesburgo, que é a capital federal, quanto Cape Town, um importante destino turístico, são cidades que possuem uma identidade global consolidada há tempos, de modo que a construção de seus estádios, apesar de importantes para o desenvolvimento de infraestruturas, não representa o ponto de partida de um plano estratégico de reestruturação urbana ou da imagem da própria cidade como o caso de Durban.

Por sua vez, a cidade de Durban propôs a construção do estádio Moses Mabhida como a possibilidade de se consolidar como o principal centro em estruturas esportivas no continente africano, possibilitando que a cidade futuramente almeje ser sede de outros eventos esportivos internacionais de grande impacto midiático como os Jogos Olímpicos.

O estádio Moses Mabhida, construído em Durban, foi projetado para acolher 70 mil espectadores durante os Jogos da Copa do Mundo e ao mesmo tempo ser a âncora de um plano de desenvolvimento da malha urbana de seu entorno imediato, assim como a própria imagem da cidade que pretende se firmar como um dos principais centros esportivos no continente africano. (MAENNING; SCHWARTHOFF, 2006, p. 633 , tradução nossa).

Para que a construção do estádio não resultasse em efeitos insignificantes ou até mesmo negativos, como ocorrido em outros casos mencionados anteriormente, a proposta do edifício apoiava-se, no entanto, em um planejamento contínuo de intervenções que deveriam ser implantadas, mesmo após o final da Copa do Mundo.

Nesse sentido, o estádio deveria apresentar uma linguagem arquitetônica inovadora, repleta de signos que estabelecessem uma conexão identitária entre a sua arquitetura e a população local. O “edifício deveria se expressar como afirmação não apenas para a cidade, mas também para o país e até mesmo para todo o continente africano” (DU PLESSIS; MAENNING, 2009, p. , tradução nossa).

Como fora citado anteriormente, no tocante aos estádios contemporâneos, o sistema de cobertura representa um elemento importante para que a linguagem arquitetônica do edifício se consolide como elemento dominante na paisagem urbana local. Assim, o estádio possui um arco bifurcado em uma de suas extremidades, implantado ao longo do eixo longitudinal do

edifício. Esse arco é responsável pela sustentação do sistema de cobertura, composto por uma membrana semitranslúcida, que protege os anéis de arquibancadas do estádio. Além disso, o arco será utilizado como um mirante, permitindo que o público contemple a paisagem urbana do entorno do estádio a partir de seu ponto mais alto. O arco bifurcado em uma de suas metades estabelece uma referência à bandeira sul-africana, que possui desenho semelhante ao proposto pelo estádio.

Imagem 44: Vista superior do estádio Moses Mahbida. Fonte: DU PLESSIS, S.; MAENNING, W, p. 70, 2009.

O arco proposto pelo Estádio de Durban define-se, assim, como um elemento monumental de destaque na paisagem urbana da cidade. Não por acaso, o arco do estádio relaciona-se com elementos culturais e identitários sul-africanos na tentativa de promover uma imagem positiva no imaginário da população local. Por assim dizer, ao mesmo tempo em que o edifício se consolida como um monumento contemporâneo, busca-se redefinir o tecido urbano onde ele está implantado. Para tanto, o projeto propõe que o edifício se integre com as linhas férreas adjacentes ao local de implantação do estádio. O edifício poderia se conectar às demais regiões da cidade por meio de sistemas de transporte de massa que seriam implantados a partir de infraestrutura já disponível.

Além do estádio, foi proposta para o seu entorno uma série de intervenções urbanas, com o objetivo de transformar o local em uma área rica em espaços públicos, equipamentos esportivos de menor porte e edifícios habitacionais. A localização do estádio, adjacente ao centro da cidade, possibilita que, durante a próxima década, sejam implantados os demais projetos propostos para a região do Estádio de Durban. Dessa forma, o estádio é o ponto central de uma série de edifícios singulares, dedicados ao uso esportivo e corporativo que devem ser projetados nas vias que servem ao estádio, determinando, por conseguinte, vetores de regeneração adjacentes ao grande parque esportivo chamado de Kings Park, que atualmente é formado pelo estádio Moses Mabhida e demais instalações esportivas, implantadas em meio a amplas áreas públicas utilizadas em atividades culturais e em eventos de grande concentração social. Segundo Du Plessis e Maenning (2009), essa infraestrutura esportiva que compõem o Kings Park pode gerar um incremento na atividade econômica dessa região da cidade, dado que o parque está implantado em um grande vazio urbano no centro de Durban, podendo fomentar a ocupação dessa área por diversas escalas de atividades econômicas e investimentos que buscam se beneficiar da imagem do estádio e dos eventos a serem ali realizados.

Imagem 45: Perspectiva eletrônica do estádio e seu entorno edificado. Fonte: www.gmp-architekten.de. Acessado em: 29/01/12.

Uma atenção especial foi dedicada, portanto, ao desenho urbano dos arredores do estádio Moses , para que ele não se tornasse um elemento em desequilíbrio com a escala e características urbanas locais. As extremidades do terreno ocupado pelo estádio e as demais estruturas que compõem o Kings Park foram ocupadas em consonância com o tecido urbano existente de seu entorno, considerando seus usos, pré-existências e conexões com o parque. Essas características locais determinaram a implantação dos espaços públicos, áreas verdes, demais estruturas esportivas, bem como os complexos residenciais que compõem o projeto do estádio.

Ao norte do estádio serão implantadas outras estruturas esportivas e áreas residenciais. Elas serão definidas a partir de construção de edifícios habitacionais que serão beneficiados por parques lineares criados ao longo de cursos d'água que cortam essa extremidade do terreno. A oeste o estádio tem como sua interface principal a grande infraestrutura de transporte de massa que conecta o estádio e as demais estruturas do Kings Park às demais áreas da cidade. Ao sul, situa-se a região de grande importância para o estádio, uma vez que esta é a principal conexão entre o edifício e a cidade de Durban e, por isso, terá o papel de espaço de transição entre a malha urbana adensada da cidade e o estádio.

As áreas e estruturas anexas ao estádio são importantes, porque contribuem para o equilíbrio entre a escala do edifício e seu entorno edificado. Ao mesmo tempo, é de grande importância que o estádio possua um espaço flexível, capaz de receber vários tipos de eventos esportivos, culturais e sociais. Portanto, a implantação do estádio Moses Mabida em um grande parque urbano contribui para o equilíbrio entre o tecido consolidado e o edifício de escala monumental. Ao mesmo tempo, o parque urbano permite uma grande diversidade de usos cotidianos, ligados à recreação, assim como manifestações sociais e culturais. A flexibilidade espacial desse tipo de equipamento figura como uma diretriz importante para que o edifício tenha uma demanda de utilização coerente com os investimentos e custos de manutenção, na medida em que todo o complexo é gradativamente incorporado à imagem da cidade e ao dia a dia da sua população. Por isso, é imprescindível, para que o estádio contribua para a consolidação do processo de regeneração urbana, que este seja o elemento principal de uma série de intervenções urbanas que tem como objetivo principal conectar o estádio ao seu entorno imediato, impedindo que ele se torne um anteparo urbano incompatível com a escala local.

Nesse contexto, o estádio beneficia-se de uma grande infraestrutura férrea, desativada, que margeia toda a área do Kings Park. Essa infraestrutura férrea permite que um plano de expansão do transporte público de massa seja instituído, conectando todas as estruturas do Kings Park às demais áreas da cidade, estabelecendo um princípio de equivalência territorial, uma vez que, apesar de todo o investimento ser aplicado em apenas uma região da cidade, os sistemas de mobilidade urbana têm a possibilidade de aproximar bairros e comunidades distantes dos equipamentos esportivos. Para tanto, o projeto do estádio Moses Mabhida propõe a construção de um sistema viário pedestrelizado no entorno do edifício, permitindo a sua ligação com estruturas de transporte de massa que serão construídas juntamente às linhas férreas. Estas, por sua vez, serão utilizadas e incorporadas a um sistema de trens urbanos e de metrô que servirão à cidade de Durban. Com isso, o Estádio e suas estruturas anexas tornam-se parte integrante da cidade, conectados à população e oferecendo eventos esportivos, novas zonas comerciais, residenciais e espaços de lazer, possibilitando que esse novo tecido urbano seja incorporado às atividades cotidianas locais.

Imagem 46: a esquerda, vista aérea do estádio e dos espaços públicos anexos ao edifício. A direita, as duas extremidades do arco que sustenta a cobertura. Fonte: www.panoramio.com. 28/01/2013.

Como citado anteriormente, a construção de um estádio de surpreendente linguagem arquitetônica não é suficiente para implementar planos de regeneração urbana em tecidos

degradados. Nesse sentido, o estádio de Durban define uma série de etapas para que as propostas apresentadas pelo projeto do edifício, especialmente na escala urbana, se consolidem, permitindo que a região de sua implantação explore ao máximo o potencial do estádio como um equipamento indutor de regeneração urbana.

Em uma primeira etapa, foram construídas as intervenções mínimas necessárias para a realização da Copa do Mundo de 2010. Essas intervenções incluíram o novo estádio, assim como eixos de circulação de pedestres que garantiam o acesso ao empreendimento, conectando-o às estações de trem anexas e ao mesmo tempo levando os espectadores a praças e espaços públicos construídos no entorno imediato do novo estádio. Esses espaços públicos foram concebidos como parte do grande parque público construído ao longo do eixo longitudinal do estádio. Esse parque é utilizado como área de concentração pública em grandes eventos, especialmente para os espectadores que acessam o estádio por meio do transporte público. Ao mesmo tempo, essas áreas livres funcionam como um entreposto entre a malha urbana adensada da cidade e o estádio de escala monumental.

Em seguida, a segunda etapa de intervenções previu o prolongamento de eixos de circulação de pedestres nas áreas verdes do parque e alinhados com o eixo transversal do estádio, conectando-o e seus espaços públicos à orla da cidade e às demais estruturas esportivas já existentes na área. Concomitantemente, serão feitos desenvolvimentos na infraestrutura de transportes de massa que serve o estádio, com a construção de uma nova estação e a construção de espaços de lazer na região norte do parque. Até 2015, serão desenvolvidas novas estruturas esportivas, como piscinas olímpicas e pistas de atletismo, assim como será reformulado o sistema viário da região e construídas quadras residenciais que irão definir a implantação do parque urbano.

Até 2020, todas as estruturas esportivas estarão concluídas, consolidando a região do estádio como um parque esportivo capaz de receber competições internacionais como os Jogos Olímpicos. Para tanto, a cidade pretende concluir, no mesmo momento, as intervenções que irão definir um novo tecido residencial no entorno do parque, podendo ser utilizado como Vila Olímpica, dando o suporte necessário a uma possível candidatura da cidade aos Jogos Olímpicos. Com isso, como foi demonstrado por Tu (2005) e Ahlfeldt e Maennig (2008), a influência positiva exercida por grandes estruturas esportivas no preço e imagem das propriedades de seu entorno pode ser um aspecto conveniente para o desenvolvimento de novos usos, comerciais e corporativos e residenciais, que ao se implantarem nos arredores do

estádio Moses Mabhida corroboram com o processo de regeneração urbana dessa região de Durban.

Imagem 47: A primeira imagem acima, apresenta a etapa inicial de intervenções realizadas nos arredores do estádio Moses Mahbida. Logo abaixo, observa-se a última etapa com as intervenções a serem realizadas no entorno do estádio, consolidando o complexo onde está implantado o estádio. W. MAENNING; DU PLESIS, p. 73, 2009.

Um grande número de estudos demonstra que, no curto prazo, a construção de um estádio ou a realização de grandes eventos esportivos internacionais não representam um impacto significativo na geração de renda ou de empregos em escala local ou regional. Entretanto, análises feitas sobre o impacto de estádios, edificadas em razão de megaeventos esportivos, sustentam que esses edifícios podem auxiliar a implementação de estratégias de desenvolvimento urbano em tecidos degradados. Para isso, a escolha do local de implantação do edifício deve ser adequada a novos processos de regeneração, de maneira que o estádio possa ser integrado ao tecido urbano existente. Com base nos edifícios analisados, fica clara a necessidade de que essas intervenções sejam orientadas por estratégias de planejamento que tenham como objetivo primordial o desenvolvimento urbano de regiões adensadas e subutilizadas das grandes cidades. Especialmente em países em desenvolvimento, essas estratégias devem observar as pressões exercidas pelas entidades organizadoras dos eventos, assim como as dinâmicas dos mercados imobiliários locais, de modo a evitar a elitização de tais intervenções e, conseqüentemente, a exclusão da população em geral.

A despeito disso, existe um movimento crescente de intervenções urbanas aliadas à construção de grandes estádios. Na maioria dos casos, trata-se de edifícios que são concebidos como elementos centrais de grandes eventos esportivos de abrangência internacional. Poucos estudos científicos têm se dedicado à compreensão dessa nova característica dos estádios contemporâneos: tornarem-se um importante monumento arquitetônico de grandes cidades, dotado de uma imagem positiva, capaz de impulsionar intervenções que tenham como objetivo principal o redesenho de tecidos consolidados, porém obsoletos e subutilizados. Só a partir dessa compreensão é que será possível identificar com clareza quais são as intervenções urbanas complementares e os sistemas de infraestrutura necessários capazes de maximizar o processo de regeneração, decorrente da construção de um estádio de última geração.

CONCLUSÃO

O estádio regenerador do espaço urbano

Mais que um edifício, uma síntese de planejamento urbano

Nas últimas décadas, projetos de requalificação urbana tornaram-se experimentos frequentes em grandes centros urbanos que buscam regenerar tecidos subutilizados. Dessa maneira, muitas cidades encontram na realização de grandes competições esportivas uma oportunidade para acelerar o processo de qualificação de seu espaço urbano. Os edifícios esportivos passaram a ser compreendidos como instrumentos indutores de desenvolvimento urbano e, assim, tornaram-se frequentes em tecidos subutilizados de grandes cidades, não apenas como bons investimentos, mas como peças centrais em planos de regeneração de áreas subdesenvolvidas. A partir desse expediente, importantes cidades ao redor do globo justificaram o seu desejo em sediar megaeventos esportivos como a Copa do Mundo ou os Jogos Olímpicos.

Vários estudiosos afirmam que a construção de um estádio de última geração, especialmente em função de megaeventos esportivos, oferece oportunidades para que uma cidade realize avanços em um curto espaço de tempo. Esse tipo de intervenção permite que problemas de infraestrutura urbana, já existentes em uma região, sejam solucionados, assim como grandes planos de expansão sejam idealizados, como no caso do Sangam Stadium em Seul, analisado no Capítulo 4 desta dissertação. Para além dos sistemas de infraestrutura, a imagem de um edifício contemporâneo ligado a uma modalidade esportiva de grande abrangência popular transforma o estádio contemporâneo em um equipamento capaz de se tornar um emblema de orgulho nacional, como pode ser observado no Stade de France em Paris. A forte imagem desse equipamento e a sua ligação com a seleção nacional influenciaram o tecido urbano de Saint-Denis, promovendo uma renovação de usos, além do incremento dos níveis de ocupação da região, por meio de equipamentos residenciais implantados nas proximidades do estádio.

A renovação dos sistemas de infraestrutura, a imagem positiva de um equipamento ligado ao esporte de massa e a atração exercida sobre a grande parte da população são elementos importantes que afirmam o potencial de um estádio de última geração como regenerador urbano. Entretanto, é notório que a simples construção de um estádio, por mais moderno que este seja, não é sinônimo de desenvolvimento urbano e econômico automático.

São cada vez mais comuns análises e estudos que demonstram a incapacidade de um estádio de última geração consolidar-se isoladamente como um equipamento regenerador de seu entorno. Experiências desenvolvidas nas últimas duas décadas nos demonstram que a ausência de planejamento que responda ao funcionamento do edifício após o evento e o íntegro ao tecido urbano existente leva o estádio a grandes períodos de desuso. Com o tempo, essas grandes estruturas tornam-se áreas subutilizadas da cidade, e em alguns casos sendo literalmente abandonadas pelos governos locais, revertendo toda a lógica de requalificação do espaço urbano ao qual se propunham originalmente.

A simples construção de grandes estádios contemporâneos não significa desenvolvimento local. Portanto, os reais benefícios atribuídos à construção dessa tipologia arquitetônica devem ser mais bem entendidos pelas cidades que os propõem, assim como as características arquitetônicas e urbanísticas que podem transformar um estádio em uma nova centralidade de uma malha urbana consolidada.

Portanto, é de grande importância que pesquisas científicas busquem entender qual o real potencial existente na construção de um edifício esportivo, sede de grandes competições. É notório que o um estádio não concentra em si mesmo os fatores necessários para consolidar processos de requalificação urbana.

O Estádio intraurbano

Um espaço torna-se efetivamente público quando este é considerado aberto e acessível a todos os cidadãos de uma cidade. Logo, pode-se afirmar que a característica primordial para que um determinado local seja considerado público é a sua localização. Um espaço público deve ser facilmente acessível e, portanto, a sua proximidade com a população e com outros usos é de grande importância. Portanto, a localização de edifícios simbólicos como grandes estádios deve seguir as mesmas premissas de outras estruturas urbanas, como as praças públicas. O estádio deve estar integrado ao tecido urbano e conectado às atividades cotidianas da comunidade local.

Nesse sentido, a escolha do local de implantação dos estádios, palcos de grandes competições, deve considerar de forma estratégica o potencial de utilização dos sistemas de transporte público existentes, a fim de garantir que os investimentos realizados sejam revertidos em melhorias nos sistemas de infraestrutura urbana.

Observa-se que a relação entre equipamentos esportivos e sistemas de mobilidade urbana possa ser a principal chave para o sucesso dessas intervenções. O estádio de futebol

contribui para estratégias de regeneração urbana à medida que se consolida como um equipamento aglutinador de vetores de transporte de massa.

A mobilidade urbana atua como elemento potencializador da capacidade de regeneração dos estádios contemporâneos. Além da acessibilidade, os sistemas de transporte de massa colaboram para que o edifício amplie seu raio de abrangência, aproximando-se de regiões afastadas de seu entorno imediato.

A partir desse expediente fica clara a importância crescente na implantação de grandes estádios no contexto urbano das grandes cidades. Esses edifícios deverão estar localizados em áreas degradadas, porém adensadas dentro da malha urbana já consolidada das grandes cidades. Nesses casos, a sua inserção urbana é passo inicial de um processo amplo de regeneração de grandes áreas metropolitanas. Com isso, a construção de um estádio de última geração poderá estruturar o crescimento e investimento em sistemas de transporte e mobilidade urbana, especialmente onde a construção desses edifícios esteja ligada à organização de grandes eventos esportivos, possibilitando a reconversão de tecidos urbanos subutilizados ou degradados pela sua ocupação anterior, como no caso de grandes áreas industriais desocupadas.

O estádio de uso misto

Segundo Kevin Lynch, as praças públicas são concebidas como pontos de diversificação de atividades em meio a áreas urbanas de alta densidade; portanto, esses espaços contêm equipamentos e usos que propiciam o convívio popular e atraem a população dos arredores. Os equipamentos urbanos, a implantação, a vegetação, os ambientes e a oferta de comércio e serviços atraem usuários e povoam o espaço vazio das praças públicas. Esses elementos diversificam as atividades desenvolvidas nesses espaços e os conectam às atividades cotidianas da população.

Da mesma maneira, os estádios poderiam se beneficiar da diversificação de seus usos, já que, assim, poderiam ampliar seu funcionamento e atrair diversos tipos de usuários, além daqueles que acompanham os eventos esportivos. O partido arquitetônico adotado por esses edifícios deve permitir desenvolvimentos futuros, como ampliações ou incorporações de outros tipos de edifícios ao corpo principal do estádio, sem que isso viesse a comprometer a harmonia estética do projeto.

A necessidade de se conectar ao cotidiano da população determinou que o edifício esportivo se transformasse em um equipamento multifuncional, capaz de incorporar ao seu programa outros usos e eventos. Além de estar conectado aos meios virtuais, esses edifícios devem agregar ao seu programa outros espaços e serviços que incrementem a sua ocupação, como hotéis, espaços corporativos, restaurantes e áreas comerciais que se utilizam da imagem esportiva como sua principal forma de propaganda. Essas soluções podem transformar o estádio contemporâneo em um centro comercial e de entretenimento que tem no esporte o seu principal meio de divulgação.

Dessa forma, o estádio de última geração aproxima-se de outras estruturas presentes nas cidades contemporâneas, como os espaços públicos descritos por Lynch, onde os usuários encontram um grande número de equipamentos de apoio, restaurantes e lanchonetes e variados serviços conectados a variados sistemas de mobilidade.

A linguagem arquitetônica

É notória a existência de uma tendência emergente na arquitetura dos estádios contemporâneos que vai além de soluções restritas à sua funcionalidade. Essa nova tendência de estádio pode ser compreendida como um reflexo do cenário de concorrência entre cidades, que tem motivado a construção edifícios icônicos com forte impacto midiático.

A análise de importantes experiências contemporâneas na concepção de estádios como regeneradores urbanos revela algumas características comuns entre esses edifícios. Primeiramente, observa-se que esses estádios estão geralmente a uma curta distância do centro da cidade. Além disso, caracterizam-se por uma arquitetura que é, pelo menos no momento de sua concepção, altamente inovadora, muitas vezes aparentemente impraticável e não funcional, mas única. São concebidos como parte de intervenções urbanas pouco convencionais, que despertam reações adversas entre variados grupos sociais. Mas, uma vez concluída a sua construção, essas opiniões mudam gradualmente, sendo revertidas em um sentimento de orgulho e identificação, como observado no estádio Olímpico de Londres.

Nesse sentido, o estádio Olímpico de Munique pode ser considerado um dos primeiros estádios a ser considerado um marco urbano pela sua linguagem arquitetônica inovadora. Desde a sua implantação, o estádio consolidou-se paulatinamente como um dos símbolos mais famosos da cidade. Ao mesmo tempo, a sua implantação consolidou um processo de ocupação do tecido urbano em seu entorno, por usos residenciais e comerciais, em uma área

antes ocupada por um antigo aeroporto. Recentemente, outras experiências como o estádio de Wembley em Londres, o Kings Park Stadium em Durban, o Allianz Arena em Munique ou o Estádio Nacional de Pequim representam experiências projetuais emblemáticas, onde novos estádios foram propostos como marcos urbanos para suas respectivas cidades.

Se, por um lado, os estádios modernos consolidam-se como ícones contemporâneos, por outro esses edifícios buscam inserir-se de maneira equilibrada nas grandes cidades. Nessa forma de abordagem, o edifício procura não perturbar o frágil equilíbrio urbano, mas se conectar às estruturas existentes da cidade, tornando-se um qualificador de seu entorno.

Apesar de sua linguagem arquitetônica inovadora, os estádios contemporâneos devem ser concebidos como intervenções urbanas qualificadoras da cidade. Dessa forma, a arquitetura dessas edificações é certamente funcional, não apenas no que se refere ao seu uso, mas na medida em que é pensado como um equipamento regenerador de seu contexto e aglutinador de sistemas de infraestrutura, como os de mobilidade urbana.

A busca por um espaço cada vez mais flexível

Para que o estádio contemporâneo se torne um equipamento regenerador de seu entorno, é necessário que novos usos sejam incorporados a esse edifício. Dentre estes, destacam-se espaços destinados ao lazer, à alimentação, ao descanso, áreas destinadas ao comércio varejista ou até mesmo a inclusão de espaços culturais, como museus em seu programa de necessidades. Com a aglutinação de usos diversos, o edifício pode intensificar seu funcionamento, assim como atrair uma parcela da população independentemente das atividades esportivas. Por exemplo, uma área dedicada a atividades culturais, como uma galeria ou museu, tem o potencial para se transformar em um atrativo para turistas e pesquisadores, ao passo que uma diversificada área de alimentação pode se transformar em um espaço de intenso uso familiar. Os usos propostos pelo programa de necessidades do estádio regenerador devem incluir espaços capazes de abrigar atividades temporárias e permanentes, que possam se moldar à vida cotidiana. Como observado no caso do Sangam Stadium em Seul, essa alternativa de projeto transforma o edifício em um polo de atividades, capaz de atender a diferentes grupos sociais, permitindo sua utilização por uma maior diversidade de pessoas.

Entretanto, a flexibilidade deverá ser característica presente na dimensão tectônica do edifício esportivo, e não meramente no uso de seus espaços internos, como observado no estádio olímpico de Londres. Dessa forma, mesmo que tenha sido projetado para grandes

eventos, como a Copa do Mundo ou os Jogos Olímpicos, a definição de flexibilidade como condicionante do sistema construtivo possibilita que o estádio acomode-se à dimensão de seu entorno e se estabeleça em um equilíbrio positivo para a cidade e conveniente para o usuário.

Assim, uma variedade de usos e eventos deve ser planejada com antecedência para garantir que o espaço ofereça atrações que continuamente tragam usuários ao estádio. Além de um centro de esportes, o edifício poderá ser utilizado em apresentações musicais e teatrais, como um espaço destinado à realização de festas populares e atividades semanais de menor porte.

As cidades, assim como o comportamento humano, são susceptíveis à mudança e, por essa razão, o projeto de um estádio regenerador deverá antecipá-la e planejá-la. Por meio da utilização de tecnologias construtivas flexíveis, o projeto desse tipo de edifício deverá conceber um espaço que é tolerante, capaz de se conectar às dinâmicas urbanas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, T. Designing the masterplan: after London's successful bid, the idea of building a legacy began to drive the design of the Olympic Park. *The Architects Journal*, p. 82, Apr. 2012.
- AHLFELDT, G.; MAENNING, W. Impact of sports arenas on land values: evidence from Berlin. *Springer-Verlag*, Berlin, p. 206-227, July 2008.
- AHLFELDT, G.; MAENNING, W. Arenas, arena architecture and the impact on location desirability: the case of "Olympic Arenas" in Prenzlauer Berg, Berlin. *International Journal of Urban Studies*, v. 46-47, p. 1343-1362, June, 2009.
- AHLFELDT, G.; MAENNING, W. Development from the perspective of urban economics. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 34, n. 3, p. 629-646, Sept. 2010.
- ANDRADE, G. *Estádios de futebol: das arenas aos circos*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, 2007.
- AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- AUSTRIAN, Z.; ROSENTRAUB, M. S. Cleveland's gateway to the future. In: NOLL, R.; ZIMBALIST, A. *Sports, jobs and taxes: the economic impacts of sports teams and stadiums*. Washington, DC: Brookings Institution Press, 1997. p. 355- 384.
- AUSTRIAN, Z.; ROSENTRAUB, M. S. Cities, sports and economic change: a retrospective assessment. *Journal of Urban Affairs*, v. 24, p. 549 - 563, 2002.
- BAADE, R. Professional sports as catalysts for metropolitan economic development. *Journal of Urban Affairs*, v. 18, p. 1-17, 1988.
- BAADE, R.; DYE, R. An analysis of the economic rationale for public subsidisation of sports stadium. *Annals of Regional Science*, Londres, v. 22, n. 2, p. 37-47, 1988a.
- BAADE, R.; DYE, R. Sports stadiums and area development: a critical review. *Economic Development Quarterly*, Londres, v. 2, n. 3, p. 265-275, 1988b.

BAADE, R.; DYE, R. The impact of stadium and professional sports on metropolitan area development. *Growth and Change*, Londres, v. 21, n. 2, p. 1-14, 1990.

BAADE, R. Home field advantage? Does the metropolis or neighborhood derive benefit from a professional sports stadium? In: WILBUR, R. (Ed.). *The Economics and politics of sports facilities*. London: Quorum Books, 2000. p. 71-93.

BERRY, J.; CARSON, D.; SMITH, M. *A multi-purpose sports stadium: in town versus out of town location*. Belfast: University of Ulster, 2007.

BIANCHINI, F. *Urban renaissance?* The arts and the urban regeneration process. Liverpool: University of Liverpool, 1990.

BIANCHINI, F.; SCHWENGEL, H. *Enterprise and heritage: crosscurrents of national culture*. Londres: Routledge, 1991.

BLACK, J. S.; LLOYD, M.G. Football stadia developments: land-use policy and planning controls. *Town Planning Review*, Liverpool, v. 65, n. 1, p. 1-20, 1994.

BLUEPRINT. The Olympics from Beijing to London. Londres, n. 269, p. 48-54, Aug. .2008.

BOURDIEU, P. *Distinction: a social critique of the judgment of taste*. Londres: Routledge, 1989.

BRAMWEL, B. Strategic planning before and after a mega event. *Tourism Management*, Amsterdam, v. 18, n. 3, p. 167-176.

BOVY, P. *Mega event transport planning and traffic management*. Lausanne: AISTS-MAS-SEMOs, 2004.

BOVY, P. *Transport and mobility management challenges for the world largest mega-event: 1992 to 2012 Summer Olympic Games*. UC-Berkley: Institute of Transportation Studies, 2007.

BOVY, P. *Mega Sports event transportation and main mobility management issues*. Disponível em <http://www.mobility-bovy.ch>. Acesso em: 15 ago. 2010.

CASHMAN, R.; HUGHES, A. *Staging the Olympics: the event and its Impact*. Sydney: University of New South Wales Press, 1999.

CERETO, Marcos P. *Arquitetura das massas: o caso dos estádios brasileiros*. 2004. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 2004.

COATES, D.; HUMPHREYS, B. R. Can new stadiums revitalize urban neighborhoods? *The Royal Statistical Society*, v. 5, n. 3, p. 294-315, 2011.

CHANAYIL, A. The Manhattan Yankees? Planning objectives, city policy, and sports stadium location in New York City. *European Planning Studies*, Londres, v. 10, n. 7, p. 875-896, Aug. 2002.

CHEMA, T. When professional sports justify the subsidy: a reply to Robert Baade. *Journal of Urban Affairs*, v. 18, n. 1, p. 19-22, 1996.

CHURCHMAN, C. Sports stadia and the landscape: a review of the impacts and opportunities arising as a result of the current development of football grounds. *Built Environment*, v. 21, n. 1, p. 6-24, 1995.

COATES, D.; HUMPHREYS, B. R. Can new stadiums revitalize urban neighborhoods? Proximity benefits and voting on stadium and arena subsidies. *Journal of Urban Economics*, v. 59, n. 2, p. 227-253, 2006.

COATES, D.; MATHESON, V. Mega events and housing costs: raising the rent while raising the roof. *Springer-Verlag*, p. 119-135, Nov. 2009.

COATES, D.; HUMPHREYS, B. R. Can new stadiums revitalize urban neighborhoods? *The Royal Statistical Society*, v. 5, n. 3, p. 294-315, 2011.

COCHRANE, A.; PECK, J.; TICKELL, A. Manchester playing games: exploring the local politics of globalization. *Urban Studies*, Londres, v. 33, n. 8, p. 1319-1336, 1996.

CROMPTON, J. Economic impact analysis of sports facilities and events: eleven sources of misapplication. *Journal of Sport Management*, Columbia, v. 9, p. 14-35, 1995.

DOBSON, N.; GRATTON, C. From city of steel to city of sport: evaluation of Sheffield's Attempt to use sport as a vehicle of urban regeneration. In: WORLD LEISURE AND RECREATION ASSOCIATION CONFERENCE, July, Cardiff, 1996.

DUFFY, Frank. How the Games will help east London realize its urbanistic potential. *The Architects Journal*, p. 82- 89, Apr. 2012.

DU PLESSIS, S.; MAENNING, W. Sport stadia, sporting events and urban development: international experience and the ambitions of Durban. *Urban Forum*, n. 20, p. 61-76, Mar. 2009.

ESSEX, S.; CHALKLEY, B. Urban development through hosting international events: a history of the Olympic Games. *Planning Perspectives*, v. 14, n. 4, p. 369-394, 1999.

ESSEX S.; CHALKLEY, B. *Urban transformation from hosting the Olympic Games*. Centre d'Estudis Olímpics (UAB) 2003. Disponível em: <<http://olympicstudies.uab.es/lectures>>. Acesso em: 16 jan. 2013.

ESSEX, S.; CHALKLEY, B. Olympic Games: catalyst of urban change. *Leisure Studies*, Londres, v. 17, n. 3, p. 187-206, Sept. 2008.

FEATHERSTONE, M. *Undoing culture: globalization, postmodernism and identity*. Londres: Sage, 1995.

GLYPTIS, S.; PACK, C. *Developing sport and leisure: good practice in urban regeneration*. Londres: Department of Environment, HMSO, 1989.

GRATTON, C.; HENRY, I. P. *Sports in the city: the role of sport on economical and social regeneration*. Londres: Routledge, 2001.

GRATTON, C.; PREUSS, H. Maximizing olympic impacts by building up legacies. *International Journal of the History of Sport*, n. 25, v. 14, p. 1922-1938, 2008.

GOLDBLAT, D. *The ball is round: a global history of soccer*. New York: River Head Books, 2006.

GOSPODINI, A. European cities in competition and new "uses" of urban design. *Journal of Urban Design*, v. 1, n. 7, p. 59-73, 2002.

HANSFORD, M. Clean up, remediation and infrastructure. *Architects' Journal*, p. 31-35, 2012.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

HILLER, H. H. Mega events, urban boosterism and growth strategies: an analysis of the objectives and legitimations of the Cape Town 2004 Olympic bid. *International Journal of Urban and Regional Research*, n. 24, p. 439-458, 2000.

HOBBSAWM, E. *Era dos extremos*: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HUBBARD, P. Urban design and city regeneration: social representations of entrepreneurial landscapes. *Urban Studies*, v. 33, n. 8, p. 1441-1461, Jan. 1996.

IANNI, O. *A era do globalismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

JAKIMOVSKA, G. *Exploring flexibility in stadium design*. Dissertation (Master in Architecture) – Massachusetts Institute of Technology, Boston, 2007.

JONES, C. The stadium and economic development: Cardiff and the Millennium Stadium. *European Planning Studies*, Londres, v. 10, n. 7, p. 819-829, Aug. 2002.

KASSENS, E. *Transportation planning for mega-events*: a model of urban change. Thesis (Doctor in Urban and Regional Planning) – Massachusetts Institute of Technology, Boston, 2009.

KASSENS, E. *Planning olympic legacies*: transport dreams and urban realities. New York: Routledge, 2012.

KING, M. J. Disneyland and Walt Disney World: traditional values in futuristic form. *The Journal of Popular Culture*, v. 15, p. 116-140.

KOOLHAAS, R. *Delírio de Nueva York*. Tradução para o espanhol de Jorge Sainz. Barcelona: Gili, 2004.

KOOLHASS, R.; CHUNG, C.; INABA, J.; LEONG, S. *The Harvard Design School guide to shopping*. Koln: Taschen, 2001.

KOOLHAAS, R. et al. *Mutaciones*. Espanha: Actar, 2001.

KLETTNER, A. London 2012: designing for legacy. *The Architects Journal*, n. 230, v. 6, p. 8-11, 2009.

LEE, P. The Economic and social justification for publicly financed stadia: the case of Vancouver's BC Place Stadium. *European Planning Studies*, Londres, v. 10, n. 7, p. 861-873, Aug. 2002.

LEUPEN, B. et al. *Proyecto y analisis: evolución de los principios en arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1999.

LEVER, Janet. *Soccer Madness: Brazil's passion for the world's most popular sport*. Long Grove: Waveland Press, 1995.

MAENNING, W.; SCHWARTHOFF, F. *Stadium Architecture and regional economic development: international experience and the plans of Durban*. Valencia: D. Torres, 2006. p. 120-129.

MARRIOT, J. Changing faces of Lea Valley. *The Architects Journal*, p. 21-27, 2010.

MENDEZ, S. *Mega event as vehicles for urban transformation*. 215 f. Dissertation (Master in Urban Planning) – Massachusetts Institute of Technology, Boston, 2010.

MONTANER, J. M. *Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2001.

MONTANER, J. M. *As formas do século XX*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2002.

MUXI, Z. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2004.

NIXDORF, S. *Stadium ATLAS: technical recommendations for grandstands in modern stadia*. Berlin: Ernst, 2008.

NEIVA, A. *Escrevendo uma história, em 60 anos de futebol no Brasil*. São Paulo: Federação Paulista de Futebol, 1955.

NELSON, A. C. Prosperity or blight? A question of major league stadia locations. *Economic Development Quarterly*, v. 15, n. 3, p. 255-265, 2001.

NESBITT, K. *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

NEWMAN, P.; TUAL, M. The Stade de France: the last expression of French Centralism? *European Planning Studies*, Londres, v. 10, n. 7, p. 831-843, Aug. 2002.

NOLL, R; ZIMBALIST, A. *Sports, jobs and taxes: are new stadiums worth the cost?* Washington DC: Brookings Institution Press, 1997.

PALAZZO, P. P. *A ordem da distinção: arquitetura cívica no período entre guerras*. 2006, Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, 2006.

PEIXOTO, E. R. A cidade genérica. *Revista Estudos*, Goiânia, v. 31, n. 11, p. 1993-2018, nov. 2004.

RICHARDSON, V. et al. The Olympics: from Beijing to London. *Blueprint*, n. 26, p. 18-19, 23, 27-28, 32-54, 65, Aug. 2008.

RIZZO, J. *Stadium development and urban renewal: a look at Washington DC*. Dissertation (Master in Architecture) – Massachusetts Institute of Technology, Boston, 2008.

RODRIGUES, F. Do velódromo ao Pacaembu: o movimento esportivo em São Paulo e a trajetória do futebol, de esporte de elite a paixão nacional. *Revista Cidade*, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 88-95, jan. 1998.

ROSENTRAUB, M. *Major League Losers*. New York: Basic Books, 1999.

RYKWERT, J. *A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTO, C. The economic impact of sports stadiums: recasting the analysis in context. *Journal of Urban Affairs*, v. 27, n. 2, p. 177-191, 2005.

SASSEN, S. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Nobel, 1998.

SEARLE, G. Uncertain legacy: Sydney's Olympic Stadiums. *European Planning Studies*, Londres, v. 10, n. 7, p. 845-860, Aug. 2002.

SEVSENKO, N. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SHEARD, R. *Stadia: a design and development guide*. London: Architectural Press, 2000.

SHEARD, R. *The Stadium: architecture for the new global culture*. Singapura: Periplus, 2004.

SKLAIR, L. The transnational capitalist class and contemporary architecture in globalizing cities. *International Journal of Urban and Regional Research*, n. 29, v. 3, p. 485-500, 2005.

SHORT, J. R. *Global metropolitan: globalizing cities in a capitalist world*. Londres: Routledge, 2004.

SPAMPINATO, Â. *Estádios del mundo: deporte e arquitectura*. Madrid: H. Kliczkowski, 2004.

TAVERNOR, R. On the art of urban design. *Revista Desígnio*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 35-58, mar. 2004.

THE NEW OXFORD AMERICAN DICTIONARY. New York: Avon Books, 1986.

THORNLEY, A. Urban regeneration and sports stadia. *European Planning Studies*, Londres, v. 10, n. 7, p. 813-818, Aug. 2002.

TU, C. How does a new sports stadium affect housing values? The case of FedEx Field. *Land and Economy*, v. 81, p. 379- 395, Aug. 2005.

VERSCHAFFEL, Bart. The monumental: on the meaning of a form. *The Journal of Architecture*, v. 4, n. 4, p. 333-336, 1999.

WESTERBEEK, H; SMITH, A. et al. *Managing sports facilities and major events*. New York: Routledge, 2006.

WOOD, Astrid. *Wasted opportunities: inequality and fragmentation in the 2010 South Africa World Cup*. Dissertation (Master in Urban Planning) – Massachusetts Institute of Technology, Boston, 2008.

YARONI, E. *Evolution of Stadium Design*. 2012. Dissertation (Masters in Civil Engineering and Environment) – Massachusetts Institute of Technology, Boston, 2012.

NEWMAN, P.; TUAL, M. The Stade de France: the last expression of French Centralism? *European Planning Studies*, Londres, v. 10, n. 7, p. 831-843, Aug. 2002.

NOLL, R; ZIMBALIST, A. *Sports, jobs and taxes: are new stadiums worth the cost?* Washington DC: Brookings Institution Press, 1997.

MUXI, Z. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2004.

PALAZZO, P. P. *A ordem da distinção: arquitetura cívica no período entre guerras*. 2006, Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, 2006.

PEIXOTO, E. R. A cidade genérica. *Revista Estudos*, Goiânia, v. 31, n. 11, p. 1993-2018, nov. 2004.

RICHARDSON, V. et al. The Olympics: from Beijing to London. *Blueprint*, n. 26, p. 18-19, 23, 27-28, 32-54, 65, Aug. 2008.

RIZZO, J. *Stadium development and urban renewal: a look at Washington DC*. Dissertation (Master in architecture) – Massachusetts Institute of Technology, Boston, 2008.

RODRIGUES, F. Do velódromo ao Pacaembu: o movimento esportivo em São Paulo e a trajetória do futebol, de esporte de elite a paixão nacional. *Revista Cidade*, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 88-95, jan. 1998.

RYKWERT, J. *A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROSENTRAUB, M. *Major League Losers*. Nova York: Basic Books, 1999.

SANTO, C. The economic impact of sports stadiums: recasting the analysis in context. *Journal of Urban Affairs*, v. 27, n. 2, p. 177-191, 2005.

SASSEN, S. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Nobel, 1998.

SEARLE, G. Uncertain legacy: Sydney's Olympic Stadiums. *European Planning Studies*, Londres, v. 10, n. 7, p. 845-860, Aug. 2002.

SEVSENKO, N. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SHEARD, R. *The Stadium: architecture for the new global culture*. Singapura: Periplus, 2004.

SHEARD, Rod. *Stadia: a design and development guide*. London: Architectural Press, 2000.

SKLAIR, L. The transnational capitalist class and contemporary architecture in globalizing cities. *International Journal of Urban and Regional Research*, n. 29, v. 3, p. 485-500, 2005.

SHORT, J. R. *Global metropolitan: globalizing cities in a capitalist world*. Londres: Routledge, 2004.

SPAMPINATO, Â. *Estádios del mundo: deporte e arquitectura*. Madrid: H. Kliczkowski, 2004.

TAVERNOR, R. On the art of urban design. *Revista Desígnio*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 35-58, mar. 2004.

THE NEW OXFORD AMERICAN DICTIONARY, Nova York: Avon Books, 1986.

THORNLEY, A. Urban regeneration and sports stadia. *European Planning Studies*, Londres, v. 10, n. 7, p. 813-818, Aug. 2002.

TU, C. How does a new sports stadium affect housing values? The case of FedEx Field. *Land and Economy*, v. 81, p 379- 395, Aug. 2005.

VERSCHAFFEL, Bart. *The Monumental: on the meaning of a form*. The Journal of Architecture. V. 4, p. 333-336.

WESTERBEEK, H; SMITH, A.; et al. *Managing Sports Facilities and Major Events*. Nova York: Routledge, 2006.

WOOD, Astrid. *Wasted opportunities: inequality and fragmentation in the 2010 South Africa World Cup*. Dissertation (Master in urban planning) – Massachusetts Institute of Technology, Boston, 2008.

YARONI, E. *Evolution of Stadium Design*. 2012. Dissertação (Masters in in civil engeneering and environment) – Massachusetts Institute of Technology, Boston, 2012.